



PROPOSTAS PEDAGÓGICAS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

AUTORIA

ENELI GOMES DE LIMA, GABRIEL
FRANCISCO SALAMON, LETICIA LIDIA
VOLTOLINI, GUILHERME SANT ANA
MOYSES KHOURY, BRU WERUK
ALEXANDRE MEDEIROS, LUIZ FELIPE
CORDEIRO SERIGHELLI, THEO
CRISTINI GROTHE MEES, JUAN CESAR
KOCHHANN SANTOS, JAMILLI
PEREIRA DOS SANTOS NOGUEIRA,
SERGIO PEDRO CARPEGGIANI
JUNIOR, GIOVANA PEDRONI E
RENATO HAJENIUS ACHÉ DE FREITAS

ENSINAR E INCLUIR: Propostas pedagógicas sobre gênero e sexualidade

CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - CCB
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
FLORIANÓPOLIS - SC, 2024

© 2024 Miolhe - PET Biologia UFSC

ILUSTRAÇÃO

LETICIA LIDIA VOLTOLINI

DIAGRAMAÇÃO

ENELI GOMES DE LIMA, GABRIEL FRANCISCO
SALAMON, GUILHERME SANT ANA MOYSES KHOURY,
JUAN CESAR KOCHHANN SANTOS, JÚLIA CORRÊA
MARTINS, GIOVANA PEDRONI E LETICIA LIDIA
VOLTOLINI

REVISÃO GERAL

LUIZ FELIPE CORDEIRO SERIGHELI, ENELI
GOMES DE LIMA, GABRIEL FRANCISCO
SALAMON, JÚLIA CORRÊA MARTINS, JUAN
CESAR KOCHHANN SANTOS, GUILHERME
SANT ANA MOYSES KHOURY, BRU WERUK
ALEXANDRE MEDEIROS, THAI TOLEZANI,
SÉRGIO PEDRO CARPEGGIANI JUNIOR,
THEO CRISTINI GROTHE MEES, GIOVANA
PEDRONI, SARA LINS CÂNDIDO E RENATO
HAJENIUS ACHÉ DE FREITAS

REVISÃO TÉCNICA

BRUNO TAVARES

E59 Ensinar e incluir [recurso eletrônico]: propostas pedagógicas sobre gênero e sexualidade / Eneli Gomes de Lima ... [et al.] ; il. Leticia Lidia Voltolini. – Florianópolis: UFSC, 2024.
221 p.: il., gráfs., tab.

E-book (PDF)
ISBN 978-85-8328-257-0
Disponível em: <https://petbiologia.ufsc.br>

1. Ensino. 2. Educação sexual. 3. Professores – Formação. I. Lima, Eneli Gomes de. II. Voltolini, Leticia Lidia.

CDU: 613.88

Elaborada pela bibliotecária Dênira Remedi – CRB-14/1396

PREFÁCIO

Falar de temas controversos e tabus é muito difícil. Lecionar sobre eles então, nem se fale. Foi através do entendimento desse grande desafio que um grupo de pessoas se abraçou e decidiu que era necessário produzir um material que ajudasse nisso. Esse grupo faz parte do SubProjeto “Miolhe” do PET (Programa de Educação Tutorial) Biologia da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

Parte do impulso dado neste livro vieram das práticas e ações do grupo nas escolas, bem como das censuras que o grupo teve ao tentar trabalhar alguns tópicos em determinadas instituições em Santa Catarina. Isso somente exacerbou em nossos olhos a necessidade urgente de lançarmos esse material. Em 2020, na Pandemia, por não poder estarmos atuando de maneira presencial iniciamos as discussões e os primeiros rascunhos do que iria ser este livro.

Entendemos que esse material tinha que ser destinado às pessoas que lecionam nas escolas e em outros espaços no sentido de facilitar a sua prática docente nesses temas e servir de apoio atualizado, referenciado e com propostas pedagógicas concretas e factíveis com sugestão de material.

• Prefácio •

A temática do livro no seu sentido amplo está no contexto que abarca a Sexualidade, Gênero e Educação Sexual, sendo que muitos dos textos e subtemas aqui são polêmicos, para dizer o mínimo, e conseqüente dificuldade de ser explanado e/ou trabalhado em sala de aula. Muitas das vezes são até mesmo colocados de lado por não acharem que isso poderia ser ministrado em aula ou por acreditar que isso deveria ser trabalhado somente no núcleo familiar.

Por fim, esse livro foi ilustrado pela egressa do nosso grupo PET, Letícia Lidia Voltolini, e contém doze capítulos que permeiam muitos temas tabus, outros nem tanto. Independentemente possui tanto informações históricas quanto atuais que, muitas vezes, são necessárias até mesmo para entender e conviver nessa sociedade atual, pois muitos dos temas tratados evoluem rapidamente.

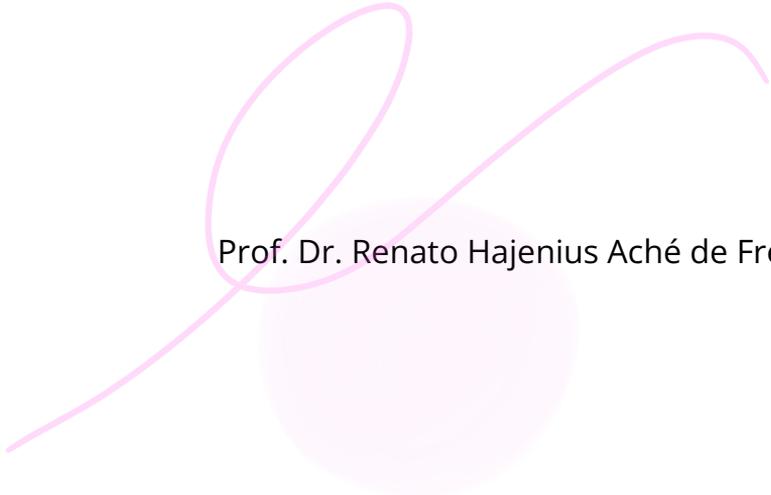
Esse livro só pôde chegar aqui pelo esforço coletivo de muitas pessoas, sejam elas autoras aqui ou que fizeram parte da Miolhe. Mas também pelo entusiasmo e apoio de outras tantas pessoas que contribuíram com o Projeto em palestras, ações,

• Prefácio •

debates, entre outras atividades. Também vale mencionar que só alcançamos esse produto (diga-se de passagem: lindo, ótimo e necessário) pela evolução constante da Miolhe que já teve outro nome (Sexualidade) e que tratava basicamente de Infecções Sexualmente Transmissíveis.

Foi essa evolução e proximidade com a sociedade que este livro também evoluiu. Ressalto que as pessoas que estão e estiveram na Miolhe me ensinaram e me ensinam demais. Particularmente, sinto que evoluí (não no sentido biológico) muito por conta de estar tutor do PET Biologia da UFSC e, conseqüentemente, ser membro Miolhe, assim, sou muito grato por toda essa oportunidade.

Espero que gostem da leitura e que sugiram esse livro para outras pessoas, professores e escolas.



Prof. Dr. Renato Hajenius Aché de Freitas

SUMÁRIO

1. Calendário	10
2. Crimes sexuais	16
3. Feminismo	41
4. Glossário Miolhe	75
5. IST	92
6. Linguagem Inclusiva	129
7. Masculinidade tóxica	140
8. Métodos contraceptivos	150
9. Padrões de beleza	182
10. Pornografia	190
11. Relacionamentos abusivos ...	210
12. Virgindade	220

CALENDÁRIO

por Gabriela Vilvert Vansuita, Gabriel Francisco
Salamon e Luiz Felipe Cordeiro Serighelli



• Capítulo 1 - Calendário •

A proposta de um calendário transpassa a simples função de organização humana, eles também contribuem para registrar a evolução de eventos que são importantes e revolucionários. Com esse registro é possível reconhecer e celebrar marcos fundamentais para a luta, conquistas de direitos, visibilidades e reconhecimentos que transformam essas datas em dias memoráveis.

29 de janeiro:

Dia Nacional da Visibilidade
Trans

Podcast: Cultura Travesti (2020)

16 a 22 de janeiro:

Semana da Consciência do
Espectro Arromântico

Série: Heartstopper (2022)
(Temporada 2, episódio 7)

08 de março: Dia
Internacional da Mulher

Filme: Terra Fria (2005)

21 de março:

Dia Internacional pela
Eliminação da
Discriminação Racial

Música: AmaRelo - Emicida feat.
Pablo Vittar e Majur. (2019)



• Capítulo 1 - Calendário •

25 de março: Dia Nacional do Orgulho LGBTQIAPN+

Filme: Hoje eu quero voltar sozinho (2014)

31 de março: Dia Internacional da Visibilidade Trans

Filme: Tomboy (2011);
Série: POSE (2018);
Podcast: Degenerados.

19 de abril: Dia da Pessoa Indígena

Filme: A Última Floresta (2021)

17 de maio: Dia Internacional de Combate à Homofobia

Filme: Orações para Bobby (2009)

18 de maio:
Dia Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual Infanto-juvenil

Filme: Preciosa. (2009)
Entrevista: Programa Provoca - Silvero Pereira. (2021)

19 de maio: Dia do Orgulho Agênero

Canal Youtube: Cup (@apenascup) (2021)

• Capítulo 1 - Calendário •

24 de maio: Dia da
Consciência e Visibilidade
Pansexual

Post: Todxs - Facebook (2021):

Use este
QRcode e
acesse a obra
original!



28 de junho: Dia
Internacional do Orgulho
LGBTI+

Filme: A Morte e vida de Marsha P.
Johnson (2017)

17 de julho: Dia
Internacional da Drag
Queen

Filme: Paris is burning (1990).

25 de julho: Dia da Mulher
Negra Latino-Americana e
Caribenha

Canal YouTube: Tribunal Regional
Eleitoral - Dia Internacional da
Mulher Negra Latino-Americana e
Caribenha: uma data para reflexão.
(2023);

Música: 'Tereza de Benguela - Uma
Rainha Negra no Pantanal'; Escola de
samba Unidos do Viradouro. (1994).

7 de agosto: Data da
sanção da Lei nº
11.340/06
(Lei Maria da Penha)

Canal YouTube: Instituto
Maria da Penha.

• Capítulo 1 - Calendário •

10 de agosto: Dia Nacional de Luta Contra a Violência à Mulher

Tedtalk: "Como começa a violência doméstica", Dora Figueiredo, TEDx Parque Do Ingá. (2019).



29 de agosto: Dia Nacional da Visibilidade Lésbica

Série: Black Mirror - Temporada 3 (Episódio 4 - San Junipero). (2016).

20 de novembro: Dia da Consciência Negra

Documentário: Libertem Angela Davis (2012).

1 de dezembro: Dia Mundial de Luta contra AIDS

Filme: Clube de compras Dallas (2013).
Documentário da Netflix: "Carta Para Além dos Muros". (2019).

8 de dezembro: Dia da Pansexualidade

Música: Pansexuality, K.C.

REFERÊNCIAS

ACCOR. **Dia do Orgulho LGBT: entenda mais sobre a data e confira algumas dicas para comemorar. entenda mais sobre a data e confira algumas dicas para comemorar.** 2022. Disponível em: <https://all.accor.com/pt-br/brasil/magazine/one-hour-one-day-one-week/dia-internacional-do-orgulho-gay-2020-o-amor-sem-pre-em-foco-321e6.shtml>. Acesso em: 26 set. 2023.

BBC. **Dia Internacional da Mulher: a origem operária a do 8 de março. a origem operária do 8 de Março.** 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/03/08/dia-internacional-da-mulher-a-origem-operaria-do-8-de-marco.ghtml>. Acesso em: 26 set. 2023.

SECRETARIA DA JUSTIÇA E CIDADANIA. **Calendário de Datas Afirmativas.** Disponível em: <https://justica.sp.gov.br/index.php/coordenacoes-e-programas/coordenacao-de-politicas-para-a-diversidade-sexual/calendario-de-datas-afirmativas/>. Acesso em: 26 set. 2023.



CRIMES SEXUAIS

por Eduarda Ecco, Gabriel Francisco Salamon,
Guilherme Sant Ana Moyses Khoury e Leticia
Lidia Voltolini



• Capítulo 2 - Crimes Sexuais •

O que diz a **legislação brasileira** a respeito? Existe crime sexual **dentro do matrimônio**? **Pedofília, pornografia infantil, estupro e violência obstétrica.**

Crimes sexuais estão entre os mais comuns no Brasil, sendo que os casos divulgados pela mídia representam apenas uma pequena parcela de vítimas, sem mencionar as ocorrências que nunca chegaram ao conhecimento dos órgãos de proteção. A violência sexual ainda é bastante negligenciada pela sociedade brasileira e muitas pessoas não sabem o que define o abuso, por conta disso, a omissão é a principal causa dos crimes sexuais no país. Dialogar sobre abuso sexual e suas consequências é de suma importância para prevenção dos casos e proteção das vítimas.

Sabendo disso, a Miolhe busca informar como este tema pode ser abordado em ambiente escolar e como podemos identificar e acolher estas vítimas, uma vez que a escola é um dos locais no qual é possível observar mudanças de comportamento que podem estar relacionados à violência no ambiente familiar e/ou escolar.

• Capítulo 2 - Crimes Sexuais •

Segundo a lei nº 12.015/2009 da Constituição Brasileira, caracteriza-se crime sexual todo e qualquer ato contra a dignidade e/ou liberdade sexual. Portanto, existem diferentes tipos de abuso, visto que a violência sexual não se resume a penetração forçada, por exemplo.

Tipos de crimes sexuais:

- **Contra a liberdade sexual:** Qualquer atividade sexual cometida sem o consentimento da vítima.
- **Estupro:** Impor a prática sexual mediante violência ou ameaça;

***Pena: reclusão, de 6 (seis) a 10 (dez) anos;**

Em 2021, o Brasil registrou 1 (um) estupro a cada 8 (oito) minutos

75,8% das vítimas de estupro no Brasil em 2022, eram incapazes de consentir (Menores de 14 e/ou com alguma deficiência, enfermidade etc.). (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023).

• Capítulo 2 - Crimes Sexuais •

- **Violação sexual mediante fraude:** Praticar ato sexual com alguém mediante fraude sobre sua identidade;

*Pena: reclusão, de 2 (dois) a 6 (seis) anos.

- **Assédio sexual:** Ato de constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual.

*Pena: reclusão, de 1 (um) a 2 (dois) anos.

*Em 2019, 14,6% de escolares do 9º ano já sofreram algum tipo de violência sexual, desde assédio até estupro** (Brasil, 2022)

8 em cada 10 vítimas de violência sexual eram menores de idade (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023).

- **Favorecimento da prostituição ou outra forma de exploração sexual:** Induzir alguém à prostituição ou outra forma de exploração sexual;

*Pena: reclusão, de 2 (dois) a 5 (cinco) anos, e multa.

- **Rufianismo:** Tirar proveito da prostituição alheia com participação nos lucros, por violência ou grave ameaça;

*Pena: reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa.

• Capítulo 2 - Crimes Sexuais •

- **Tráfico internacional de pessoa para fim de exploração sexual:** Promover ou facilitar a saída ou a entrada de alguém, no território nacional, para que ela exerça a prostituição ou outra forma de exploração sexual;

*Pena: reclusão, de 3 (três) a 8 (oito) anos.

- **Tráfico interno de pessoa para fim de exploração sexual:** Promover ou facilitar o deslocamento de alguém, dentro do território nacional, para que ela exerça a prostituição ou outra forma de exploração sexual;

*Pena: reclusão, de 2 (dois) a 6 (seis) anos.

CONTRA VULNERÁVEL:

Crimes sexuais cometidos contra crianças e jovens ou pessoas incapazes de oferecer resistência.

***Pedofilia:** Transtorno da sexualidade no qual um indivíduo a partir de 16 (dezesesseis) anos sente atração, tem fantasias ou pratica qualquer atividade sexual com menores de 14 (catorze) anos. Para menores de 18 (dezoito) anos serem considerados pedófilos deve existir uma diferença de até 5 (cinco) anos entre o indivíduo e a criança.

• Capítulo 2 - Crimes Sexuais •

- **Estupro de vulnerável:** Praticar ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos ou com pessoas incapazes de consentir por outros motivos ou oferecer resistência;

*Pena: reclusão, de 8 (oito) a 15 (quinze) anos.

- **Satisfação de lascívia mediante presença de criança ou adolescente:** Praticar conjunção carnal mediante a presença de alguém menor de 14 (catorze) anos;

*Pena: reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos.

- **Favorecimento da prostituição ou outra forma de exploração sexual de vulnerável:** Submeter alguém menor de 18 (dezoito) anos a praticar a prostituição, ou alguém sem o discernimento necessário para praticar o ato;

*Pena: reclusão, de 4 (quatro) a 10 (dez) anos.

Quem são as vítimas?

Crianças e adolescentes estão entre as principais vítimas de abuso sexual no Brasil, sua vulnerabilidade é vista pelos abusadores como meio para seduzi-las e manter a relação entre eles em segredo.

• Capítulo 2 - Crimes Sexuais •

O maior número de casos de abuso ocorre com meninas, de idade entre 12 e 14 anos, ensino fundamental incompleto e geralmente de baixo nível socioeconômico (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023).

Quem são os abusadores?

É bastante comum que os abusadores apresentem histórico de problemas com violência doméstica e/ou abuso de drogas. Em sua maioria são homens cisgênero, os quais geralmente são próximos ou parte do núcleo familiar das vítimas - como maridos, pais, vizinhos, padrastos e amigos da família -, o que dificulta o combate dos casos (Conte; Simon, 2021). Segundo dados da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ONDH), cerca de 70% das vítimas de abuso sexual infantil moram com seus abusadores. Além disso, um estudo sobre mães adolescentes num hospital de Lima revela que 90% das mães entre 12 e 16 anos tinham sido estupradas e que, em sua grande maioria, o agressor foi o pai, o padrasto ou outro parente próximo. Outra entidade para mães adolescentes, na Costa Rica, relata que 95% das grávidas com menos de 15 anos são vítimas de incesto.



• Capítulo 2 - Crimes Sexuais •

64,4% dos casos, o abusador são familiares da vítima. E 21,6% são conhecidos da vítima* (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023)

[...]68,3% dos casos somados de estupro e estupro de vulnerável ocorreram na residência da vítima* (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023)

Levantamentos de dados atuais têm mostrado que a pandemia de COVID-19 prejudicou as ações de proteção de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. No início da pandemia houve uma diminuição no número de denúncias de violência contra crianças e adolescentes, entretanto, isso não significa que os casos diminuíram. Pelo contrário, a estimativa é de que esses casos tenham aumentado ainda mais nesse período.

Muitas das denúncias de violência sexual são feitas por órgãos de proteção externos, como escolas e unidades de saúde, e com o isolamento social a exposição das vítimas diminuiu à essa rede de proteção. Deste modo, crianças e adolescentes tornaram-se mais vulneráveis aos crimes de abuso, uma vez que, em sua maioria, os crimes ocorrem dentro do ambiente domiciliar. (BOHNENBERGER, M. BUENO, S, 2020).

• Capítulo 2 - Crimes Sexuais •

Como identificar o abuso sexual? (SECRETARIA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2018):

Todo o contexto social envolve crenças Autores: por condutas imprudentes por parte dos Autores: , que dificultam na identificação dos casos. A ingenuidade da criança e do adolescente muitas vezes interfere na capacidade de perceber a situação como um ato de violência. Dessa forma, é importante que as pessoas a sua volta fiquem atentas para identificar possíveis sinais de abuso.

Alguns dos comportamentos mais comuns que podem ser associados à violência sexual são:

- **Mudanças de hábito e comportamento:** isolamento, quietude, desconfiança, falta de concentração, transtornos de sono;
- **Mudanças de humor:** agressividade, tristeza;
- **Proximidade excessiva de alguém com a criança ou rejeição a alguma pessoa;**
- **Manifestações psicossomáticas:** gaguejos, ansiedade excessiva, tremores, isolamento, entre outros;
- **Sinais físicos:** marcas, lesões, roxos, dores e/ou inchaços nas regiões genitais;

• Capítulo 2 - Crimes Sexuais •

- **Presença de infecções sexualmente transmissíveis;**
- **Segredos que não podem compartilhar: receber presentes ou dinheiro;**
- **Queda no rendimento escolar;**

A violência sexual fere os direitos humanos e pode causar danos sérios nas vítimas, deixando sequelas físicas (lesões nos órgãos genitais, infecções, gravidez indesejada, entre outros) e/ou psicológicas (transtorno de estresse pós-traumático, baixa autoestima, depressão, disfunção sexual, etc.). Eventos traumáticos podem deixar sequelas que impactam por toda a vida, por isso é importante debatermos sobre as formas de preveni-lo e amenizar seus danos no contexto pós-violência.

RELAÇÃO ENTRE GÊNERO E ABUSO SEXUAL:

Um levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostra que mais de 100 mil meninas e mulheres sofreram violência sexual entre março de 2020 e dezembro de 2021. Além disso, o Brasil teve um estupro a cada 10 minutos e um feminicídio a cada 7 horas em 2021. Dados como esses ressaltam a cultura do estupro e a desigualdade de gênero presente em nossa sociedade.

• Capítulo 2 - Crimes Sexuais •

A desigualdade de gênero cria abismos entre as visões de corpos vistos como femininos dos vistos como masculinos. Corpos rotulados como femininos, em uma amplitude histórica, são amplamente objetificados e sexualizados desde muito cedo e, por muito cedo, queremos dizer desde o nascimento. É comum ouvirmos aquela frase: “Ah, mas com a roupa que ela estava usando, é claro que isso iria acontecer” - para justificar abusos e assédios, voltando a culpa para a vítima e não para a cultura do estupro e para o abusador.

Em contraste, recentemente, enquanto esta cartilha era escrita, houveram muitos casos de abuso sexual que estouraram nas mídias, e um deles chamou muita atenção, já que o estupro foi feito por um médico anestesista, Giovanni Quintella Bezerra, contra uma mãe que estava dando a luz em um hospital (Torres, 2022). Em casos como esse, qualquer argumento, por mais incabível que seja, perde credibilidade. Não era a roupa que ela estava usando ou mesmo o lugar que ela estava ocupando que impediram que o estuprador agisse.

Mulheres cis, trans, pessoas não-binárias e pessoas que fogem dos padrões da heterocisnormatividade são alvos de críticas, abusos e assédios a todo o tempo e, principalmente nesses casos, a culpabilização da vítima é naturalizada.

• Capítulo 2 - Crimes Sexuais •

Nesse cenário, vemos um crescente número de denúncias de casos de violência sexual envolvendo racismo, lgbtqia+fobia e machismo. Além disso, também se observa uma parcela significativa de casos envolvendo meninos ou homens como vítimas desses abusos, por não se encaixarem no modelo de “homem macho” pregado pela cisheteronorma. Essas vítimas são vistas como pessoas “afeminadas” por fugirem desse “padrão” e por isso são julgadas como passíveis de sofrer abusos. Um exemplo disso é o relato feito pelo ator Silvero Pereira, que foi abusado aos 7 anos, sendo chamado de “mulherzinha” pelo abusador, além de sofrer ameaças dele. De acordo com o Disque 100, em 2020 foram recebidas 23.311 denúncias em todo o Brasil, sendo que 36,97% das vítimas são do sexo masculino. Essa masculinidade tóxica faz com que, assim como nos casos dos outros perfis de vítima, as do sexo masculino fiquem caladas por medo de sofrerem mais agressões (Childhood Brasil, 2021).

Também é importante considerar que os abusos são originados, em sua maioria, por pessoas da família ou próximas da vítima, ocorrendo também dentro de relacionamentos amorosos (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023).

• Capítulo 2 - Crimes Sexuais •

A cultura da submissão e da objetificação de nossos corpos e vontades nos leva desde cedo a acreditar que, dentro de um relacionamento, devemos fazer as vontades da outra pessoa, muitas vezes em contraposição às nossas, e que é comum ter que arranjar desculpas ou “fugir” de uma relação sexual, ao invés de comunicar e expressar aquilo que sentimos. Ninguém tem a obrigação de transpassar os limites de seu próprio corpo e de sua dignidade, em nenhuma circunstância.



O que fazer e como se proteger se você ou algum conhecido seu for vítima de abuso sexual? E qual o papel da escola acerca deste tema?

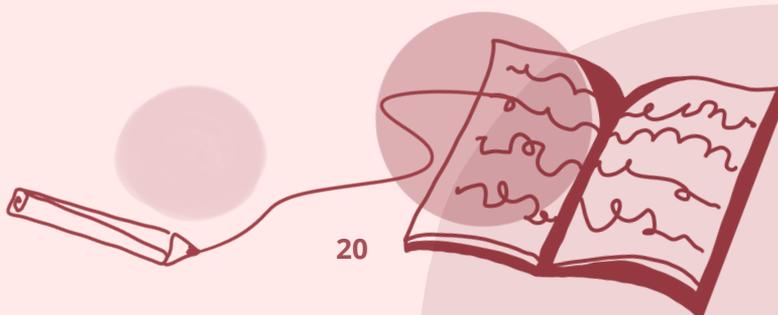
Quando se está dentro de uma situação de abuso, principalmente sexual, não se sabe muito bem a quem recorrer ou como agir. Isso se dá pela falta de apoio e informação que temos em nossas vidas desde a infância, e pela culpabilização, manipulação e ameaças que a vítima está exposta. Como todo o assunto que engloba temas sexuais é visto como tabu quando comunicado a crianças, ou mesmo entre adultos, não temos, socialmente, um espaço seguro e acolhedor para informar e denunciar certas situações.

• Capítulo 2 - Crimes Sexuais •

Quanto mais cedo se toma consciência sobre o próprio corpo e sobre os direitos que temos sobre nós mesmos, mais fácil fica prevenir e/ou identificar o abuso, seja em casa ou na rua.

A criança tem que estar ciente do próprio corpo, saber as partes que não podem ser tocadas e saber que tem o direito de dizer não, para qualquer que seja a parte do corpo ou pessoa.

A escola é um dos locais, além de casa, em que as crianças passam a maior parte do tempo, sendo muito comum que professores, pedagogas e demais pessoas da equipe escolar notem alguns comportamentos que podem evidenciar situações de abuso e também tenham espaço para trabalhar estes temas. Além disso, o ambiente escolar é um lugar de formação e acolhimento não só das crianças, mas também da família. É importante que esse seja um espaço onde haja acolhimento e diálogo sobre esse tema, um espaço de construção de conhecimento sobre o mundo e sobre si, e não de julgamentos, opressões e acusações, como muitas vezes acontece.



• Capítulo 2 - Crimes Sexuais •

Projetos como a Miolhe buscam construir espaços no ambiente escolar em que temas como estes sejam tratados com naturalidade e que se tornem comuns e acessíveis às crianças, adolescentes e às pessoas do grupo escolar. É comum, também, que depois de aulas ou atividades que tratam desses temas, denúncias por parte das crianças e adolescentes apareçam às professoras.

**“E quando isso acontece, fora ou dentro do ambiente escolar, como proceder?”
Atendimento, auxílio terapêutico, medidas legais e de segurança;**

Após um caso de abuso sexual, a primeira coisa a se fazer é procurar uma Unidade Básica de Saúde para realizar os procedimentos de auxílio, registro e atendimento à vítima. O atendimento médico deve ser preferencialmente feito por uma profissional mulher, para conforto e segurança da vítima, e cabe aos profissionais de enfermagem explicarem todos os procedimentos que serão feitos para que a vítima esteja ciente das análises e que sinta segurança e acolhimento no ambiente clínico.

• Capítulo 2 - Crimes Sexuais •

Em Santa Catarina foi instituído pela Lei 17.995, publicada no Diário Oficial do Estado, um Programa de Atenção às Vítimas de Estupro em conjunto com os CRAS (Centros de Referência de Assistência Social), os CREAS (Centros de Assistência Especializados de Assistência Social) e Centros de Referência de Atendimento à Mulher de Santa Catarina. O programa tem o intuito de prestar atendimento e identificar provas periciais que possam ajudar a vítima legalmente.

Considerando o grande estresse pós-traumático em que as vítimas se encontram após o abuso, é necessário agir o quanto antes, em termos de auxílio e acompanhamento psicológico. Socialmente e até clinicamente, esse tipo de trauma não recebia a devida atenção ou credibilidade acerca da sua influência no estado de bem-estar da pessoa que vivenciou direta ou indiretamente o trauma. Porém, foi a partir da década de 1980 que profissionais da saúde mental reconheceram que o estresse pós-traumático causa grave sofrimento e afeta grandemente a qualidade de vida da vítima em vários aspectos, principalmente sociais e relacionais consigo mesma e com as tarefas do cotidiano. (MONSON et al., 2016).

• Capítulo 2 - Crimes Sexuais •

Assim, existem alguns programas municipais de atendimento psicológico às vítimas de abuso sexual, principalmente voltados a mulheres, mães e crianças. Normalmente, por protocolo, profissionais da saúde que atendem a vítima após o abuso a direcionam para o atendimento psicológico quando finalizado o processo de atendimento físico.

Em caso de proteção da dignidade e integridade da vítima durante todo o processo legal, podemos citar a recente Lei Mariana Ferrer, Lei nº 14.245/2021, que coíbe atos atentatórios à dignidade da vítima, em resposta ao abuso de agentes públicos que torturaram a vítima de estupro e agressões sexuais pelo estuprador André de Camargo Aranha.

Em casos de abusos identificados no ambiente escolar, o ideal é procurar o Conselho Tutelar ou fazer uma denúncia na Delegacia de Polícia. O importante é que a escola não atue sozinha e conte com a rede de proteção do território. A denúncia pode ser feita aos Conselhos Tutelares, às Polícias Civil e Militar e ao Ministério Público. Outra opção é o Disque 100, o canal de atendimento do Disque Direitos Humanos.

• Capítulo 2 - Crimes Sexuais •

PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

Cine-debate/Roda de Conversa

Como momento inicial da proposta deve-se desenvolver os conteúdos e informações presentes neste capítulo. Além disso, sugere-se que as pessoas condutoras dessa roda de conversa explorem o guia de orientação para os profissionais de ensino *A Escola Contra o Abuso Sexual Infantil*, produzido pelo governo do estado de São Paulo e disseminada para o restante do país.

Além do mais, é crucial se apropriar das informações presentes no site da Childhood Brasil, as quais possibilitam uma tradução mais simples dos temas a serem trabalhados.

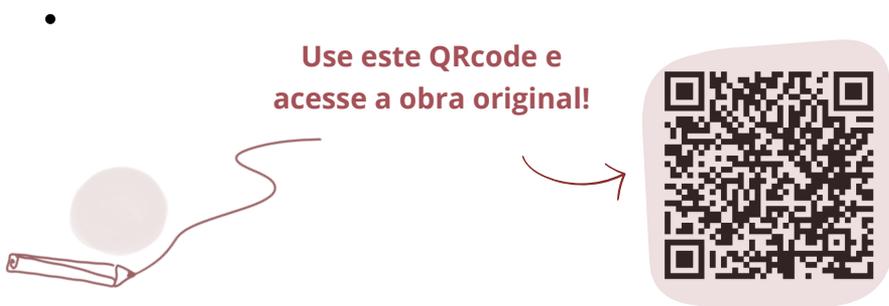
Em seguida, sugere-se organizar a sala/espço de ensino em roda para que possibilitar discussões, sendo apresentada uma dessas mídias:

**Use este QRcode e
acesse a obra original!**



• Capítulo 2 - Crimes Sexuais •

- **Opção 1:** vídeo curto **TEMPO DE SER CRIANÇA** produzido pela Childhood Brasil. Ela é uma organização brasileira que integra a World Childhood Foundation (Childhood), instituição internacional, criada em 1999 pela Rainha Silvia da Suécia com o intuito de combater a violência sexual de crianças e adolescentes e incentivar a denuncia e informa a população.
- **Opção 2:** documentário **UM CRIME ENTRE NÓS** o qual apresenta a triste característica de que o Brasil é o segundo país no ranking mundial dos casos de exploração sexual infantil. Além de fazer uma paralelo multidisciplinar entre as áreas de conhecimento da sociedade sobre o tema. Tempo: 59min:42seg; Livre para o público acima de 14 anos.



Esses vídeos trazem informações e estatísticas sobre os casos de abuso infantil no Brasil e faz um contraste sobre quais são os rituais socioculturais que as crianças e adolescentes passam em suas vidas e como a experiência do abuso sexual afeta esse momentos.

• Capítulo 2 - Crimes Sexuais •

Sabendo disso, para iniciar a discussão, propõe-se construir coletivamente o conceito de infância e adolescência, uma ferramenta/recurso pedagógica interessante para isso seria a formação de uma nuvem de palavras que remetem a esses conceitos e escrevê-las em um quadro e, sempre que possível, conectar essas palavras à discussão.

Em seguida, torna-se interessante falar quais são os crimes sexuais condenáveis no Brasil, qual a relação de vulnerabilidade de gênero e sexualidade em relação ao abuso na sociedade, quais são os perfis das pessoas criminosas, quais são o procedimentos para denunciar um ato de crime sexual, explorar o que é consentimento, entre outros tópicos que a pessoa condutora dessa atividade e das demais participantes acreditarem ser interessantes para essa discussão.



REFERÊNCIAS

BAPTISTA, R. S. et al. **Caracterização do abuso sexual em crianças e adolescentes notificado em um Programa Sentinela.** Acta Paulista de Enfermagem, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 602-608, 2008.

BOHNENBERGER, M.; BUENO, S. **Os registros de violência sexual durante a pandemia de covid-19.** Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo, 2020.

BRASIL. **Lei nº 12.015, de 07 de agosto de 2009. Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal e revoga a Lei nº 2.252, de 1º de julho de 1954, que trata de corrupção de menores.** Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2009. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=10/08/2009>. Acesso em: 23 ago. 2023.

• Capítulo 2 - Crimes Sexuais •

BRASIL. Ministério da Economia. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar: análise de indicadores comparáveis dos escolares do 9º ano do ensino fundamental, municípios das capitais, 2009/2019**. 46. ed. Rio de Janeiro: Impresso no Brasil, 2022.

Brasil. **Lei nº 14.245, 22 de novembro de 2021**. Altera os Decretos-Leis nos 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), e 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), e a Lei nº 9.099, de 26 de setembro de 1995 (Lei dos Juizados Especiais Cíveis e Criminais), para coibir a prática de atos atentatórios à dignidade da vítima e de testemunhas e para estabelecer causa de aumento de pena no crime de coação no curso do processo (Lei Mariana Ferrer). Brasília, DF, Diário Oficial da União, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=515&pagina=1&data=23/11/2021>.

Brasil. **Lei Nº 17.995, de 2 de setembro de 2020**. Institui o Programa de Atenção às Vítimas de Estupro, com objetivo de dar apoio e identificar provas periciais. Santa Catarina, Governo do Estado, 2020. Disponível em: http://leis.alesc.sc.gov.br/html/2020/17995_2020_lei.html.

• Capítulo 2 - Crimes Sexuais •

Childhood Brasil. **O abuso sexual contra meninos existe: e também merece sua atenção. E também merece sua atenção.** 2021. Disponível em: <https://www.childhood.org.br/o-abuso-sexual-contra-meninos-existe-e-tambem-merece-sua-atencao/>. Acesso em: 20 out. 2023.

CONTE, Jon R.; SIMON, June. **Child Sexual Abuse Disclosure and Forensic Practice. Handbook Of Interpersonal Violence And Abuse Across The Lifespan**, [S.L.], p. 771-787, 13 out. 2021. Springer International Publishing. http://dx.doi.org/10.1007/978-3-319-89999-2_333. Acesso em: 9 nov. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública.** São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 28 out. 2023.

GIFFIN, K. **Violência de gênero, sexualidade e saúde.** Cadernos de Saúde Pública, v. 10, n. 1, p. 146-155, 1994. FapUNIFESP. Acesso em: 28 out. 2023.

• Capítulo 2 - Crimes Sexuais •

Manual para Atendimento às Vítimas de Violência na Rede de Saúde Pública do Distrito Federal/Laurez Ferreira Vilela (coordenadora) – Brasília: Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal, 2008. Acesso em: 9 nov. 2023.

M. RAINHA SILVIA DA SUÉCIA. **CHILDHOOD BRASIL: quem somos? Conheça mais sobre a Childhood Brasil.** QUEM SOMOS CONHEÇA MAIS SOBRE A CHILDHOOD BRASIL. Disponível em: <https://www.childhood.org.br/quem-somos/#intro>. Acesso em: 22 jul. 2023.

MONSON, C. M. et al. **Transtorno de estresse pós-traumático.** Manual Clínico dos Transtornos Psicológicos. BARLOW, D. H. (Org.). São Paulo: Artmed, 2016. Acesso em: 5 nov. 2023.

NETO, W. F. N. et al. **O abuso sexual infantil e a cultura do silêncio: machismo, racismo e adultocentrismo em questão.** Revista Periódicus, v. 2, n. 16, p. 81-92, 28 set. 2021. Universidade Federal da Bahia.

FEMINISMOS

por Eneli Gomes de Lima e Giovana
Pedroni



HISTÓRIA DO FEMINISMO:

Ao longo da história sempre existiram mulheres que lutaram por liberdade e direitos básicos - pagando, muitas vezes, com suas próprias vidas. Apesar de ser uma luta cotidiana, pode-se dizer que o feminismo teve, pelo menos, quatro grandes ondas em que se tem uma grande "efervescência" no debate sobre questões e pautas das mulheres, seja no meio acadêmico e/ou militante. Por isso, veremos aqui as principais ondas e o que estava sendo reivindicado naquele momento histórico.

Porém, é de extrema importância ressaltar que essa divisão dos feminismos em ondas é didática, porém não consensual junto às teóricas feministas e estudiosas de gênero. O efeito didático facilita a compreensão das conquistas dos movimentos de mulheres, mas pode, equivocadamente, levar à interpretação de que as lutas foram pontuais, interrompidas e, a posteriori, retomadas em outra época ou contexto histórico. Nesse sentido, vale ressaltar que as opressões sempre foram constantes nos sistemas patriarcais -coloniais -capitalistas e muitas mulheres se organizaram contra elas antes mesmo do(s) feminismo(s) terem sido nominados." (Carvalho, 2021)

• Capítulo 3 - Feminismos •

No entanto, assim como nos outros capítulos, este não seria diferente sobre o fato de que, o buraco é sempre mais embaixo e, aqui, trazemos alguns aspectos sobre a história dos feminismos.

• PRIMEIRA ONDA:

O que hoje chamamos de "primeira onda do feminismo" se iniciou no final do século 18 com a publicação de "Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher" (*Vindication of the Rights of Woman*), de Mary Wollstonecraft em 1792.

A partir das últimas décadas do século 19, na Inglaterra, as mulheres se organizaram para conquistar seu **direito de votar** e o direito **de propriedade**. Neste momento, as grandes manifestações foram promovidas pelas Sufragistas, conhecidas por impulsionar estes momentos, principalmente em Londres e na França, fazendo greves de fome e sendo presas várias vezes.

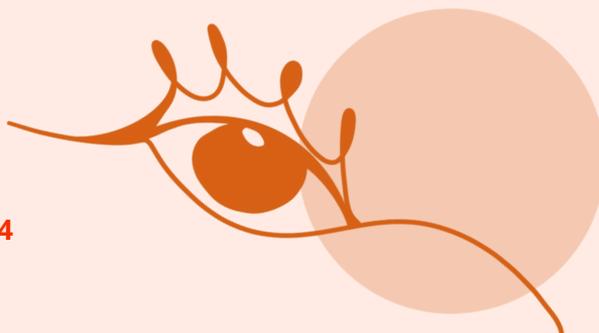
No ano de 1913, Emily Davison, sacrificou-se publicamente durante uma corrida de cavalos se atirando na frente do cavalo no qual o Rei do Reino Unido corria. Cinco anos depois o direito ao voto foi conquistado no país.

• Capítulo 3 - Feminismos •

No Brasil, o movimento sufragista foi liderado pela bióloga Bertha Lutz, uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, uma organização que fez campanha pública pelo voto. Em 1927, a Federação levou um abaixo-assinado ao Senado, que pedia a aprovação do Projeto de Lei que dava o direito de voto às mulheres, conquistado apenas em 1932.

Além disso, nesta primeira onda do feminismo no Brasil, a “União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas” era um movimento das operárias de ideologia anarquista, que em manifesto de 1917, proclamam: “Se refletirdes um momento vereis quão dolorida é a situação da mulher nas fábricas, nas oficinas, constantemente, amesquinhas por seres repelentes” (Pinto, 2003, p. 35).

O livro “O segundo sexo” de Simone Beauvoir, publicado em 1949, se torna fundamental para a nova onda do feminismo, no qual Simone estabelece que “não se nasce mulher, se torna mulher”, uma das máximas feministas.



• SEGUNDA ONDA:

A segunda onda do feminismo começou durante a Segunda Guerra Mundial, momento em que as mulheres entraram no mercado de trabalho. O foco central da segunda onda foi a igualdade de gênero, visando que as mulheres tivessem os mesmos direitos sociais, políticos, legais e econômicos que os homens.

Foi então no início da década de 60, que o movimento feminista resurge com força e as mulheres falavam a respeito das relações de poder entre homens e mulheres. Nesse momento, o movimento aparece como libertário, não somente pelos espaços da mulher (trabalho, educação, vida pública, etc) como também pela luta pela autonomia do corpo e vida da mulher no relacionamento entre homens e mulheres.

No início dos anos 60, a pílula anticoncepcional foi lançada primeiramente nos Estados Unidos, posteriormente na Alemanha, e em 1962 no Brasil. A regulação da fecundidade permitiu-as a limitação do número de gestações desassociar o ato sexual de reprodução.

• Capítulo 3 - Feminismos •

Assim, tornou-se possível planejar o tamanho da família, bem como a permanência na escola e a entrada no mercado de trabalho. A escritora Rose Marie Muraro publicou “A Libertação Sexual da Mulher”, nos anos de 1970, livro que simboliza esta vanguarda.

Além das questões sobre a sexualidade feminina, esse segundo momento do movimento abarcou também questões sobre igualdade salarial, rejeição dos “valores familiares”, dos papéis de gênero e da heterossexualidade.

• TERCEIRA ONDA:

O feminismo da primeira e da segunda onda historicamente, por muitas vezes, falharam em incorporar as vozes de muitas **mulheres sáficas e mulheres pretas**. A luta esteve majoritariamente voltada pelos direitos das mulheres brancas. Além disso, as mulheres **lésbicas e bissexuais**, por vezes eram vistas como motivo de vergonha para o movimento feminista.

Não somente as questões de sexualidade e cor eram negligenciadas, como também de classe social.

• Capítulo 3 - Feminismos •

Os direitos e oportunidades enfatizados durante a primeira e segunda onda tendiam às mulheres de classe média em detrimento de pessoas pobres e da classe trabalhadora. Um exemplo disso é a discussão em torno do direito ao aborto. Embora as leis e a criminalização possam afetar a escolha pelo aborto, as circunstâncias financeiras desempenham um papel crucial, visto que pessoas com maior poder aquisitivo tem maiores chances realizar abortos seguros, em clínicas clandestinas. Muitas vezes, essas circunstâncias não são devidamente consideradas, apesar de sua significativa influência na decisão de realizar um aborto.

Assim, por volta dos anos 90, a terceira onda passou a incluir também uma perspectiva diferente, dando mais visibilidade aos movimentos feministas em diferentes regiões do mundo - elevando, portanto, as vozes das mulheres no sul. Dessa forma, a terceira onda visa repensar definições de feminilidade criadas, principalmente, na segunda onda, que enfatizam experiências das mulheres brancas de classe média-alta, excluindo a diversidade de cores, etnias, sexualidades, nacionalidades, religiões, classes e culturas.

• Capítulo 3 - Feminismos •

• QUARTA ONDA:

A última e mais recente onda feminista, inicia-se com a volta das discussões a cerca do assunto por volta de 2010, caracterizada pela mobilização por meios digitais, sendo discutido sobre diversidade de feminismos e adoção da interseccionalidade e mobilização em forma de coletivos.

Ainda que estejamos vivendo e, portanto, ainda está se configurando, a quarta onda já mostra algumas características particulares, tais como o uso das redes sociais e tecnologias, discussões sobre identidade e corpo (questões sobre corpos trans e gordofobia) e insistência nas questões não resolvidas, mas já levantadas em outras ondas feministas: violência sexual, assédio em transportes, estupros, igualdade salarial.

É importante ressaltar que nem todas as ativistas questionam a “necessidade” de uma quarta onda, ou ainda discordam, tanto dentro como fora do movimento, em relação ao que a terceira onda representa.



CONQUISTAS IMPORTANTES
NO BRASIL E NO MUNDO:

- **1791:** É lançada a Declaração das mulheres e da cidadã.
- **1932:** É conquistado o direito ao voto.
- Em **1933**, é eleita a primeira deputada federal brasileira, Carlota Pereira de Queirós.
- Em **1940** lança o Código Penal brasileiro, o qual define as noções de crime e violência.
- Em **1945** é reconhecida na Carta das Nações Unidas, a igualdade de direitos entre homens e mulheres.
- Décadas de **1960-1970:** O acesso à educação para mulheres foi ampliado no Brasil.
- **1961:** É lançada a pílula anticoncepcional, proporcionando o direito reprodutivo para as mulheres.
- **1962:** É criado o Estatuto da Mulher casada.
- Em **1970**, no Brasil, uma das principais pautas a serem discutidas era em relação à violência doméstica. O movimento parte da premissa de chamar a atenção da população, das mídias, do poder judiciário e do Estado. “Em briga de marido e mulher não se mete a colher”, ditado popular comumente conhecido, muitas vezes tratado como questão privada, passa a ser visto como um

• Capítulo 3 - Feminismos •

- problema social que reflete a moral machista que refletia no judiciário.
- Em **1970**, no Brasil, uma das principais pautas a serem discutidas era em relação à violência doméstica. O movimento parte da premissa de chamar a atenção da população, das mídias, do poder judiciário e do Estado. “Em briga de marido e mulher não se mete a colher”, ditado popular comumente conhecido, muitas vezes tratado como questão privada, passa a ser visto como um problema social que reflete a moral machista que refletia no judiciário.
- Em **1975**, a ONU (Organização das Nações Unidas) elegeu o dia 8 como o Dia Internacional das Mulheres. A partir do ano de 1960 e década seguinte que o feminismo começa a ser um movimento de alcance mundial e social.
- **1977**: É aprovada a lei do divórcio no Brasil, dando a possibilidade de mulheres que sofriam violências domésticas e abusos pedirem o divórcio, sem serem mal vistas pela sociedade.
- Em **1985** é criada a Primeira Delegacia de Defesa da Mulher (DDM) em São Paulo. Foi a primeira no mundo a se especializar em atender as mulheres em situações de violências.
- **2005**: Angela Merkel tornou-se a primeira chanceler da Alemanha.

• Capítulo 3 - Feminismos •

- **2006:** A hashtag #MeToo foi popularizada para denunciar assédio sexual e abuso.
- Década de **2010:** Campanhas nacionais aumentaram a conscientização sobre a violência de gênero, incluindo a campanha "Não é Não" durante o Carnaval.
- **2010:** Dilma Rousseff tornou-se a primeira mulher a ser eleita presidente do Brasil.
- **2015:** É sancionada A Lei nº 13.104/2015 do feminicídio, qualificado como um crime hediondo.
- **2018:** A importunação sexual feminina passou a ser considerada crime.
- **2021:** É criada a Lei 14.192/21 para prevenir, reprimir e combater a violência política contra a mulher.
- **2022:** Pela primeira vez, a bancada feminina elegeu duas mulheres trans: Erika Hilton e Duda Salabert.
- **2023:** Brasil sai do Consenso de Genebra.
- **2023:** Entra em vigor a lei 14.443/2022 que permite laqueadura sem necessidade de consentimento do marido.
- **2023:** Ainda há desigualdades salariais no Brasil, a conscientização sobre essa questão tem crescido ao longo dos anos.

MULHERES BRASILEIRAS QUE FIZERAM HISTÓRIA:

- **Maria da Penha Fernandes:**

Brasileira, cearense, farmacêutica, vítima de violências e ausência de punições contra o agressor. Em 1983, ela sofreu duas tentativas de assassinato. Em uma delas, Maria leva um tiro e se torna cadeirante. O agressor não sofreu nenhuma punição, o que levou com que ela denunciasse o Brasil em órgãos internacionais, levando o Estado a criar mecanismos para tratar esses tipos de casos. Apenas em 2006, a lei N 11.340 é determinada, com objetivo de punir todas formas de violências domésticas e familiares contra as mulheres.

- **Bertha Lutz:**

Cientista e jurista e uma das mais destacadas sufragistas brasileiras. Foi responsável pela Federação Brasileira para o Progresso Feminino em 1922 e organizou, também, no mesmo ano, o Primeiro Congresso Internacional Feminista, no Rio de Janeiro.



Maria da Penha

📷 Jarbas Oliveira



Bertha Lutz

📷 Adam Cuerden

• Capítulo 3 - Feminismos •

- **Antonieta de Barros:**

A catarinense atuou como professora, escritora e jornalista, tendo fundamental importância na luta pela educação acessível e de qualidade às mulheres. Foi a primeira líder negra que assumiu um mandato popular nos anos 30 no Brasil.

Nascida em Florianópolis, a manezinha foi influenciada por sua mãe e estudantes com os quais conviveu na infância. De tal maneira que a educação e o estudo fizeram-se presente na realidade de Antonieta, a qual pode avançar nos estudos e, em 1921, se tornar professora - seguindo na profissão pelas três décadas seguintes.

Antonieta defendia o acesso à educação e à cultura para todos, assim como também lutou pelo reconhecimento da contribuição das brasileiras para com o país.



Antonieta de Barros

 Memorial Antonieta de Barros

MULHERES INDÍGENAS BRASILEIRAS:

- **Madalena Caramuru:**

Considerada a primeira mulher alfabetizada no Brasil, Madalena era filha de Paraguaçu, uma indígena tupinambá, e de Diogo Álvares Correia, um português naufragado.

Após ser alfabetizada pelo marido, Afonso Rodrigues, ela defendeu os direitos indígenas, especialmente contra maus-tratos às crianças e em prol da alfabetização feminina. Apesar do apoio da missão jesuíta, sua proposta foi vetada pela Corte Portuguesa.

A partir do século 18, mulheres puderam estudar no Brasil sem restrições, graças a pioneiras como Madalena, que impulsionaram o acesso à educação feminina (SOUZA, Duda Porto de. Extraordinárias, 2018).



• Capítulo 3 - Feminismos •

• **Sônia Guajajara (1974 - hoje):**

Uma das líderes mais expressivas do movimento indígena brasileiro no século 21, Sônia Guajajara aos 15 anos deixou sua família e seu povo, os guajajara-tenetehara, para ir estudar em Minas Gerais. Assim como muitos outros indígenas, Sônia escolheu o caminho da educação como forma de ferramenta para seguir na luta pelos mais de 400 anos de resistência.

A ausência da alfabetização e boas condições financeiras dos pais de Sônia não foram o suficiente para impedi-la de conquistar duas graduações, em Letras e Enfermagem, uma pós-graduação em Educação Especial e projeção no Conselho de Direitos Humanos da ONU.

Sônia luta pelos direitos básicos de saúde, proteção territorial, conhecimento e reafirmação cultural dos povos indígenas. Isso porque, a ideia do indígena exótico e selvagem não continue sendo reproduzida.



Sônia Guajajara

 Sérgio Lima

• Capítulo 3 - Feminismos •

Pelo contrário, é preciso educar as novas gerações para que estas estejam melhor preparadas para respeitar a diversidade etno-racial. Assim, a aceitação dos indígenas dentro de seu próprio território, unindo suas experiências e formação Sônia Guajajara continua até hoje, aos 46 anos, pela luta indígena.

MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS:

- **Beatriz Nascimento (1942 - 1995):**

Intelectual, historiadora, poeta e professora e ativista do movimento negro. Ilustre pesquisadora em questões raciais no Brasil. Em sua obra, aborda temas como a mulher negra no mercado de trabalho, quilombos, as relações entre Brasil e África. Foi assassinada pelo companheiro de uma amiga (sobrevivente as violências domésticas), em 1995.



Beatriz Nascimento

 Acervo Maria Beatriz Nascimento
Arquivo Nacional

• Capítulo 3 - Feminismos •

- **Djamila Ribeiro (1980 - hoje):**

Acadêmica e ativista. Filósofa paulista e negra, escritora de livros e artigos, formadora de opinião, coordenadora da “Feminismos Plurais” autora de livros como “Lugar de fala”, “Quem tem medo do Feminismo Negro?”, “Pequeno manual antirracista” e “Cartas para minha avó”. Em 2016 foi secretária adjunta de Direitos Humanos de São Paulo.

- **Marielle Franco (1979 - 2018):**

Socióloga e feminista negra, moradora da favela do Complexo da Maré. Foi a quinta vereadora mais votada, em 2017, nas eleições municipais. Deu voz aos direitos LGBTQIAP+ e crítica aos abusos de autoridade por policiais. Foi assassinada a tiros em 2018.



Djamila Ribeiro

📷 Marlos Bekker



Marielle Franco

📷 Carlos Fofinho

MULHERES TRANS BRASILEIRAS:

- **Brenda Lee (1944-1996):**

Considerada por muitos o “Anjo da Guarda das Travestis”, Brenda foi uma importante ativista que auxiliou na luta contra HIV/AIDS nas décadas de 1980 e 1990. Apesar da militante ter sido assassinada aos 44 anos, sua luta durante todo esse tempo possibilitou que até hoje o seu legado seja lembrado. Desde 2008, o estado de São Paulo concede a cada cinco anos o Prêmio Brenda Lee para municípios com boas políticas para IST/HIV e aids. Além disso, em 2008 foi criado o “Prêmio Brenda Lee” o qual contempla personalidades que se destacam na luta contra o HIV e prevenção da Aids.

- **Cláudia Celeste (1952-2018):**

A atriz foi a primeira mulher trans a participar de uma novela brasileira, "Espelho Mágico", da Globo, em 1977. No entanto, o público não sabia de sua transexualidade e, por conta do período da Ditadura Militar, Cláudia foi forçada a deixar a novela.



Cláudia Celeste

 Creative Commons

• Capítulo 3 - Feminismos •

- **Bianca Vitoria Magro (1970 - hoje):**

Em 1998, Bianca foi a primeira pessoa a realizar uma cirurgia de redesignação de gênero pelo SUS, após quase três anos conseguindo laudos médicos e autorização de um juiz.

- **Kátia Tapety (1949-hoje):**

Em 1992, Kátia foi a primeira política transexual a se eleger a um cargo político no Brasil. Foi vereadora de Colônia no Piauí, sendo a candidata mais votada na cidade durante três consecutivos mandatos.

- **Liniker de Barros Ferreira Campos (1995-hoje):**

A cantora despontou aos 19 anos, em meio ao processo de transição de gênero. Três anos depois, em 2019, se tornou a primeira pessoa transexual indicada ao Grammy Latino, pelo disco Goela Abaixo.



Bianca Vitoria Magro

📷 Henrique Grandi

Liniker

📷 Caroline Lima

49

Kátia Tapety

📷 Alef Leão

FEMINISMO NOS DIAS ATUAIS:

O feminismo contemporâneo tem explorado a interconexão entre gênero, sexualidade, orientação sexual, deficiência, classe e etnia (dentre tantas outras singularidades) além de exaltar a representatividade política, identitárias, de autonomia sobre o corpo e de consentimento.

Não só isso, mas também esse movimento social e político traz perspectivas históricas sobre as mulheres dentro de diversos espaços. A conquista de direitos básicos como saúde, controle de natalidade (com o advento da pílula anticoncepcional).

Ainda nos dias atuais, as mulheres trans e pretas são as que mais sofrem com os preconceitos institucionalizados pela sociedade, como racismo, transfobia e homofobia. Esse cenário econômico molda as perspectivas de saúde, lazer, direitos e preconceitos enraizados dentro de uma sociedade machista e sexista.

Além disso, o feminismo conversa com questões de gênero e sexualidade. Segunda bell hooks, intelectual, professora, ativista e escritora preta, ao falhar na criação de um movimento educacional de massa para

• Capítulo 3 - Feminismos •

ensinar a todo mundo sobre feminismo, permitimos que a mídia de massa patriarcal permaneça como o principal local em que as pessoas aprendem sobre feminismo, e a maioria do que aprendem é negativo.

Conhecer as teorias feministas de uma forma acessível e simples, aproxima as mulheres de realidades passadas, que refletem em nós ainda hoje. Para Bell Hooks, desafiar o pensamento sexista em relação ao corpo das mulheres foi uma das intervenções mais poderosas feitas pelo movimento feminista contemporâneo. Isso porque as mulheres foram socializadas a partir de uma perspectiva sexista, ideia que reforça o comportamento de que o próprio valor estava apenas em uma imagem aceitável para os homens. A partir dessa percepção, é possível perceber um maior movimento de auto aceitação e autocuidado. “A revolução do vestuário e do corpo criada pelas intervenções feministas fez com que mulheres aprendessem que nossa carne merecia amor e adoração em seu estado natural”, pontua a professora Bell Hooks (p. 58, 2021.).

Outro ponto bastante relevante é a luta contra todos tipos de abusos, assédios e violências. As mídias têm tido um papel importante na sua divulgação e exposição.

• Capítulo 3 - Feminismos •

A violência se estende para além dos relacionamentos heteronormativos, mas também para violência entre adultos e crianças, relacionamentos homoafetivos. Segundo Bell Hooks, o termo “violência patriarcal” é útil porque, diferentemente da expressão “violência doméstica”, mais comum, ele constantemente lembra o ouvinte que violência no lar está ligada ao sexismo e ao pensamento sexista, e à dominação masculina.

A masculinidade feminista entende a importância dos homens dentro de um coletivo feminista, uma vez que existe uma perspectiva social diferente sobre os gêneros. Para Hooks, masculinidade patriarcal incentiva homens a serem patologicamente narcisistas, infantis e psicologicamente dependentes dos privilégios (ainda que relativos) que recebem simplesmente porque nasceram e se reconhecem como homens cisgêneros. Muitos homens sentem que a vida será ameaçada se esses privilégios lhes forem retirados. A partir disso, o movimento busca ensinar os homens a expressar seus sentimentos, necessidades e desejos sem que isso defina o grau de masculinidade imposta.

CAMPANHA DO “NÃO É NÃO”:

Devido ao grande número de assédios e abusos sexuais durante as festas de Carnaval, em janeiro de 2017, um grupo de amigas arrecadaram dinheiro para criar e distribuir tatuagens temporárias com a frase **“Não é não”**. Foram cerca de quatro mil tatuagens distribuídas nas ruas cariocas.

A Coordenadoria da Mulher e Direitos Humanos, conjuntamente à Secretaria Municipal de Assistência Social, Habitação e Direitos do Idoso, ajudou programando e colocando nas ruas a Campanha “Não é Não”.

Em 2020, foram feitas divulgações em diversos rádios e jornais, assim como panfletagem nas ruas, casas noturnas e pubs. Não somente isso, como também um mutirão de conversas sobre assédio visando repensar o assédio sofrido por mulheres em lugares públicos, desconstruir a naturalização desta violência através da educação e alertando acerca de mitos culturais.

VERTENTES FEMINISTAS:

- **Feminismo liberal**: luta pelo direito, liberdade e igualdade das mulheres e direito ao voto.

• Capítulo 3 - Feminismos •

- **Feminismo socialista ou marxista**: luta pela divisão do trabalho e pelo fim do capitalismo e patriarcado.
- **Feminismo radical ou radfem**: luta pelo fim do patriarcado e pela sensibilização das violências contra as mulheres. Entretanto existem debates em relação às pessoas transgêneras, excluindo e inviabilizando. Nesse ponto, vale ressaltar que surgiu uma interseção entre o movimento feminista e a comunidade transgênero, especialmente nos últimos anos, adquirindo uma significativa influência e continua sendo um tópico em evolução. Ele se concentra na inclusão das pessoas transgênero nos movimentos feministas (González Diz, María). Uma nova teoria de gênero está emergindo atualmente, levando a uma reavaliação dos conceitos de sexo e gênero, reconhecendo que eles são fluidos e não fixos, ao contrário do entendimento predominante na sociedade (Ekis Ekman, 2021).
- **Feminismo negro**: luta pela visibilidade e direitos das mulheres negras, como o racismo e o sexismo da vida pública, privada e que as mantem aprisionadas a um sistema de exploração de trabalho.

• Capítulo 3 - Feminismos •

- **Feminismo interseccional**: luta contra diferentes formas de preconceitos, principalmente em relação a alguns marcadores sociais como idade, pessoas com deficiências, classe social, nacionalidade, orientação sexual, além do machismo que está presente na sociedade e no estado.
- **Ecofeminismo**: Une as questões de gêneros com as questões ambientais, climáticas e dos animais não-humanos.
- **Feminismo digital**: Faz o uso da internet para conscientizar, facilitar a comunicação entre os movimentos e tornar a acessibilidade mais fácil. No entanto, a internet pode ser um ambiente violento para as pessoas que se manifestam, podendo haver casos de ameaças, raqueamento (hackear) e divulgação de informações públicas e pessoais.
- **Feminismo Indígena**: Debates a respeito de demandas específicas voltadas aos direitos à terra que não são contempladas pelo feminismo “tradicional”. Porém, neste caso se entende como uma luta conjunta ao gênero masculino, diferindo de outros movimentos sociais.

• Capítulo 3 - Feminismos •

- **Feminismo Trans/Transfeminismo**: propõe criar conexões entre o feminismo e o movimento transgênero, abarcando principalmente as questões entre mulheres e homens transexuais e travestis.
- **Feminismo Anticapitalista**: proposição de uma luta que contempla não só as mulheres pobres, negras, índias e/ou LGBTQIA+, como também os movimentos sociais progressistas combatentes à violência e opressão na sociedade capitalista.

PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

Ainda que o assunto a ser tratado em aula não seja relacionado ao feminismo - e isto irá se estender aos outros temas desta cartilha -, é possível criar um vínculo entre as partes.

Por exemplo, numa aula de geografia, podemos pedir que se formem grupos de até 5 estudantes para pesquisar sobre mulheres geólogas e/ou geógrafas. Do mesmo modo, se formos ensinar sobre história, biologia, química e/ou física. Sendo assim, esta atividade é uma boa forma de iniciar as aulas e apresentar a disciplina, ou até mesmo de encerrá-la.

• Capítulo 3 - Feminismos •

É possível não somente debater sobre gênero e cor na ciência, como também sobre as contribuições que estas mulheres trouxeram para a área. “Que contribuições foram essas? Como elas podem estar presentes nos conteúdos a serem ministrados na disciplina? Quais as condições que permitiram que elas fizessem ciência? Quais os desafios enfrentados?”

É importante guiar a aula para que não saia muito do assunto, mas trazer para a discussão o questionamento de por que ao estudarmos a história de alguma ciência, encontramos majoritariamente homens brancos, cisgêneros e de classe média?

INDICAÇÕES

- **Ondas feministas | História e vertentes do feminismo** - (Youtube - Canal: Se Liga Nessa História): O vídeo se inicia com a história do feminismo e em seguida é feito um panorama das principais ondas do feminismo, das mulheres que marcaram essa luta e que escreveram sobre o feminismo, além de algumas divisões e classificações do movimento.

• Capítulo 3 - Feminismos •

- **“Radioatividade”** - Disponível na Netflix.

Conta a história de Marie Curie, cientista que sempre enfrentou dificuldades em conseguir apoio para suas experiências por ser uma mulher. Ao conhecer Pierre Curie (Sam Riley), Marie se surpreende pelo fato dele conhecer seu trabalho. Logo os dois estão trabalhando juntos e, posteriormente, iniciam um relacionamento que resultou em duas filhas. Juntos, Marie e Pierre descobriram dois novos elementos químicos, rádio e polônio, que dão início ao uso da radioatividade.

- **"Estrelas além do tempo"** - Disponível na Disney+

Filme que fala de cientistas negras que além de provar sua competência dia após dia, precisam lidar com o preconceito arraigado para que consigam ascender na hierarquia da NASA durante a Guerra Fria.

- **Capítulo 4 - “Racismo no Movimento Sufragista Feminino”** - Livro “Mulheres, raça e classe” de Angela Davis.

O livro relata o nascimento do movimento abolicionista, o surgimento do sufrágio e a luta pelos direitos femininos, tudo sob a lente da questão racial. A extensão da obra confirma a dedicação como que as informações são expostas e sob uma abordagem crítica.

• Capítulo 3 - Feminismos •

- **“ Feministas: O Que Elas Estavam Pensando?”** - Disponível na Netflix.

A partir de fotos dos anos 70 que captam o despertar do feminismo, o filme mergulha na vida de mulheres retratadas e explora a permanente necessidade de mudança.

- **“O Feminismo É Mesmo Para Todo Mundo? (com Brenda Marques)”** - Disponível em OPodcastÉDelas - Malamanhadas no Spotify.

O episódio discute a história do feminismo, as suas vertentes e outras lutas de mulheres que muitas vezes são invisibilizadas. A convidada Brenda Marques, levanta um pensamento crítico a respeito dos movimentos.

- **“A mulher da casa Abandonada” - Folha de São Paulo** - Disponível no Spotify.

Aborda um caso de violência contra uma empregada doméstica negra por dois brasileiros nos Estados Unidos. O episódio lança luz sobre a persistência da violência doméstica e condições de trabalho análogo à escravidão ainda nos dias atuais, especialmente prevalentes entre mulheres negras e de baixa renda.



REFERÊNCIAS

ADOROCINEMA. **Radioactive**. Disponível em: <<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-254043/>>. Acesso em 14 de janeiro de 2024.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DA AIDS. **“UOL: Brenda Lee criou primeira casa de apoio para pessoas com HIV no Brasil”**. 07 de novembro de 2021. Disponível em: <<https://agenciaaids.com.br/noticia/uol-brenda-lee-criou-primeira-casa-de-apoio-para-pessoas-com-hiv-no-brasil/>>. Acesso em 14 de janeiro de 2024.

CABEÇA, Tom. **“Uma Visão Geral do Feminismo da Terceira Onda”**. ThoughtCo, 16 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/third-wave-feminism-721298>.

CARMO, ÍN do. **“O rolê feminista: autonomia e política prefigurativa no campo feminista contemporâneo”**. Cadernos Pagu, [S.l.], n. 57, p. e195704, 2019.

EKMAN, K. E., & MORENO, C. (2021). **Sobre la existencia del sexo: reflexiones sobre la nueva perspectiva de género**. Cátedra.

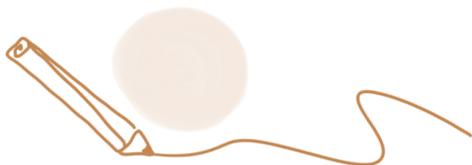
• Capítulo 3 - Feminismos •

"**Feminismo, História e Poder**". Revista Sociologia e Política, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Recebido em 13 de julho de 2009. Aprovado em 10 de dezembro de 2009. Autor: Céli Regina Jardim Pinto.

"**Feminismo e seu Impacto na Sociedade**". Disponível em: <https://www.burkeinstituto.com/produto/o-feminismo-e-seu-impacto-na-sociedade/>. Acesso em: 24 out. 2023.

Fotografia de **Maria da Penha** por Jarbas Oliveira, 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/03/aplicativo-que-permite-acesso-a-maria-da-enha-pelo-celular-recebeu-mais-de-2500-denuncias.shtml>>. Acesso em 16 de fev de 2024.

Fotografia de **Bertha Lutz** por autoria não identificada. Restaurada por Adam Cuerden, 1925. Disponível em: <<https://www.loc.gov/item/2016839665/>>. Acesso em 16 de fev de 2024.



• Capítulo 3 - Feminismos •

Fotografia de **Antonieta de Barros** por Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniaio/2020-10-15/antonieta-de-barros-a-parlamentar-negra-pioneira-que-criou-o-dia-do-professor.html>>. Acesso em 16 de fev de 2024.

Fotografia de **Sônia Guajajara** por Sérgio Lima, 2023. Disponível em: <<https://www.uema.br/2023/03/conheca-sonia-guajajara-ex-aluna-da-uema-e-atual-ministra-dos-povos-indigenas/>>. Acesso em 16 de fev de 2024.

Fotografia de **Beatriz Nascimento** por Arquivo Nacional (Acervo Maria Beatriz Nascimento). Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/ensaistas/1422-beatriz-nascimento>>. Acesso em 16 de fev de 2024.

Fotografia de **Djamila Ribeiro** por Marlos Bekker. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/03/22/djamila-ribeiro-mulheres-negras-sao-as-mais-impactadas-pela-pandemia.htm>>. Acesso em 16 de fev de 2024.

• Capítulo 3 - Feminismos •

Fotografia de **Marielle Franco** por **Carlos Fofinho**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/kogut/noticia/2022/07/atrizes-e-cantoras-vao-narrar-biografia-de-marielle-franco-saiba-mais.ghtml>>. Acesso em 16 de fev de 2024.

Fotografia de **Cláudia Celeste** por **Creative Commons**, 1976. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2022/08/quem-foi-claudia-celeste-primeira-atriz-trans-em-uma-novela-brasileira.html>>. Acesso em 17 de fev de 2024.

Fotografia de **Bianca Vitoria Magro** por **Henrique Grandi**. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/01/29/bianca-magro.htm>>. Acesso em 17 de fev de 2024.

Fotografia de **Liniker** por **Caroline Lima**. Disponível em: <<https://araraquara.sesisp.org.br/noticia/liniker-canta-seus-sucessos-no-sesi-araraquara-no-dia-26-de-agosto>>. Acesso em 17 de fev de 2024.

• Capítulo 3 - Feminismos •

Fotografia de Katia Tapety por Alef Leão, 2023. Disponível em:

<https://www.gp1.com.br/pi/piaui/noticia/2023/9/3/parada-da-diversidade-reune-milhares-de-folioes-em-teresina-555096.html>. Acesso em 17 de fev de 2024.

GARCIA, Carla Cristina. "**Breve histórico do Movimento feminista no Brasil**". Agosto de 2015.

GONZÁLEZ DIZ, María. **Situación actual del debate entre el feminismo radical "crítico del género" y el transfeminismo**. 2023.

IGNACIO, Julia. "**O que é interseccionalidade?**". Disponível em: <https://www.politize.com.br/interseccionalidade-o-que-e/>. Acesso em: 24 out. 2023.

MATTOS, Patrícia. "**Feminismo anticapitalista: articulando teoria e prática**." Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 30, n. 1, e72837, 2022.

PEREZ, Olívia Cristina. "**A Quarta Onda Feminista: Interseccional, Digital e Coletiva**." 2019.

McCANN, Hannah et al. **O livro do feminismo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. (As Grandes Ideias de Todos os Tempos).

GLOSSÁRIO DA MIOLHE

por Theo Cristini Grothe Mees, Bru Weruk Alexandre
Medeiros, Eneli Gomes de Lima, Gabriela Vilvert
Vansuita e Poliana Kominkiewicz Lanzzarin



• Capítulo 4 - Glossário da Miolhe •

Diante de tanta diversidade, não há regras universais. O princípio, porém, é básico: respeito. Os termos discutidos aqui podem não cobrir todas as situações, afinal essa é uma área complexa. Diversas confusões e micro-agressões podem ocorrer ao não compreendermos alguns termos. Tendo isso em mente, montamos esse dicionário para auxiliar no combate à desinformação e preconceito, a partir do esclarecimento de diferentes conceitos fundamentais.

Glossário da Miolhe		
Termo	Conceito	Exemplo
Termo guarda-chuva	É um termo abrangente, que é utilizado para falar de mais de um grupo ou características, dentro da comunidade LGBTQIAPN+. Indicar termos que abrangem e/ou descrevem várias identidades de gênero, expressões de gênero e orientações sexuais.	Sexualidade, Cisgênero, Transgênero, Não-binário.

• **Capítulo 4 - Glossário da Miolhe** •

<p>LGBTQIAPN+</p>	<p>É uma sigla que inclui pessoas que são Lésbicas, Gays, Bis, Transgênero ou Trans, Transexual e Travesty/Travesti, Queers e Questionando, Intersexo, Assexuais e Arromânticas e Agênero, Pans/Poli, Não-binárias e outros indivíduos que não se encaixam no padrão cisheteronormativo.</p>	<p>-</p>
<p>Orientação Sexual</p>	<p>Tem a ver com o desejo de se relacionar (ou não) afetiva e/ou sexualmente com outros indivíduos. Essa descoberta acontece geralmente entre a infância e o início da adolescência, mas, por preconceito e discriminação</p>	<p>-</p>
<p>Orientação Romântica</p>	<p>Tem a ver com o desejo de se relacionar (ou não) romanticamente com outras pessoas e quais as condições que uma pessoa precisa ter para sentir atração romântica (ou não) por alguém.</p>	<p>Pessoas Homorromânticas, Panromânticas, Birromânticas, Arromânticas</p>

• Capítulo 4 - Glossário da Miolhe •

Atração Sexual	É quando achamos alguém atraente sexualmente. Não é regra a atração sexual levar ao sexo.	-
Atração Platônica	A atração platônica se caracteriza pela vontade ou necessidade de intimidade emocional, sem necessariamente envolver intimidade sexual ou sentimentos românticos. Muitas pessoas aromânticas e assexuais se entendem dentro de relacionamentos e atrações platônicas.	-
Atração Estética	A atração estética se refere a uma atração pela aparência física e não necessariamente envolve desejos ou sentimentos sexuais.	-
Atração Sensual	Também chamada de atração sensorial, a atração sensual se caracteriza pelo desejo ao toque, de uma experiência sensorial, e pela proximidade corporal. Não necessariamente envolve desejos ou sentimentos sexuais.	-

• Capítulo 4 - Glossário da Miolhe •

Atração Romântica	<p>É aquele “friozinho na barriga”, atração que se sente quando a pessoa está apaixonada. Às vezes, pode-se ter vontade de construir um relacionamento com a pessoa que sentimos esse tipo de atração. P.s.: Há vários fatores e situações que acontecem nas relações interpessoais; logo sentir atração romântica não se traduz em um relacionamento.</p>	-
Arromântico	<p>Termo guarda-chuva que representa pessoas com ausência total ou parcial de atração romântica. Essa atração também pode ser determinada por condições específicas.</p>	Pessoas Demirromânticas, Cupiorromânticas
Homossexual	<p>Orientação de pessoas que sentem atração sexual e/ou romântica, por pessoas do mesmo espectro de gênero.</p>	-

• Capítulo 4 - Glossário da Miolhe •

Bissexual	Orientação de pessoas que sentem atração sexual e/ou romântica, por pessoas independentemente de seu gênero (Diferença de panssexual é o contexto histórico).	-
Polissexual	Orientação de pessoas que sentem atração sexual e/ou romântica, por vários gêneros, mas não necessariamente todos eles.	-
Assexual	É um termo guarda-chuva ou identidade que indica a falta de atração sexual total ou parcial, ou quando existe algum desejo condicionado.	Demissexual
Lésbica	É uma identidade de mulheres e pessoas não binárias que sentem atração sexual e/ou romântica por outras mulheres e/ou pessoas não binárias.	-
Gays	É uma identidade de homens e pessoas não binárias que sentem atração sexual e/ou romântica por outros homens e/ou pessoas não binárias.	-

• Capítulo 4 - Glossário da Miolhe •

Identidade de Gênero	Sentimento interno e individual de como cada pessoa se entende como indivíduo social no mundo, não têm relação direta com as genitálias.	-
Binarismo de Gênero	Em uma sociedade onde há a presença do binarismo de gênero, se presume, incorretamente, que só existem duas formas de nos apresentarmos para o mundo: como mulher ou homem.	-
Cisgênero	Pessoa que se identifica com o mesmo gênero que lhe foi designado ao nascimento.	-
Transgênero	Pessoa que não se identifica, completamente ou parcialmente, com o gênero que lhe foi imposto ao nascimento, independente de suas características físicas.	-
Isogênero	Pessoas isogênero não querem se categorizar como cis ou trans.	-

• Capítulo 4 - Glossário da Miolhe •

<p>Transsexual</p>	<p>Geralmente atribuído a pessoa trans que quer fazer algum tipo de alteração corporal. Porém não é uma regra! O termo tem entrado em desuso, justamente por muitas vezes ligar o processo de autoconhecimento de gênero com tratamentos hormonais ou alterações cirúrgicas, devido a normas sociais binaristas.</p>	<p>-</p>
<p>Intersexo</p>	<p>É um termo utilizado para um grupo de pessoas que apresentam variações congênitas genitais e/ou reprodutivas que não se encaixam no padrão binário de genital.</p>	<p>-</p>
<p>Gênero fluido</p>	<p>Pessoas que apresentam flutuações de gênero. Essas flutuações podem ou não estar associadas com a sua expressão de gênero.</p>	<p>-</p>
<p>Não-binário</p>	<p>Termo guarda-chuva ou identidade que descreve uma não identificação com o binarismo de gênero em sua totalidade. Inclui parcialidade de gênero, multiplicidade de gênero, ausência de gênero, variação de gênero, entre outras experiências.</p>	<p>Pessoas Não-binárias, Andróginas, Gênero neutro, Intergênero</p>

• **Capítulo 4 - Glossário da Miolhe** •

<p>Agênero</p>	<p>Pessoas que não se identificam com gênero algum, seja ele binário ou não. Sendo assim, não é um gênero, mas sim uma identidade.</p>	<p>-</p>
<p>Andrógino</p>	<p>Pode ser tanto uma expressão de gênero quanto uma identidade. A expressão de gênero se caracteriza por uma aparência física (cabelos, roupas, acessórios) que não é possível categorizar pelos padrões binários de gênero. A identidade andrógino é uma identidade não-binária, não necessariamente associada à aparência.</p>	<p>-</p>
<p>Queer</p>	<p>Termo guarda-chuva que abrange pessoas que não se encaixam na imposição compulsória da heterossexualidade e cisgeneridade.</p>	<p>Jonathan Van Ness</p>
<p>Drag Queen/ Drag king/ Drag Queer</p>	<p>Uma forma de arte performática de feminilidade, masculinidade ou de outras expressões de gênero, onde frequentemente (porém, não é regra!) há a amplificação de aspectos do gênero sendo performado.</p>	<p>Pablo Vittar, Gloria Groove, RuPaul.</p>

• Capítulo 4 - Glossário da Miolhe •

Travesti	Identidade latinoamericana, na qual uma pessoa se reconhece num espectro de identidade feminina, mas não necessariamente se consideram mulheres. Essas pessoas podem se considerar travestis e não binárias (termo guarda-chuva).	Linn da Quebrada, Auá Mendes.
Expressão de Gênero	É a forma como o indivíduo manifesta/expressa a sua identidade, incluindo a forma com que se veste, como por exemplo cortes de cabelo, maquiagens, comportamento, entre outros. Essa expressão de gênero é independente do sexo designado ao nascer ou dos padrões sociais de gênero.	
Dismorfia corporal	Transtorno mental que envolve um foco obsessivo em alguma característica corporal que o indivíduo possui e considera um “defeito”.	

• Capítulo 4 - Glossário da Miolhe •

Disforia de gênero	<p>É quando a pessoa apresenta sentimentos de angústia, tristeza e/ou mal-estar significativo, podendo impactar sua vida social e profissional. Geralmente está relacionado ao sentimento de não pertencimento e/ou embate entre sua identidade de gênero e o gênero que lhe foi designado ao nascer, de acordo com padrões sociais binaristas de gênero.</p>	-
Euforia de gênero	<p>É quando a pessoa apresenta sentimento de euforia, alegria, felicidade, bem-estar e aceitação em relação a sua identidade de gênero e/ou expressão de gênero, independente de padrões impostos pela sociedade.</p>	-



PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

Para trabalhar com as definições aqui apresentadas (e/ou outras da escolha da pessoa que estará ministrando a aula) é possível desenvolvê-las dentro do seu contexto histórico e social. Como plano de aula, a pessoa responsável pode propor o desenvolvimento de uma atividade de pesquisa ou um debate que trabalhe a origem dos movimentos sociais, suas lutas por direitos e espaços e como isso se reflete na sociedade atual. Algumas perguntas que podem ser interessantes de se fazer:

- Será que a trajetória de luta por direitos LGBTQIA+ foi igual no Brasil e em outros países da América Latina? Como ocorreu nesses diferentes lugares? O que pode ter causado essas diferenças?
- Essas lutas e movimentos estavam associados a outras minorias?
- Quais as contribuições que esses movimentos trouxeram histórica, social e culturalmente?

Essa luta por direitos e espaços é uma luta pontual ou constante? Por qual razão?

Ainda dentro do conteúdo de lutas e movimentos sociais e sua constante luta por direitos, é possível apresentar para a sala o podcast “37 Graus” e sua série “Corpo especulado”, em específico o episódio

• Capítulo 4 - Glossário da Miolhe •

“Corpo especulado: Duas caixinhas” que trabalha e explica o histórico da busca de direitos de pessoas intersexo.

O jornal “O Lampião da Esquina” é um artigo histórico que também pode ser trabalhado dentro de sala de aula. O jornal, fundado em 1978, foi o primeiro com temática LGBTQIAPN+ com grandes tiragens e circulação nacional. É possível trabalhar com o jornal dentro do contexto da ditadura militar, sua abordagem da comunidade LGBTQIAPN+ e se havia ou não uma inclusão de todos os membros da comunidade. Além do Lampião, em 1981, escritoras lésbicas criaram um boletim: “Chanacomchana”. A pessoa docente responsável pode trabalhar sobre a origem do Dia do Orgulho Lésbico, reconhecido no Estado de São Paulo pela Assembleia Legislativa e qual sua associação com o boletim.

A série americana “POSE” (com classificação indicativa a partir de 16 anos), é outro exemplo de conteúdo midiático que trabalha e representa através de elementos dramáticos a vida da comunidade LGBTQIAPN+ dentro de Nova Iorque durante o final da década de 80.

• Capítulo 4 - Glossário da Miolhe •

Dependendo do conteúdo ou conceito que o plano de aula queira tratar, é possível selecionar determinados episódios como geradores de debate. Algumas perguntas e pontos que são abordados ao longo do desenvolvimento da série:

- **Quais as características dos movimentos LGBTQIAPN+ dos EUA?**
- **Como os bailes Voguing surgiram? Por que eram vistos como lugares de acolhimento?**
- **Por que as políticas de saúde são tão importantes para o histórico LGBTQIAPN+?**
- **Qual o papel da intolerância, do preconceito, dos crimes de ódio e da ignorância contra a comunidade LGBTQIAPN+ dentro da epidemia do HIV?**
- **A intolerância, o preconceito e a ignorância contra a comunidade LGBTQIAPN+ como geradores de falta de oportunidades de emprego: a prostituição ou tráfico como medidas desesperadas.**
- **A prostituição pela necessidade de sustento e alimentação e os perigos envolvidos.**
- **Fetichismo aos corpos de pessoas trans, abordando também sobre disforia de gênero.**
- **Transfobia e homofobia dentro do ambiente familiar.**
- **Entre muitos outros tópicos pertinentes.**

• Capítulo 4 - Glossário da Miolhe •

Para saber mais sobre o movimento das Ballrooms no Brasil é possível acessar o canal @ihmofo no Youtube.

Caso os docentes sintam insegurança de trabalhar determinados assuntos ou sobre a histórias de determinados movimentos sociais dentro da comunidade LGBTQIAPN+, é preciso ir atrás de fontes históricas e confiáveis dentro da própria comunidade, ouvindo e passando adiante as vozes das pessoas que participaram e ainda participam dessas lutas.



REFERÊNCIAS

BEHAR, R; ARANCIBIA, M.; HEITZER, C.; MEZA, N. **Trastorno dismórfico corporal:** aspectos clínicos, dimensiones nosológicas y controversias con la anorexia nerviosa. Revista Médica de Chile, [S.L.], v. 144, n. 5, p. 626-633, maio 2016. SciELO Agencia Nacional de Investigacion y Desarrollo (ANID). <http://dx.doi.org/10.4067/s0034-98872016000500011>

DA SILVA, J. C. Boletim **Chanacomchana:** a construção do movimento lésbiano brasileiro. a construção do Movimento Lésbiano Brasileiro. Disponível em: <https://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/412>. Acesso em: 18 jul. 2023.

FERREIRA, S. R. da S. **A respeito da categoria (trans/cis) gênero:** a representação da identidade de gênero e a cisgeneridade compulsória. Revista ECO-Pós, v. 24, n. 3, p. 355-380, 2021. https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27576. Acesso em: 18 jul. 2023.



• Capítulo 4 - Glossário da Miolhe •

FLEURY, H. J.; ABDO, C. H. N. **Atualidades em disforia de gênero, saúde mental e psicoterapia**. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/04/987487/rdt_v23n4_147-151.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.

Jornal Lampião da Esquina. **Brasil, Campeão Mundial de Travestis**. Disponível em: <https://www.tropicuir.org/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 18 set. 2023

MARTINHO, M. **Chanacomchana 3: resgate e edição comentada**. resgate e edição comentada. Disponível em: <https://www.umoutroolhar.com.br/2023/03/chanacomchana-3-resgate-e-edicao.html>. Acesso em: 24 jun. 2023.

Orientando. **Lista de identidades não-binárias**. Disponível em: <https://orientando.org/listas/lista-de-generos/>. Acesso em: 22 out. 2022

Orientando. **Lista de modalidades de gênero**. Disponível em: <https://orientando.org/listas/lista-de-modalidades-de-genero/>. Acesso em: 22 out. 2022.

Orientando. **O que é gênero?**. Disponível em: <https://orientando.org/o-que-e-genero/>. Acesso em: 13 ago. 2023.

• Capítulo 4 - Glossário da Miolhe •

Orientando. **O que é orientação romântica?**. Disponível em: <https://orientando.org/o-que-e-orientacao-romantica/>. Acesso em: 22 out. 2022.

Orientando. **O que é orientação sexual?**. Disponível em: <https://orientando.org/o-que-e-orientacao-sexual/>. Acesso em: 22 out. 2022.

Orientando. **O que significa LGBTQIAPN+?**. Disponível em: <https://orientando.org/o-que-significa-lgbtqiap/>. Acesso em: 18 ago. 2023.

Orientando. **Outros tipos de orientações.** Disponível em: <https://orientando.org/outros-tipos-de-orientacoes/>. Acesso em: 13 ago. 2023.

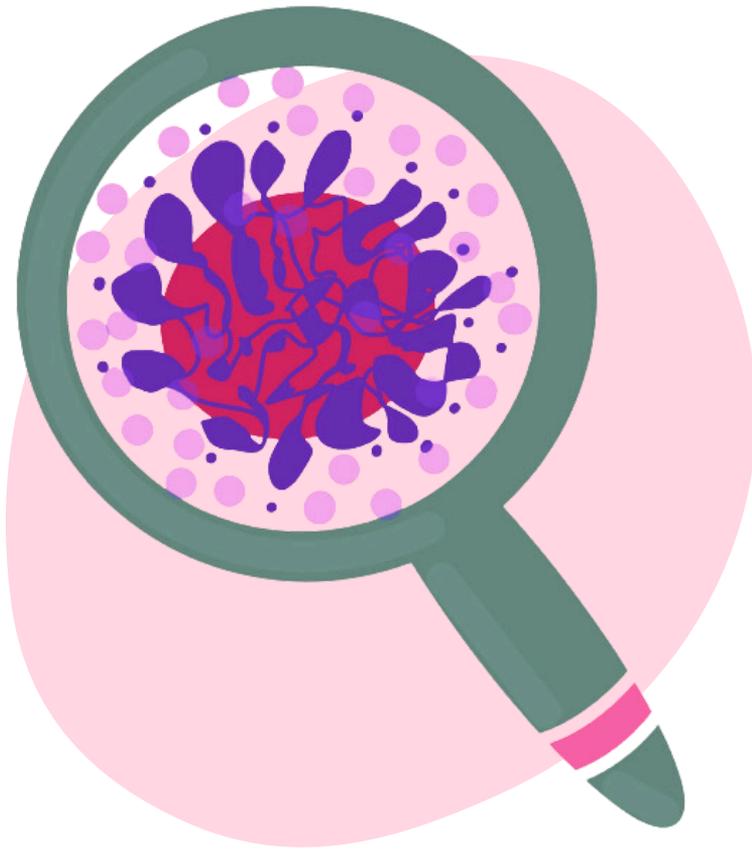
SAMPAIO, D. **“Lampião da Esquina”, um jornal LGBTQIA+ em plena ditadura.** 2021. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/coluna/daniel-sampaio/lampiao-da-esquina-lgbtqia>. Acesso em: 19 set. 2023.

Wiki Diversidades. **Expressão andrógina.** Disponível em: https://diversidades.fandom.com/pt-br/wiki/Express%C3%A3o_andr%C3%B3gina. Acesso em: 10 out. 2023.

I S T S

Infecções Sexualmente Transmissíveis

por Júlia Zanette Penso, Eneli Gomes
de Lima, Gabriela Vilvert Vansuita e
Juan Cesar Kochhann



• Capítulo 5 - ISTS •

A terminologia **Infeções Sexualmente Transmissíveis (IST)** passou a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissível (DST), pois destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma **infecção**, mesmo sem sinais e sintomas - um dos maiores problemas de saúde pública do mundo, acometendo todas as faixas etárias. A transmissão é muito fácil, basta ter relação com alguém infectado sem uso de proteção. E os sintomas são diversos, podendo até mesmo não se manifestar indiferente do gênero.

Essas infecções, quando não diagnosticadas e tratadas a tempo, podem se tornar complicações graves. O seu tratamento melhora a qualidade de vida do paciente e interrompe a cadeia de transmissão dessas doenças, proporcionando muitas vezes a cura.

Essas infecções acontecem, principalmente, quando há relações sexuais **sem o uso de preservativo com uma pessoa que esteja infectada**. Podendo se manifestar por meio de feridas, coceiras, corrimentos, bolhas ou verrugas, provocadas por microrganismos, tais como bactérias, vírus, fungos e protozoários que se encontram em fluidos corporais (sangue, esperma e secreções vaginais).

• Capítulo 5 - ISTS •

A conscientização sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) é uma parte vital da saúde pública, e várias estratégias têm sido empregadas para educar o público sobre os riscos envolvidos.

Uma dessas estratégias, que foi e ainda é amplamente utilizada, é a metodologia do medo, ou abordagem do medo, que utiliza mensagens alarmantes para provocar preocupação e incentivar mudanças de comportamento. No entanto, a eficácia dessa abordagem em relação às ISTs é um tópico complexo que exige uma análise crítica.

Embora essa abordagem possa ter algum impacto inicial, há várias razões pelas quais ela é considerada ineficaz ou até contraproducente quando usada como principal estratégia de conscientização contra ISTs. Isso porque, uma metodologia como essa não leva em consideração diversos recortes sociais e contextuais, como os fatores que afetam e influenciam o comportamento sexual das pessoas.

Essa abordagem, que induz um medo constante relacionado as práticas sexuais, também pode resultar em um estresse e ansiedade desnecessário, muitas vezes se concentrando nos perigos, e negligenciando informações práticas, o que acaba por gerar uma stigmatização em torno do sexo, ligando o ato sexual a uma prática perigosa que apresenta muitos riscos, e desencorajando a abertura

• Capítulo 5 - ISTS •

de uma discussão sobre sexualidade e sobre todos os aspectos positivos a cerca da prática sexual, atribuindo ao sexo consequências negativas para a saúde - as ISTs -, trazendo grande julgamento, aumentando a ansiedade e o sentimento de culpa.

Como resultado, essa metodologia apresenta um efeito danoso, causando uma dessensibilização acerca do tema, além da falta de informações práticas e de redução de danos. Essas mensagens carecem de empatia e compreensão, não levando em conta experiências individuais e circunstanciais que levaram ao comportamento de risco, essenciais numa melhor abordagem considerando a delicadeza e complexidade do assunto. Em suma, essas mensagens abordam o sexo e seus riscos de uma forma não saudável.

Em vez de focar apenas no medo, as campanhas de conscientização sobre ISTs devem incluir elementos educacionais, utilizando uma educação abrangente sobre sexualidade, informações práticas sobre prevenção, desestigmatização das ISTs, promoção da testagem, de práticas de redução de danos, reconhecendo que as pessoas podem continuar a se envolver em práticas sexuais de forma segura e saudável ao invés de desincentivá-la, estigmatizá-la e condená-la e fornecer um apoio emocional.

• Capítulo 5 - ISTS •

Ao criar um ambiente de comunicação aberto e acessível, centralizado no bem-estar e saúde emocional, é mais provável que as pessoas se sintam motivadas a se proteger e procurar ajuda quando necessário, contribuindo para a redução da propagação das ISTs.

Ressaltamos, no entanto, que não há porque se envergonhar de possuir alguma IST. O ideal é tratar, melhorar e disseminar informações e conhecimento para a comunidade! Em caso de suspeita ou aparecimento de sinais recomenda-se procurar ajuda de uma pessoa profissional de saúde, no posto mais próximo da sua casa!

INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS MAIS COMUNS NO BRASIL

Candidíase: Infecção causada por fungos do gênero *Candida* sp. (muitas vezes da espécie *C. albicans*), na pele ou tecido mucoso resultando em candidíase oral, candidíase vaginal intertrigo, onicomicose e paroníquia. Esse fungo faz parte da microbiota normal da pele e mucosas que se proliferam em determinadas condições como hábitos de higiene e vestuário inadequados, uso de

• Capítulo 5 - ISTS •

maneira incorreta contraceptivos e antibióticos, diabetes mellitus, e também o tratamento com antibióticos de amplo espectro ou à imunodeficiência.

- **Prevenção:** Uma vez que o fungo causador está presente em nosso corpo, questões emocionais podem acabar influenciando em nossa imunidade e juntamente trazer os sintomas da candidíase. Por isso, idealmente, se recomenda prezar pelo bem estar, evitar o estresse e ter boas noites de sono. Mas além disso, outras possibilidades de prevenir a candidíase é não utilizar roupas íntimas apertadas, preferencia pelas feitas de algodão, higienizar adequadamente e não usar roupa de praia molhada por muito tempo.
- **Sintomas:** É comum encontrar placas brancas na mucosa oral (aftas e/ou sapinhos); na região vaginal pode se encontrar prurido e secreção, ardor ou dor ao urinar e placas brancas ou acinzentadas.
- **Diagnóstico:** É feito a partir da inspeção macroscópica através de endoscopia ou necropsia, ou microscopia (histologia ou citologia) em material obtido diretamente do tecido afetado e por meio do teste do pH vaginal.

• Capítulo 5 - ISTS •

- **Tratamento:** Há diversos métodos de tratamento hoje em dia, desde pomadas antifúngicas a comprimidos. O ideal é procurar um profissional da saúde e seguir suas recomendações. Normalmente o tratamento dura em média de 7 dias.

Gardnerella: É uma infecção genital causada pela bactéria do *Gardnerella vaginalis*, que pode ser encontrada habitualmente no microbiota normal do corpo humano. É causada pelo desequilíbrio de outras bactérias da microbiota vaginal responsáveis pelo equilíbrio do pH, o que facilita a proliferação da bactéria.

- **Prevenção:** Neste caso, a prevenção se dá através do uso de preservativos, evitando a troca de microbiotas e contato das mucosas genitais, limpando adequadamente possíveis adereços/brinquedos sexuais. Utilizar sabonetes íntimos e/ou fazer duchas vaginais também podem contribuir para desregular o pH da região e facilitar a proliferação da bactéria causadora da infecção.
- **Sintomas:** Corrimento vaginal acinzentado cremoso ou bolhoso, com odor fétido mais acentuado após a relação sexual ou menstruação;

• Capítulo 5 - ISTS •

- dor durante às relações sexuais.
- **Diagnóstico:** O diagnóstico pode ser feito através do teste de aminas, esfregaço do conteúdo e medidas de pH da secreção.
- **Tratamento:** É feito por meio do uso de antibióticos, aplicados na forma de gel, creme ou tomados por via oral. É muito importante uma avaliação médica para poder ser prescrito o medicamento ideal ao combate da infecção

Hepatite B e C: A hepatite é uma inflamação do fígado, sendo que as hepatites transmitidas por via sexual são na maioria dos casos, a B e C. Estas são hepatites virais mais comuns, uma vez que as pessoas podem desenvolvê-las através de transfusão sanguínea, uso de álcool e drogas, uso de alguns remédios e doenças autoimunes, metabólicas e genéticas. A hepatite pode se apresentar na forma aguda ou crônica, sendo a aguda quando persiste menos de 6 meses e a crônica mais de 6. A transmissão ocorre quando há sexo desprotegido ou compartilhamento de seringas, agulhas, lâminas de barbear, alicates de unha e outros objetos que furam ou cortam com pessoas infectadas. Transmissão de mãe para o filho durante a gravidez, o parto e a amamentação também ocorrem.

• Capítulo 5 - ISTS •

- **Prevenção:** Em ambas as hepatites, a prevenção consiste no uso de vacinas e preservativos, não compartilhar seringas, alicates, lâminas de barbear e objetos perfurocortantes, assim como realizar o pré-natal adequado nas gestantes.
- **Sintomas:** Sendo uma doença silenciosa, quando aparecem sintomas são: cansaço e mal-estar, dor abdominal, febre, tontura, enjoo e vômitos, pele e olhos amarelados, urina clara e fezes escuras.
- **Diagnóstico:** O diagnóstico pode ser feito por exames de sangue.
- **Tratamento:** A Hepatite B não tem cura. Entretanto, o tratamento disponibilizado no SUS objetiva reduzir o risco de progressão da doença e suas complicações, como cirrose, câncer do fígado e até morte. Não existe vacina contra a hepatite C. Existem medicamentos disponíveis para controle das hepatites virais pelo SUS que garantem boa qualidade de vida.

Hepatite A: É uma infecção causada pelo vírus A (HAV) da hepatite. A hepatite A normalmente é transmitida por

• Capítulo 5 - ISTS •

alimentos e água contaminados, além da falta ou dificuldade de acesso ao saneamento básico. Embora não seja rotineiramente reconhecida como uma infecção sexualmente transmissível, pode ser transmitida através do contato das mucosas anal e oral, especialmente pelo contato da boca com a região anal.

- **Prevenção:** Usar preservativos e higienizar as mãos, genitais, períneo e região anal antes e depois das relações sexuais. Também é possível se vacinar contra a hepatite A.
- **Sintomas:** Inicialmente apresenta sintomas pouco específicos, como: fadiga, mal-estar, febre e dores musculares. Podendo ser seguidos de sintomas gastrointestinais como: enjojo, vômitos, dor abdominal, constipação ou diarreia. A presença de urina escura ocorre antes do início da fase onde a pessoa pode ficar com a pele e os olhos amarelados (icterícia). Em casos mais graves pode evoluir para complicações hepáticas e hepatopatias.
- **Diagnóstico:** A infecção atual ou recente é diagnosticada por exame de sangue, no qual se pesquisa a presença de anticorpos anti-HAV IgM (infecção inicial).

• Capítulo 5 - ISTS •

Que podem permanecer detectáveis por cerca de seis meses. De qualquer modo, após a infecção e evolução para a cura, os anticorpos produzidos impedem nova infecção, produzindo uma imunidade duradoura.

- **Tratamento:** Não há nenhum tratamento específico para hepatite A, medicamentos podem ser prescritos para amenizar os sintomas, sendo necessário evitar medicação desnecessária, não sobrecarregando o fígado ou utilizando compostos tóxicos que podem agravar o caso.

HPV: Pode atingir todas as pessoas, provocando verrugas nas regiões genital e anal, podendo até desenvolver câncer, dependendo do tipo de vírus. O HPV (sigla que está em inglês e significa Papilomavírus Humano) é um vírus que infecta tanto mucosas (oral, genital, anal) quanto a pele. Contém vários subtipos conhecidos e, a depender disto, variam também os sintomas que vão desde lesões de pele e mucosas até cânceres.

- **Prevenção:** O uso do preservativo é uma forma importante de prevenir o HPV, mas não garante proteção completa contra a infecção, apesar de prevenir a maioria das ISTs.

• Capítulo 5 - ISTS •

Isso porque é comum que as lesões estejam presentes em áreas não protegidas pela camisinha (tais como vulva, região pubiana, perineal ou bolsa escrotal).

- **Sintomas:** Os primeiros sintomas surgem de 2 a 8 meses após a infecção pelo HPV, podendo demorar até 20 anos. A maioria das pessoas não apresenta sintomas. O vírus pode permanecer latente por anos, sem manifestar sinais e sintomas, sendo mais comum o aparecimento em gestantes e em indivíduos com imunidade baixa. As possíveis lesões que podem se manifestar são verrugas que podem acometer vulva, vagina, colo do útero, região perianal, ânus, pênis, bolsa escrotal, e região pubiana. Podem adquirir diversas formas e tamanhos variáveis.
- **Diagnóstico:** Realizado através de exames clínicos laboratoriais. Para diagnosticar lesões clínicas: exame clínico urológico, ginecológico e dermatológico. Para diagnosticar lesões subclínicas: exames laboratoriais como Papanicolau (citopatologia), colposcopia, peniscopia e anoscopia e biópsias e histopatologia.

• Capítulo 5 - ISTS •

- **Vacina:** A vacina HPV quadrivalente pode prevenir os cânceres relacionados aos HPV, de colo do útero; vulva e vagina, câncer peniano e cânceres de orofaringe e anal em homens e mulheres, além das verrugas genitais nos dois sexos relacionadas ao HPV. Existe também a vacina nonovalente abrangendo mais subtipos, entretanto ainda não está disponível no SUS, apenas no setor privado.

Mas quem pode se vacinar?

- Pessoas com vulva de 9 a 14 anos;
 - Pessoas com pênis de 11 a 14 anos;
 - Pessoas imunossuprimidas, de 9 a 45 anos, que vivem com HIV/aids, transplantados de órgãos sólidos ou medula óssea e pacientes oncológicos.
-
- **Tratamento:** A maioria das infecções em mulheres tem resolução espontânea, pelo próprio organismo, em aproximadamente 24 meses. O tratamento consiste na destruição das lesões, considerando suas características individualmente e podem variar a depender da avaliação profissional.

• Capítulo 5 - ISTS •

Herpes: O herpes simples é um dos diversos tipos de herpesvírus. Essa infecção viral muito contagiosa é transmitida pelo contato direto com ulcerações ou por vezes, com uma área afetada quando nenhuma ulceração estiver presente. É uma doença latente, ou seja que pode não causar mais sintomas ou pode ser periodicamente reativada e causar sintomas. Há dois tipos de vírus do herpes simples. O HSV-1 causa as ulcerações nos lábios (herpes labial) e HSV-2 que causa herpes genital.

- **Prevenção:** Nas infecções orais deve-se evitar ao máximo a exposição ao sol e/ou usar um protetor solar quando a exposição não puder ser evitada. Sendo uma infecção contagiosa, ao estar infectado é preciso evitar beijar, fazer sexo oral, compartilhar copo e tocar nos lábios. Já no caso da herpes genital recomenda-se o uso de preservativos, mesmo sem bolhas visíveis e sem sintomas, o vírus pode estar presente nos órgãos genitais e contagiar os parceiros sexuais.
- **Sintomas:** Erupção de bolhas dolorosas em locais variáveis na região genital, anal ou labial.
- **Diagnóstico:** Análise de uma amostra da ulceração; exames de sangue para a identificação

• Capítulo 5 - ISTS •

- de anticorpos contra o HSV também podem ser utilizados.
- **Tratamento:** Medicamentos antivirais podem aliviar ligeiramente o desconforto e ajudar a resolver os sintomas. Não tem cura.

Gonorreia e Clamídia: São IST causadas por bactérias (*Neisseria gonorrhoeae* e *Chlamydia trachomatis*, respectivamente). Estão associadas na maior parte dos casos, causando a infecção que atinge os órgãos genitais, ânus e a garganta.

- **Prevenção:** O uso de preservativos é a melhor forma de prevenção dessas ISTs
- **Sintomas:** Os sintomas mais comuns são coceira na região infectada, ardor ao urinar, corrimento purulento (peniano, vaginal e/ou retal), inflamação da uretra, inflamações na garganta, dor ou sangramento durante relações sexuais e aumento na frequência da micção (vontade de urinar).
- **Diagnóstico:** Através de coletas de secreção, swabs orais, genitais e retais, sendo analisados por meio de exames laboratoriais.

• Capítulo 5 - ISTS •

- **Tratamento:** São prescritos antibióticos injetáveis e em comprimidos, junto ao tratamento de gonorreia faz-se o tratamento concomitante para clamídia.

Por serem infecções comumente assintomáticas as parcerias sexuais devem ser notificadas e tratadas assim que se receba o diagnóstico, ainda que elas não apresentem sinais e sintomas.

Sífilis: Podendo apresentar várias manifestações clínicas e diferentes estágios (sífilis primária, secundária, latente e terciária), a sífilis é causada pela bactéria *Treponema pallidum*, quando existe contato sexual sem camisinha com uma pessoa infectada.

- **Prevenção:** O uso da camisinha é fundamental para evitar a infecção.
- **Sintomas:** Por ser uma infecção de múltiplos estágios, os sinais e sintomas podem variar:

Primária: Apresenta-se na forma de uma ferida, geralmente única, no local de entrada da bactéria (pênis, vulva, vagina, colo uterino, ânus, boca, ou outros locais da pele), aparecendo entre 10 a 90 dias após o contágio. Normalmente é indolor e não coça.

• Capítulo 5 - ISTS •

Secundária: Podem ocorrer manchas no corpo, abrangendo palmas das mãos e plantas dos pés. Aparecendo entre seis semanas e seis meses após a cicatrização da ferida inicial.

Latente: Neste período não se apresenta nenhum sinal ou sintoma.

Terciária: Pode surgir entre um a 40 anos depois do início da infecção. Costuma apresentar lesões cutâneas, ósseas, cardiovasculares e neurológicas, podendo levar à morte.

HIV ou AIDS: HIV é uma sigla para vírus da imunodeficiência humana, este vírus que pode levar à síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS). Os agentes causadores são os retrovírus: HIV-1 e HIV-2. Além da via sexual (esperma e secreção vaginal), o vírus pode ser transmitido pelo sangue (através da gestação, durante o parto, com o uso de drogas injetáveis, transfusões e transplantes) e pelo leite materno. A partir do momento em que a pessoa é infectada, ela tem a capacidade de transmitir o HIV. Ressaltamos que masturbação a dois, beijo no rosto ou na boca, suor, lágrima, picada de inseto, aperto de mão ou abraço, sabonete/toalha/lençóis, talheres/copos, assento de ônibus, piscina, doação de sangue, pelo ar não são formas de transmissão.

• Capítulo 5 - ISTS •

- **Prevenção:** Além do uso de preservativos, atualmente contamos com outras duas medidas de redução de danos: a PrEP (Profilaxia Pré-Exposição) e a PeP (Profilaxia Pós-Exposição), novos métodos preventivos à infecção pelo HIV.

PrEP é a sigla de profilaxia pré-exposição, uma tecnologia de prevenção à infecção pelo HIV, para pessoas não infectadas pelo vírus.

Importante: a PrEP deve ser somada a outras medidas de prevenção, como o uso de **preservativos e gel lubrificante**, já que essa profilaxia não impede a ocorrência de outras infecções sexualmente transmissíveis (IST).

A PrEP é utilizada por pessoas com **maior exposição e risco ao vírus** (parcerias sorodiferentes e profissionais do sexo, por exemplo), pela ingestão de um comprimido, o Truvada (a combinação de dois medicamentos: o tenofovir + entricitabina), um antiretroviral, durante todos os dias, cuja ingestão correta resulta em uma redução do risco de infecção superior a 95%, seu efeito protetor começa a partir de 7 dias de uso.

Existe, ainda, a modalidade sob demanda (PrEP oral 2+1+1), deve ser utilizada com o uso de 2 comprimi-

• Capítulo 5 - ISTS •

dos de 2 a 24 horas antes da relação sexual programada, + 1 comprimido 24 horas após a dose inicial, + 1 comprimido 24 horas após a segunda dose. Atualmente é recomendada pela OMS apenas para gays, bissexuais, outros homens que fazem sexo com homens e pessoas trans que mantêm relações sexuais frequentes.

Enquanto que a Pep é uma medida de prevenção de urgência para ser utilizada em situação de risco à infecção pelo HIV, a PEP tem por base o uso de medicamentos antirretrovirais com o objetivo de reduzir o risco de infecção em situações de exposição ao vírus.

Trata-se de uma urgência médica e deve ser iniciada o mais rápido possível - preferencialmente nas primeiras horas após a exposição de risco e no máximo em até 72 horas. A profilaxia deve ser realizada por 28 dias.

Devendo ser utilizada após qualquer situação em que exista risco de contágio, tais como violência sexual, relação sexual desprotegida (sem o uso de camisinha ou com seu rompimento) ou acidente ocupacional (com instrumentos perfurocortantes ou contato direto com material biológico).

• Capítulo 5 - ISTS •

Tanto a PrEP quanto a PEP são oferecidas gratuitamente pelo SUS como parte da prevenção combinada, que integra diversas estratégias de prevenção ao HIV, ISTs e hepatites virais para promover a saúde integral. Essas estratégias consideram as necessidades individuais e contextuais, permitindo que as pessoas escolham métodos individuais ou combinem abordagens diversas, incluindo medidas biomédicas, comportamentais e estruturais, em diferentes níveis (individual, interpessoal, comunitário e social).

ESTRATÉGIAS COMPORTAMENTAIS:

São as envolvem mudanças no comportamento das pessoas para reduzir o risco de infecção pelo HIV. Algumas dessas estratégias incluem:

- Participação em programas de educação sobre saúde sexual e HIV, para aumentar o conhecimento sobre o vírus e formas de prevenção.
- Testagem regular do HIV para identificar precocemente a infecção e receber tratamento adequado. Além disso, conhecer o status sorológico pode ajudar a prevenir a transmissão do HIV para outras pessoas.

• Capítulo 5 - ISTS •

- Adesão à terapia antirretroviral (TARV), para controlar a infecção pelo HIV e prevenir sua progressão para a AIDS. Assim, chega-se à supressão do vírus no corpo, tornando-o indetectável e, portanto, intransmissível a outras pessoas.
- Redução de danos: As pessoas que, por exemplo, usam drogas injetáveis devem receber acesso a programas de redução de danos, como a troca de seringas, que podem reduzir o risco de transmissão do HIV.
- Uso consistente e correto de preservativos durante o sexo vaginal, anal e oral.

ESTRATÉGIAS ESTRUTURAIS:

Envolvem mudanças no ambiente social, econômico ou político para reduzir o risco de infecção pelo HIV. Algumas dessas estratégias incluem:

- Acesso pleno e com zero discriminação a serviços de saúde de qualidade, incluindo serviços de prevenção, diagnóstico e tratamento do HIV.
- Políticas públicas que promovam a igualdade de gênero, a proteção dos direitos humanos e o combate ao estigma e à discriminação das pessoas que vivem com HIV.

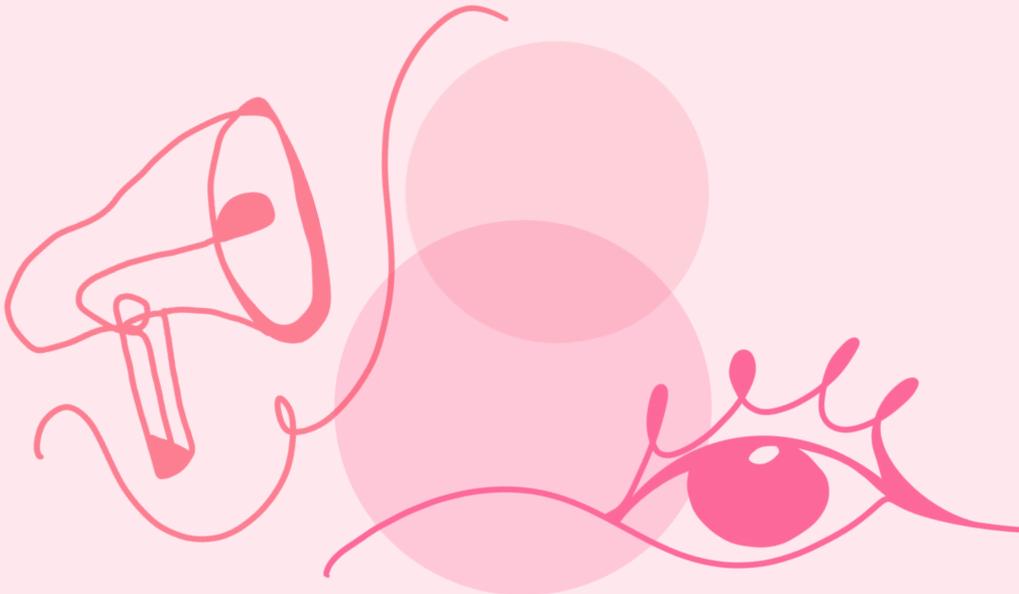
• Capítulo 5 - ISTS •

- Programas de prevenção do HIV adaptados às realidades e necessidades das populações-chave.

ESTRATÉGIAS BIOMÉDICAS:

São aquelas que envolvem o uso de tecnologias médicas para prevenir a infecção pelo HIV demais ISTs e hepatites virais. Algumas dessas estratégias são:

- Prep (Profilaxia Pré-Exposição) e PEP (Profilaxia Pós-Exposição)
- Diagnosticar e tratar ISTs e hepatites virais
- Preservativos e lubrificantes
- Tratar todas as pessoas vivendo com HIV/AIDS
- Testagem regular para o HIV, outras ISTs e hepatites virais



• Capítulo 5 - ISTS •

- **Principais sintomas:** Os primeiros sintomas são muito parecidos com os de uma gripe, como febre e mal-estar. Por isso, a maioria dos casos passa despercebida. Depois disso, a pessoa infectada pelo vírus pode permanecer sem sintomas, e mais uma vez deixa a infecção passar sem perceber. Na fase seguinte aparecem sintomas como febre, diarreia, suores noturnos e emagrecimento. Depois de um tempo podem começar a aparecer doenças associadas ao enfraquecimento do organismo pela infecção (esse estágio dá-se o nome de AIDS).
- **Diagnóstico:** É feito a partir da coleta de sangue ou por fluido oral. No Brasil, temos os exames laboratoriais e os testes rápidos, que detectam os anticorpos contra o HIV em cerca de 30 minutos. Estes testes são realizados gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS), nas unidades da rede pública, nos Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA) e vendidos em diferentes farmácias. É possível realizar a testagem de forma totalmente anônima, não sendo necessária a ida a um centro de testagem ou posto de saúde, podendo ser solicitada sua entrega ou retirada em um ponto de coleta de forma totalmente sigilosa.

• Capítulo 5 - ISTS •

- **Tratamento:** O tratamento do HIV é feito por meio dos medicamentos antirretrovirais. Os medicamentos antirretrovirais (ARV) são empregados na terapia antirretroviral (TARV), e servem para impedir a multiplicação do HIV no organismo. Esses medicamentos ajudam a evitar e diminuir o enfraquecimento imune.

Desmitificando a AIDS

A AIDS, uma sigla que costumava evocar medo e estigma, é um tópico que exige desmistificação e esclarecimento em nosso mundo atual. No decorrer das últimas décadas, enormes avanços na pesquisa médica transformaram a história da AIDS de uma epidemia devastadora em uma condição controlável.

Hoje, é fundamental compreender que, em grande parte dos casos, viver com o vírus da imunodeficiência humana (HIV) não significa mais uma sentença de morte. Com o tratamento adequado, uma pessoa soropositiva pode levar uma vida normal e saudável.

No entanto, muitos equívocos persistem em relação à AIDS, gerando preconceito, medo e desinformação. É essencial afastar conceitos ultrapassados, como os "grupos de risco", que estigmatizavam as comunidades

• Capítulo 5 - ISTS •

específicas. Em vez disso, devemos entender que o risco de contrair o HIV não está associado a identidades ou grupos específicos.

Além disso, é importante destacar o histórico de preconceito e discriminação enfrentado pelas comunidades LGBTQIAPN+ em relação ao HIV/AIDS. Historicamente, o estigma associado ao HIV contribuiu para o estigma mais amplo enfrentado pelas comunidades LGBTQIAPN+. É crucial lembrar que a AIDS afeta pessoas de todos os gêneros e orientações sexuais, e que a discriminação e o estigma só perpetuam a disseminação do HIV e prejudicam aqueles que vivem com a doença.

Viver uma Vida Normal com o Tratamento Adequado:

Hoje em dia, o tratamento médico para o HIV é altamente eficaz. A terapia antirretroviral (TARV) desempenha um papel fundamental em permitir que as pessoas que vivem com o HIV possam ter vidas normais. A TARV consiste em uma combinação de medicamentos que ajudam a controlar o vírus e a impedir a sua multiplicação no corpo.

Quando uma pessoa que vive com o HIV adere ao TARV, a quantidade de vírus em seu organismo (a carga viral) pode ser reduzida a níveis tão baixos que se torna indetectável

• Capítulo 5 - ISTS •

nos exames de sangue. Isso significa que a quantidade de vírus no sangue é tão pequena que os exames médicos não conseguem detectá-la.

Um ponto crucial a ser destacado é que quando alguém alcança e mantém a supressão viral, a transmissão do HIV para outras pessoas se torna extremamente improvável, ou seja, a pessoa com HIV se torna intransmissível. Portanto, o fato de alguém ser soropositivo e indetectável não implica em risco de transmissão do vírus para parceiros sexuais.

Além disso, a TARV ajuda a fortalecer o sistema imunológico da pessoa, tornando-a menos suscetível a infecções oportunistas. Dessa forma, aqueles que vivem com o HIV podem manter uma boa qualidade de vida, sem as complicações graves que eram mais comuns nas décadas passadas.

O acesso ao tratamento gratuito pelo SUS permite que pessoas soropositivas vivam vidas saudáveis e ajudem a prevenir a transmissão do HIV. Compreender que ser indetectável, é uma realidade alcançável e que ser indetectável é ser intransmissível, ajuda a reduzir o estigma associado ao HIV.

• Capítulo 5 - ISTS •

tornando as relações sexuais seguras e protegendo a saúde de todos.

Abordagem Inclusiva sobre ISTs:

A discussão sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) muitas vezes envolve o conceito de "grupos de risco". No entanto, é importante desmistificar essa ideia, não apenas em relação ao HIV, mas também no contexto das ISTs em geral.

O conceito de "grupos de risco" é problemático, pois tende a rotular pessoas ou comunidades com base em sua orientação sexual, identidade de gênero ou outros critérios, o que pode levar a estigmas e preconceitos. Em vez disso, devemos olhar para os comportamentos de risco associados à transmissão de ISTs.

Comportamentos de risco, como sexo desprotegido, múltiplos parceiros sexuais, compartilhamento de agulhas e outros fatores, desempenham um papel muito mais significativo na disseminação de ISTs do que a identidade das pessoas. Cada indivíduo tem uma experiência única, incluindo sua história de vida, práticas sexuais e relacionamentos, o que influencia seu risco de contrair ISTs.

• Capítulo 5 - ISTS •

A educação e a prevenção de ISTs devem ser universais e inclusivas. Isso significa fornecer informações precisas sobre sexo seguro, acesso a métodos de prevenção (como o uso de preservativos) e incentivar a testagem regular. Essas medidas devem ser direcionadas a todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual, identidade de gênero ou origem étnica.

Além disso, a promoção do estigma e da discriminação não ajuda na prevenção de ISTs. Pelo contrário, pode dificultar o acesso a serviços de saúde e prevenção, tornando mais difícil o controle da disseminação dessas infecções.

Portanto, é fundamental adotar uma abordagem inclusiva, baseada em evidências e livre de estigmas ao discutir ISTs, em geral. Ao fazê-lo, podemos promover uma conscientização mais eficaz e garantir que todas as pessoas tenham acesso a informações e recursos para proteger sua saúde sexual. Isso beneficia a sociedade como um todo, ajudando a reduzir a propagação de ISTs e promover a saúde sexual para todos.



Importância da Testagem Regular para ISTs:

A testagem para o HIV e outras ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis) desempenha um papel crucial na promoção da saúde sexual e na prevenção de doenças. Ela é fundamental para detectar precocemente infecções, incluindo o HIV, sífilis, gonorreia, clamídia e hepatites virais.

A testagem regular é essencial, pois muitas vezes o HIV e outras ISTs podem ser assintomáticas ou apresentar sintomas leves. Detectar essas infecções precocemente é fundamental para o tratamento eficaz e a prevenção de complicações. Além de diagnosticar, a testagem desempenha um papel importante na prevenção. Conhecer o próprio status de HIV e o status do parceiro é vital para tomar decisões informadas sobre a saúde sexual e adotar medidas preventivas, como o uso de preservativos.

A testagem regular é essencial para reduzir os riscos de transmissão de ISTs. Identificar precocemente a infecção permite o início imediato do tratamento e a adoção de práticas mais seguras para evitar a transmissão a parceiros sexuais. Educar sobre a importância da testagem, os métodos disponíveis e a regularidade nos testes é fundamental para a prevenção eficaz.

• Capítulo 5 - ISTS •

Garantir o acesso a serviços de saúde que ofereçam testagem para o HIV e outras ISTs é essencial. Clínicas de saúde sexual, centros de atendimento a ISTs e serviços de saúde pública desempenham um papel vital na disponibilização de testes e aconselhamento.

Manter a testagem regular para o HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis é fundamental para a saúde sexual. Ela não só permite a detecção precoce de infecções, mas também desempenha um papel vital na prevenção. Através da testagem, as pessoas podem tomar decisões informadas, reduzir riscos e contribuir para a saúde pública, ajudando a diminuir o impacto do HIV e de outras ISTs na sociedade. Portanto, é importante destacar que a testagem é um ato de autocuidado e responsabilidade em relação à sua saúde sexual.

PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

Uma atividade legal e descontraída de abordar o tema é fornecer uma oficina como por exemplo a “Primeira Oficina” e “Terceira Oficina” que constam no artigo: “ATIVIDADES DE SEXUALIDADE NA ESCOLA PARA O APERFEIÇOAMENTO DA CIDADANIA DOS ALUNOS LIMITES E POSSIBILIDADES” de Maria de Lourdes Marquini, adaptando a oficina com o foco do tema que quer abordar.

• Capítulo 5 - ISTS •



Veja aqui o artigo de Maria
de Lourdes Marquini

Ainda na pegada mais descontraída pode-se criar jogos,
como por exemplo o jogo de tabuleiro **“PERFIL -
EDUCAÇÃO SEXUAL”** de Victória Marçal

Escaneie o código QR para
ter acesso ao jogo



REFERÊNCIAS

SÃO PAULO, S.-P. DA C. **Prevenção Combinada**. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/istaid/index.php?p=245395>. Acesso em: 28 fev. 2024.

MANUAL MSD. **Infecções sexualmente transmissíveis**. Merck Sharp & Dohme Corp., 2024. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt-br/profissional/doen%C3%A7as-infeciosas/infec%C3%A7%C3%B5es-sexualmente-transmiss%C3%ADveis>. Acesso em: 28 fev. 2024.

UNAIDS BRASIL. **Prevenção Combinada do HIV**. 2024. Disponível em: <https://unaid.org.br/prevencao-combinada/>. Acesso em: 28 fev. 2024.

VARELLA, D. **Prevenção de ISTs**: camisinha não é a única alternativa. 2024. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/coluna-2/prevencao-de-ists-caminsinha-nao-e-a-unica-alternativa/>. Acesso em: 28 fev. 2024.

• Capítulo 5 - ISTS •

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **A B C D E do diagnóstico para as hepatites virais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/ABCDE_diagnostico_hepatites_virais.pdf. Acesso em: 21 de outubro de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Infecções sexualmente transmissíveis (IST)**: O que são, quais são e como prevenir. Disponível em: <http://saude.gov.br/saude-de-a-z/infecoes-sexualmentetransmissiveis-ist>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **HPV**: o que é, causas, sintomas, tratamento, diagnóstico e prevenção. Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://saude.gov.br/saude-de-a-z/hpv>. Acesso em: 29 de outubro de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis**: Tricomoníase. Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist/tricomoniase>. Acesso em 20 de outubro de 2021.

• Capítulo 5 - ISTS •

ARAÚJO, T. M. E. **Cartilha Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)**. Universidade Federal do Piauí. 2020. Acesso em: 29 de outubro de 2021.

KAYE, K. M. **Infecções por vírus do herpes simples (Herpes Simplex Virus, HSV)**. MANUAL MSD Versão Saúde para a Família. 2018. Acesso em: 29 de outubro de 2021.

RIBEIRO, K. **Vacina HPV quadrivalente é ampliada para homens de até 45 anos com imunossupressão**. Ministério da Saúde. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/julho/vacina-hpv-quadrivalente-e-ampliada-para-homens-de-ate-45-anos-com-imunossupressao>. Acesso em 13 de outubro de 2023.

VARELLA, D. **Sexualidade**. 2024. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/sexualidade/>. Acesso em: 28 fev. 2024.



• Capítulo 5 - ISTS •

Fundação Oswaldo Cruz. **PrEP e PEP**. 2016 Disponível em: <https://www.far.fiocruz.br/2016/12/prep-e-pep/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

DE SÃO PAULO, S.-P. DA C. **Prevenção Combinada**. 2018. Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/istaids/index.php?p=245395>>. Acesso em: 28 fev. 2024.

SHELDON R. MORRIS. **Visão geral das infecções sexualmente transmissíveis**. 2023. Disponível em: <<https://www.msmanuals.com/ptr/profissional/doen%C3%A7as-infecciosas/infec%C3%A7%C3%B5es-sexualmente-transmiss%C3%ADveis>>. Acesso em: 28 fev. 2024.

UNIAIDS BRASIL. **Prevenção Combinada do HIV**. 2024. Disponível em: <<https://unaid.org.br/prevencao-combinada/>>. Acesso em: 28 fev. 2024.

LINGUAGEM INCLUSIVA

por Eneli Gomes de Lima e
Bru Weruk Alexandre Medeiros



• O QUE É A LINGUAGEM INCLUSIVA?

A Linguagem Inclusiva surge como uma alteração recente na Língua Portuguesa em relação ao **gênero**, focada na tentativa de **incluir** todas as pessoas. Isso porque, a Língua Portuguesa, desde muito cedo nos é ensinada de maneira sexista e binarista - isto é, excluindo mulheres, pessoas não-binárias e pessoas intersexo.

Ou será que você nunca se perguntou porque sempre usamos algumas palavras no masculino? Ou o plural para generalizações, de maneira geral, ser no masculino?

Justamente por não marcar um gênero específico, a Linguagem Não-Binária e Inclusiva se torna mais representativa, deixando a Língua Portuguesa menos machista, sexista e binarista. Assim como os seres humanos, a língua é **fluída** e passível de **mudança**. E, diferente do que grande parte das pessoas podem acreditar, as pessoas não são binárias e/ou dicotômicas!



POR QUE USAR A LINGUAGEM NÃO-BINÁRIA E INCLUSIVA?

A Linguagem Não-Binária e Inclusiva é importante pois ela surge como uma tentativa de **incluir e reconhecer** pessoas não-binárias e pessoas intersexo. Além disso, essa alteração **tira o masculino do plural genérico!**

Desde criança aprendemos a ideia de “gênero gramatical”, construindo uma divisão social binária que **não existe no mundo real**. Afinal, **nós humanos não seguimos um padrão** - seja de gênero, sexualidade, etnia ou classe.

Ao pensarmos em gênero gramatical, algo que aprendemos desde criança, estamos nos referindo a uma categoria da língua. No caso do português temos dois gêneros: masculino e feminino. Por outro lado, no alemão existem três. Já em algumas línguas faladas na África, existem mais de dez gêneros, como por exemplo Wolof na África Ocidental (principalmente no Senegal). Tendo ainda, algumas línguas em que não existe gênero algum.

Essa alteração da linguagem pode promover a **visibilidade, inclusão e respeito** de pessoas marginalizadas pela nossa sociedade.

COMO USAR A LINGUAGEM NÃO-BINÁRIA E INCLUSIVA?

- **Não use “x” ou “@”!**

Essa tentativa de “neutralizar” o gênero na linguagem, exclui pessoas com deficiência visual e pessoas com dislexia que fazem uso de aplicativos de áudios-descrição. Além disso, não expressa uma neutralidade e inclusão, pois não são pronunciáveis e fazem com que as pessoas acabem designando um gênero binário.

- **Para deixar frases mais inclusivas podemos, por exemplo, substituir:**

“Ele é lindo” por “Essa pessoa é linda”

“Eu adoro a Sara” por “Eu adoro Sara”

“Isso é dos cozinheiros” por “isso é das pessoas que trabalham na cozinha”

- **Supressão de artigos e pronomes:**

"A Giovana saiu de casa com o Marcos." por "Giovana saiu de casa com Marcos."

- **Uso de alternativas como “de” (ao invés de “da” ou “do”) e “lhe” (ao invés de “a” ou “o”):**

"Essa carteira é da Luísa" por

"Essa carteira é de Luísa"

• Capítulo 6 - Linguagem Inclusiva •

- **Uso de voz passiva, gerúndio e outras mudanças na estrutura das frases.**

"Os estudantes não podem receber visitas femininas nos dormitórios" por
"Não se permitem visitas nos dormitórios"

- **Uso da preposição "por" no lugar de "pelo" ou "pela".**

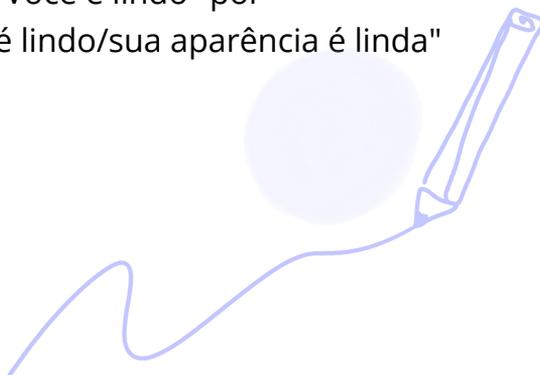
"A notícia enviada pela Gabriela é esta." por
"A notícia enviada por Gabriela é esta."

- **Sempre usar a preposição essencial "a" e nunca "ao".**

"Vou entregar isto ao Augusto" por
"Vou entregar isto a Augusto"

- **Referência a partes do corpo de uma pessoa ao invés de se referir diretamente à pessoa.**

"Você é lindo" por
"Seu corpo é lindo/sua aparência é linda"



• Capítulo 6 - Linguagem Inclusiva •

O uso de **pronomes neutros** pode ser feito da seguinte forma:

Linguagem Não-Binária e Inclusiva		
Feminino/ Masculino	Norma culta	Informal
Ela/ele	Nome da pessoa	Elu/Ile
Dela/dele	De [...] / nome da pessoa	Delu/dile
Sua/seu	De você	Sue
Minha/meu	[...] de mim	Minhe
Nossa	De nós/da gente	Nosse
A/o - as/os	Omissão do artigo	E/s - ês

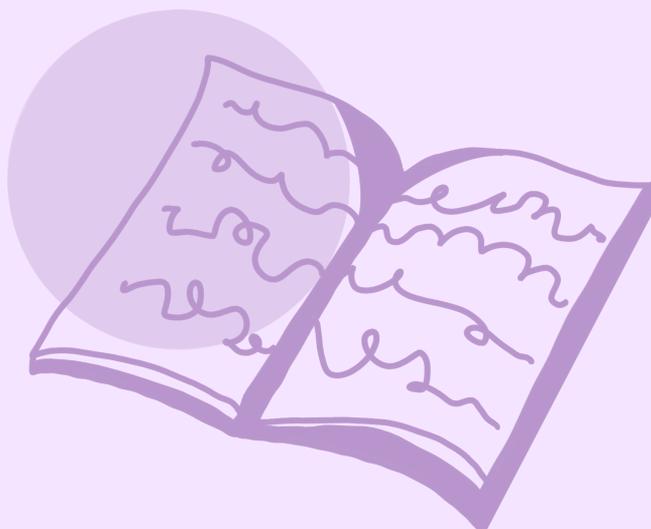
• Capítulo 6 - Linguagem Inclusiva •

O uso de **pronomes neutros** pode ser feito da seguinte forma:

Linguagem Não-Binária e Inclusiva		
Feminino/ Masculino	Norma culta	Informal
Todas/todos	Todas as pessoas	Todes
Mulher/homem	Pessoa não- binária	Não-binárie
Menina/menino	Pessoa	menine
Amiga/amigo	Pessoa amiga/amizade	Amigue
Namorada/namo- rado	Pessoa que eu namoro	Namorade
Professora/profe- ssor	Docente	Professorie
Atriz/ator	Pessoa que atua	Atore

• Capítulo 6 - Linguagem Inclusiva •

Linguagem Não-Binária e Inclusiva		
Feminino/ Masculino	Norma culta	Informal
Psicóloga/ psicólogo	Pessoa especialista em psicologia/ psicologista	Psicologue
Cantora/cantor	Pessoa que canta	Cantorie



• Capítulo 6 - Linguagem Inclusiva •

Nesta cartilha, procuramos trazer os sistemas de uso de linguagem mais comuns e acessíveis. É importante ressaltar, no entanto, que a Linguagem Não-Binária e Inclusiva ainda é algo em construção - justamente como uma língua deve ser: **viva** e **adaptável** às necessidades de quem a utiliza!

Além disso, o fato de refletirmos sobre como tornar a Língua Portuguesa mais inclusiva, não anula outros problemas como o analfabetismo e a acessibilidade de pessoas com dislexia e/ou que fazem uso de aplicativos de leitura.

• INDICAÇÕES:

1. Filme de curta metragem **“Still me”** disponível no Youtube, o qual aborda sobre a vivência não-binária de Bailey na adolescência.

Use este QRcode e
acesse o vídeo indicado!



2. Canal de Linguística “Jana Viscardi” e o seu vídeo **“8 POLÊMICAS SOBRE GÊNERO NEUTRO NA LÍNGUA”** disponível no Youtube.

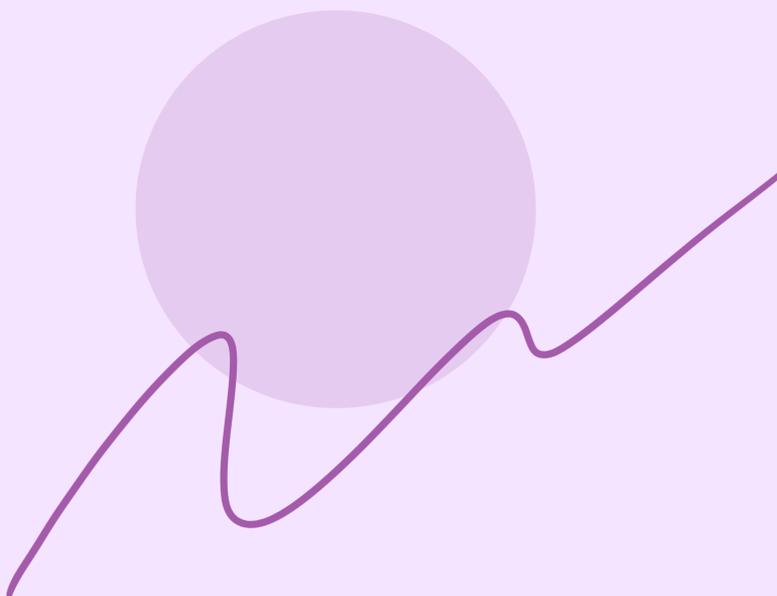


Use este QRcode e
acesse o vídeo indicado!

PROPOSTA PEDAGÓGICA

Uma atividade que pode ser realizada, e adaptada conforme a idade, é a criação de um jogo no qual os estudantes possam brincar de **adaptar frases e/ou palavras** para uma forma não-binária.

Por exemplo, dê a estes estudantes diversos papéis com palavras ou frases e peça para que montem frases que não denotem um gênero um único gênero.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. **Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa**. 2020. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Acesso em 08 abr 2024.

CALDAS-COULTHARD, C. R. **Orientações para a inclusão linguística de pessoas trans**. 2020. Babel & TransEmpregos: 1ª edição - Berlim, Santa Catarina, São Paulo. Acesso em 15 mar 2024.

FACCIOLLA, M. **Linguagem Não-Binária ou Neutra de Gênero [Neolinguagem]** - Pronomes Neutros. 2020. Universidade Paulista. Acesso em 22 mar 2024.

FISCHER, A. **Linguagem Inclusive**: Uma rápida reflexão, 12 técnicas básicas e outras estratégicas semânticas. 2020. Vila Madalena, São Paulo. Acesso em 09 abr 2024.

MASCULINIDADE TÓXICA

por Roberto Gabriel Ferreira e Marco Antonio Bim



Capítulo 7 - Masculinidade Tóxica

Na cultura ocidental contemporânea, existe uma forte ocorrência de **comportamentos** e **atitudes** que são tipicamente associados a um ou outro gênero. Estes estímulos sociais de gênero sofrem influência desde a infância e são definidos por traços comportamentais de diferentes níveis, como por exemplo a forma de se vestir, os brinquedos, os trejeitos, as formas de se expressar, etc.

Socialmente, o homem recebe desde a infância estímulos para **conter suas emoções** e **reproduzir comportamentos** idealmente machistas. Isso afasta os homens de características que poderiam levar à construção de sua personalidade e autenticidade, fazendo com que suas principais forças não sejam desenvolvidas e não possam ser utilizadas para a realização de atividades que poderiam ser mais prazerosas em sua vida (De Paula & Da Rocha, 2019).

Muitas vezes esses padrões negativos de comportamento são **reforçados** pelos tutores e família da criança de forma sutil e até inocente, através de gestos e falas que corroboram para a manutenção de comportamentos negativos. Frases como “homem não chora”, “isso é coisa de homem”, “o homem que sustenta a casa”, “homem não leva desaforo para casa” são alguns exemplos desse reforço negativo.

Capítulo 7 - Masculinidade Tóxica

Desde a infância, os homens são incentivados a aprender e reproduzir **comportamentos agressivos**, seja por meio de brincadeiras, brinquedos (armas, bonecos com armaduras e espadas), jogos e por meio de esportes e lutas (BROUGÈRE, 2008). Diante disso, os indivíduos em formação são condicionados a experienciar apenas um gênero de forma seletiva, muitas vezes reforçando padrões negativos.

A masculinidade pode ser definida como o **conjunto de características e comportamentos associados ao gênero masculino**. Esses comportamentos passam a se tornar tóxicos a partir do momento em que eles inspiram irreais ou inalcançáveis como ponto de referência de como “todos os homens deveriam ser”, reforçando valores como virilidade, força, insensibilidade, coragem, violência e brutalidade. A idealização destes valores impedem a possibilidade de outras **masculinidades plurais**, que exaltem e pratiquem valores diferentes de um modelo de masculinidade padrão.

Capítulo 7 - Masculinidade Tóxica

Além disso, a **masculinidade padrão** se baseia em um ideal hegemônico branco cisheteronormativo desconsiderando a existência de **homens pretos, gays, trans, PCDs e neurodivergentes**. Inclusive, homens que fogem deste padrão muitas vezes são tidos como inferiores ou inadequados, não sendo considerados “homens de verdade”.

A masculinidade se torna tóxica sempre que ela afeta a **saúde mental** das pessoas ao redor do homem ou a própria saúde mental do homem. A necessidade de demonstrar dominância e poder faz com que o homem demonstre comportamentos agressivos com relação às pessoas com que se relaciona. Isso é refletido pelos altos índices de **feminicídio**, que no Brasil chegam a cerca de 6 a cada hora. No entanto, apesar dos altos índices de feminicídio no país, a maior parte dos homicídios no país são cometidos contra homens, mostrando que, além de opressores, os homens também são vítimas da masculinidade tóxica. Embora homens e mulheres enfrentem os mesmos problemas com relação à doenças mentais, **o número de suicídios cometidos por homens é muito maior**. Isso porque o homem é visto como fraco ao buscar ajuda, conversar sobre seus sentimentos ou fazer terapia.

Capítulo 7 - Masculinidade Tóxica

A ideia de uma hierarquia das masculinidades, cresceu diretamente a partir da experiência de homens heterossexuais. O conceito de **masculinidade hegemônica** foi usado em estudos na educação para compreender as dinâmicas da vida em sala de aula, incluindo os padrões de resistência e **bullying** entre meninos. Foi explorado as relações com o currículo e as dificuldades da pedagogia neutra de gênero, sendo usado para entender as estratégias e as identidades de professores em grupos, tais como os de instrutores de educação física. O conceito também influenciou a criminologia, tais dados refletem que os homens e os meninos perpetraram mais os crimes convencionais - e os mais sérios desses crimes - que as mulheres e as meninas.

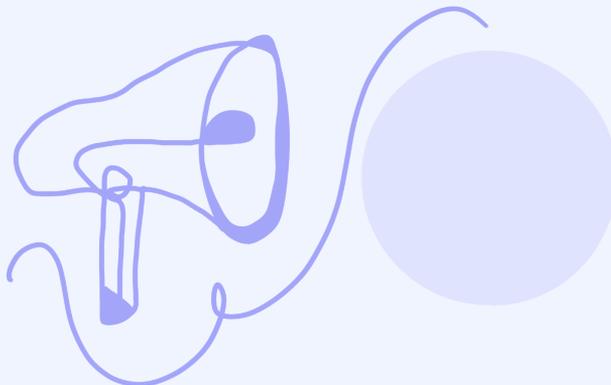


Capítulo 7 - Masculinidade Tóxica

Além disso, a masculinidade tóxica também pode influenciar na constituição da figura paterna, o que é uma realidade para muitas crianças que sofrem de abandono paterno. De acordo com o IBGE, existem, atualmente, cerca de 11 milhões de mães solas no Brasil, concentradas principalmente em periferias e favelas. O abandono paterno pode ocorrer em diversos níveis, desde a ausência total do pai desde o nascimento da criança, até uma negligência na criação.

Existem três categorias de abandono paternal:

- O **abandono material**, quando o genitor não fornece os recursos básicos para subsistência da criança;
- O **abandono intelectual**, quando o genitor não provém educação primária (4 ao 17 anos);
- O **abandono afetivo**, quando a criança é tratada com indiferença afetiva, trazendo consequências a níveis psicológicos.



Capítulo 7 - Masculinidade Tóxica

Falar de masculinidade tóxica também é falar de **masculinidade negra**, pois antes de ser um homem, ele é negro. A masculinidade negra deve ser tratada de forma diferente, já que o contexto histórico e social do Brasil fez com que, através de atitudes higienistas, o homem preto se tornasse perseguido e alvo de desconfiança, beirando as margens da sociedade. Não é incomum encontrar relatos sobre **abandono paterno**, **abordagens policiais violentas** e **medo de sair na rua à noite**. Isso faz com que os homens negros tenham taxas de mortalidades maiores que de mulheres brancas e negras e de homens brancos, tornando o homem negro parte de uma população de risco. Em geral, **homens negros são mais afetados pelas mortes violentas**, 25,6% morrem por causas externas, sendo metade dessas mortes violentas por homicídio.

Além disso, há uma **hiperssexualização** da figura de corpos negros, como, por exemplo, homens fortes e de pênis grandes. Esses estereótipos foram criados e mantidos pela **indústria pornográfica**, e que podem afetar a autoestima de homens que não se encaixam neste padrão de corpo, além de criar uma idealização de que homens pretos são bons para sexo, enquanto homens brancos são bons para constituir família.

Capítulo 7 - Masculinidade Tóxica

PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

A proposta se inicia com a exibição do documentário “O Silêncio dos Homens”, disponível no Youtube.



Use este QRcode e acesse a obra original!



Após, os estudantes são orientados a responder de forma reflexiva as questões abaixo, em voz alta e, preferencialmente, em círculo:

1. O que foi apresentado no documentário de novidade para vocês? O que chamou atenção como novo e/ou mais interessante? Por qual motivo?
2. Quais pontos o documentário poderia ter tratado melhor ou com mais profundidade? Quais foram pontos cegos?
3. O que podemos fazer para promover mudanças em nós mesmos, pensando no que foi visto no filme? Como promover mudanças nos ambientes e comunidades e espaços de trabalho onde já estamos?
4. Quais perguntas ficam em aberto para vocês Como podemos seguir investigando essas perguntas?
5. Como podemos reverter essa masculinidade tóxica dentro da nossa escola/nosso bairro? Quais atitudes concretas e realizáveis podemos propor?

REFERÊNCIAS

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Cultura**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2008. (Questões da nossa época; 43) ISBN 9788524905605.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Revista Estudos Feministas, v. 21, p. 241-282, 2013.

DE PAULA, R. C. M; DA ROCHA, F. N. **Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo: uma reflexão a partir da Psicologia Positiva**. Revista Mosaico, v. 10, n. 2Sup, p. 82-88, 2019.

DE SOUZA, R. R. **As representações do homem negro e suas consequências**. Revista Fórum Identidades, 2009.

GREWAL, A. **The Impact of Toxic Masculinity On Men's Mental Health**. 2020.

Capítulo 7 - Masculinidade Tóxica

RÁDIO GLOBO. **Os números do feminicídio do mundo: seis mulheres morrem a cada hora vítimas do crime cometido por conhecidos.** Rádio Globo. Rio de Janeiro, 29 nov. 2018. Disponível em: <http://radioglobo.globo.com/media/audio/229601/os-numeros-do-femicidio-no-mundo-seismulheres-m.htm>.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2006: homicídios por arma de fogo no Brasil.** Flacso Brasil. Brasil: s. l, 2016. Disponível em: https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf



MÉTODOS CONTRACEPTIVOS

por Eneli Gomes de Lima, Guilherme Sant Ana
Moyses Khoury, Jamilli Pereira dos Santos Nogueira e
Marieli Peres dos Santos



• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

Durante a adolescência, é comum que a principal fonte de informação sobre métodos contraceptivos seja a internet, redes sociais e conversas com colegas. Isso ocorre, principalmente, pois o tema da **sexualidade** ainda é um **tabu** em nossa sociedade, gerando uma falta de diálogo sobre o assunto entre familiares e com docentes. Essa aprendizagem informal é importante pois, muitas vezes, é a única instrução recebida por jovens em relação aos métodos contraceptivos.

Contudo, não há garantias de que o conteúdo acessado na internet tenha **embasamento científico** ou que haja a compreensão dos conceitos e métodos. Isso pode acarretar em mau ou até mesmo ao não uso dos métodos, levando a gravidez indesejada, ISTs e casos de abuso sexual, como a coersão para o não uso de preservativo. A aprendizagem sobre os métodos contraceptivos na escola é de extrema importância para que adolescentes expressem suas sexualidades de maneira saudável. É essencial que essa aprendizagem ocorra na escola, pois é nela onde pode acontecer um ensino qualificado, baseado em teorias e conceitos científicos, tanto pedagógicos como biológicos e sociais (Jorge; Alves; Alves; Dias, 2017).

Para compreender como os métodos contraceptivos funcionam, é necessário entender como ocorre a con-

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

cepção, ou seja, a gravidez, e para tanto precisamos compreender as fisiologias dos sistemas genitais e seus gametas.

O **Ciclo Ovariano**, para fins didáticos, é dividido em duas partes: a fase folicular, que vai desde o início do sangramento (os dias da menstruação) até a ovulação e a fase lútea. Na fase folicular observa-se em maior nível o **hormônio folículo-estimulante** (FSH), **hormônio luteinizante** (LH) e **estrógeno**, que influenciam no crescimento do folículo ovariano e a ovulação.

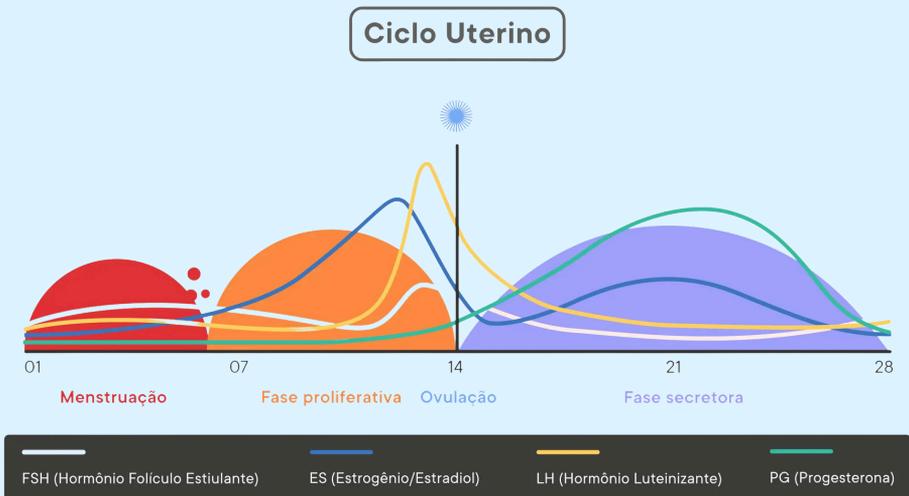
Após a ovulação, começa a fase lútea a qual dura em torno de 14 dias e se encerra com o início da menstruação. Os sintomas da **TPM** (Tensão Pré-Menstrual ou Síndrome Pré-Menstrual) aparecem na fase lútea e duram, no máximo, até o 4º dia da menstruação (na fase folicular).

Além do estrogênio, nesta fase há também uma maior produção de progesterona. No caso do estrogênio, um hormônio produzido pelos ovários, a influência se dá no desenvolvimento dos órgãos sexuais de pessoas com útero e na regulação dos ciclos reprodutivos. Apesar das pessoas com pênis também produzirem estrogênio, a quantidade é menor.

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

Enquanto que a progesterona, é responsável por gerar modificações no endométrio que favorecem a manutenção de uma possível gravidez até a placenta se desenvolver.

A gravidez pode ocorrer em aproximadamente 24 horas, após isso, o óvulo é reabsorvido pelo corpo. A fase lútea é caracterizada pelo aumento de estrógeno e progesterona. Com o passar dos dias, há a queda desses dois hormônios, ocorre com a regressão do corpo lúteo e a descamação do endométrio, gerando a degeneração do endométrio e sangramento, ou seja, a menstruação (Frankovich; Lebrun, 2000; Sampaio, 2002; Pagliuca; Rodrigues, 1998).



Marta Pucci em "Clue", 2022.

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

Assim como os outros processos fisiológicos, o ciclo ovariano também está ligado a toda a fisiologia corporal e também a fatores ambientais. Há interações entre cérebro, glândula pituitária, ovários e endométrio. Estímulos ambientais (nutrição, estresse, emoção, luz, odor, som) são transformados pelo hipotálamo em neuropeptídeos, o que faz a glândula pituitária secretar gonadotrofinas as quais estimulam o ovário.

Os ovários secretam estradiol e progesterona que, por sua vez, estimulam uma nova formação do endométrio e mantêm a estimulação do hipotálamo e da glândula pituitária.

A duração desse ciclo varia entre as pessoas que menstruam, podendo variar de 20 a 45 dias. Além disso, os fatores ambientais e hormonais, citados anteriormente, podem influenciar na duração dos ciclos durante a vida de cada pessoa (Frankovich; Lebrun, 2000).

Ao contrário da liberação do óvulo, que ocorre, em média, uma vez por mês, a produção de espermatozoides é iniciada na puberdade e dura a vida toda do indivíduo. Ou seja, essas pessoas são férteis durante toda sua vida, embora possam ter variações quanto ao número de espermatozoides

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

produzidos ao longo da vida. A contagem e motilidade dos espermatozoides podem diminuir com o envelhecimento, contudo as causas e processos fisiológicos para esses acontecimentos ainda não são bem estudados (Pinto, 2017).

A produção de espermatozoides ocorre nos túbulos seminíferos dos testículos, estimulada pelos hormônios LH e FSH da hipófise anterior. O LH estimula a produção de testosterona pelas Células de Leydig, que, junto com o FSH, estimula as Células de Sertoli para maturar as células germinativas em espermatozoides (Graça, 2009).

***Mas o que são os métodos contraceptivos?
Quais são os existentes? Como cada um funciona?***

Os métodos contraceptivos são maneiras, medicamentos, objetos e cirurgias usados pelas pessoas para evitar uma gravidez.

No contexto dos direitos reprodutivos, a liberdade de escolha é fundamental na área da regulação da fecundidade. Para optar por um método contraceptivo de forma livre e informada, os indivíduos precisam conhecer e ter acesso a todos os métodos anticoncepcionais cientificamente aprovados e disponíveis, escolhendo aquele que seja o mais

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

adequado às suas características e às suas condições de vida em cada momento. Os métodos contraceptivos dividem-se em:



O QUE SÃO OS MÉTODOS REVERSÍVEIS NATURAIS?

Baseiam-se no conhecimento do período fértil de pessoas com útero (durante o qual pode ocorrer a fecundação) e na abstenção de relações sexuais durante esse período. São métodos que não protegem de ISTs, além de serem menos eficazes que os métodos não naturais, entretanto não apresentam efeitos colaterais.

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

Estes métodos normalmente estão relacionados a comportamentos que buscam evitar relações sexuais durante o período fértil, quando o óvulo pode ser fertilizado. Para isso é preciso saber quando o período fértil ocorre. Apesar de não ter efeitos colaterais, em geral esses métodos apresentam baixa eficácia e é necessária uma orientação detalhada do médico.

MÉTODOS NATURAIS:

- **Tabelinha:**

É um método que se baseia na observação de vários ciclos menstruais, para determinar o período fértil do ciclo menstrual.

Para utilização deste método é preciso anotar pelo menos os seis últimos ciclos e a partir daí estimar o início de período fértil subtraindo 18 dias do comprimento do ciclo mais curto, e estimar o fim do período fértil subtraindo 11 dias do ciclo mais longo.

Este não é um método seguro para evitar a gravidez, pois só funciona para quem tem o ciclo regular.

Não é indicada após o parto ou durante a amamentação, ou para pessoas que apresentam ciclos menstruais irregulares (adolescentes e pessoas com útero na pré-menopausa).

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

• Muco cervical:

Este método baseia-se na determinação do período fértil pela auto-observação das mudanças do muco cervical e da sensação de umidade na vagina ao longo do ciclo menstrual.

O muco cervical é uma secreção produzida no colo do útero pela ação dos hormônios femininos, que umedece a vagina e, às vezes, aparece na calcinha.

À medida que se aproxima o dia da ovulação, o muco cervical vai ficando parecido com a clara de ovo, elástico, transparente e escorregadio e a vagina vai ficando mais úmida, facilitando a entrada dos espermatozoides.



Famvita, 2024

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

Como muitas pessoas têm pouca secreção, é mais recomendado colocar o dedo na vagina e em seguida, observar que tipo de secreção está presente. E a observação do muco deve ser diária.

Não é indicado após o parto ou durante a amamentação, ou quando a pessoa apresenta febre ou corrimento.

- **Coito Interrompido:**

O coito interrompido se baseia na capacidade de pessoas com pênis pressentir a aproximação da ejaculação e neste momento retirar o pênis da vagina.

A eficácia deste método é baixa e oferece alto risco de gravidez, pois o pênis solta gotas de lubrificação pré-ejaculatória que pode conter espermatozoides que ficam na vagina antes da interrupção da relação sexual.

MÉTODOS IRREVERSÍVEIS NÃO NATURAIS:

Eles impedem a fecundação através da utilização de dispositivos adequados ou no uso de substâncias. Dividem-se em:

- **Métodos de barreira (Colquitt; Martin, 2016):**

Os métodos de barreira evitam a gravidez porque impedem o acesso dos espermatozóides ao útero,

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

através de obstáculos mecânicos, químicos ou mistos. Os mais populares são os preservativos para pênis, onde sua utilização vem sendo altamente recomendada, graças ao efeito protetor contra ISTs.

- **Preservativo externo:**

A camisinha externa é o método contraceptivo mais simples. Tem baixo custo, e acesso relativamente fácil para todas as camadas da sociedade, não exige prescrição médica podendo ser adquirido em supermercados, farmácias e outros estabelecimentos comerciais, ou distribuído pelo governo.

É recomendado pelos órgãos de saúde devido a sua eficácia na prevenção, é o único método comprovado para prevenir as ISTs, inclusive o HIV/Aids, quando usada em todas as relações sexuais, antes de qualquer contato do pênis com a vagina, com o ânus ou com a boca.

- **Como usar a camisinha?**

A camisinha deve ser posta com o pênis ereto, colocando na cabeça do pênis e ir desenrolando até cobrir todo o pênis, segurando a ponta da camisinha com os dedos para retirar o ar. Nenhuma bolha de ar deve ficar dentro da camisinha, para que não se rompa.

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

A ponta da camisinha deve estar livre, servindo de depósito para o esperma após a ejaculação. Logo após a ejaculação e antes do pênis ficar mole, retirar a camisinha, segurando-a com cuidado pela base, para que o esperma não vazze.

Para pessoas com alergia ao látex, o material mais usado na sua fabricação, existem camisinhas feitas de poliuretano.

Preservativo interno:

Funciona como uma barreira, recebendo o esperma ejaculado na relação sexual. É um tubo feito de plástico macio, fino e resistente, que já vem lubrificado e que se coloca dentro da vagina, para impedir o contato do pênis com a vagina.

A camisinha interna é eficaz para proteger da gravidez e de ISTs, quando usada em todas as relações sexuais, antes de qualquer contato do pênis com a vagina. Esse preservativo não se popularizou que nem o externo, devido ao seu desconforto e não praticidade de sua utilização.

Como usar a camisinha para útero?

O preservativo possui duas extremidades, a interna, que possui um anel de silicone mais grosso e não tem o fundo vazado.

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

Este deve ser inserido dentro da vagina com auxílio dos dedos, cobrindo o colo do útero. A extremidade externa possui um anel mais fino e maleável e possui uma abertura para penetração. A camisinha para útero precisa ser segurada por quem está utilizando durante a relação sexual, para evitar que se movimente e saia.

- **Diafragma:**

O diafragma é uma capa flexível de borracha ou de silicone, com uma borda em forma de anel, que é colocada na vagina para cobrir o colo do útero. Como uma barreira, é introduzido pela vagina, sobre o colo do útero antes da relação sexual. Para aumentar sua eficiência, devem-se lubrificar as bordas com geleia espermicida.

Esta geleia espermicida é uma substância química que recobre a vagina e o colo do útero, impedindo a penetração dos espermatozoides no útero, imobilizando-os ou destruindo-os. Pode ser usado sozinho ou combinado com o diafragma. Sua eficácia se dá no período de uma hora após a sua aplicação.

- **Dispositivo intra-uterino (DIU): (Ambulatório De Saúde Do Coletivo Feminista Sexualidade E Saúde, 2023):**

O dispositivo intrauterino, popularmente conhecido como

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

DIU, é um método contraceptivo a longo prazo que impede o contato dos espermatozóides com os óvulos.

Possui o formato de “T”, é inserido no útero e possui duas grandes classificações: hormonal, como o DIU Mirena ou Kyleena, e não hormonal, como o DIU revestido de cobre ou de prata. Todos são colocados no interior do útero.

• DIU não hormonal:

O DIU de cobre e prata atuam em diferentes etapas para impedir a gravidez. Inicialmente, o DIU de cobre libera íons que imobilizam os espermatozoides e dificultam bastante a sua mobilidade dentro do útero, dificultando assim a fecundação. Se mesmo assim os espermatozoides conseguem ultrapassar essa barreira, o DIU age dificultando a implantação do ovo fecundado na cavidade uterina.

O que difere os dois é sua composição, formato e durabilidade.

• DIU de cobre:

O DIU de cobre é um dispositivo pequeno e flexível, é feito de plástico e tem forma de “T”, as bases e hastes são recobertas de cobre. Sua durabilidade pode chegar a até 10 anos.

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

• DIU de prata:

O DIU de prata tem um formato mais parecido com um “Y”, tem as hastes revestidas de prata e a base revestida por uma mistura de cobre e de prata. Essa mistura com a prata atua mantendo a estabilidade do cobre e prevenindo que ocorra a fragmentação do mineral, assim, aumentando a eficiência do dispositivo. Seu tamanho é menor que o de cobre. Pode durar até 5 anos.

Supõe-se que o DIU de prata diminui o processo inflamatório na região uterina, o que seria responsável pela redução do fluxo menstrual e das cólicas apresentadas por quem usa.

• DIU hormonal:

O DIU de Kyleena e Mirena são dois contraceptivos hormonais, ambos atuam liberando diariamente pequenas quantidades do hormônio levonorgestrel (progesterona), que provoca uma ação inflamatória local, afinando o endométrio (camada interna do útero) e tornando o muco cervical mais espesso. Esses fatores dificultam a ascensão dos espermatozoides pelo canal cervical e promovem um ambiente desfavorável para a fecundação.

Para colocar qualquer um dos tipos de DIU é necessário fazer três avaliações principais:

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

1) o exame físico para conferir se não existem problemas que mereçam atenção, como alterações menstruais, corrimentos, dores inexplicáveis, 2) o Papanicolaou* para investigar as células do colo do útero, a fim de descobrir se há algum tipo de lesão patológica ou cancerígena e 3) a ultrassonografia transvaginal* para avaliar as dimensões do útero para ver se não há nenhuma variação anatômica.

Obs: não são obrigatórios, entretanto é comum que sejam solicitados

O procedimento para colocar o DIU costuma durar entre 15 a 20 minutos. Para pôr o dispositivo o canal vaginal é mantido aberto com o auxílio do espécuro, a pessoa ginecologista posiciona o DIU no fundo do colo do útero, por meio de um aplicador. Os fios do DIU devem ser mantidos e cortados rente à entrada do colo do útero para não causarem incômodo. Pode ser feito com a aplicação ou não de anestesia, dependendo da preferência e da sensibilidade de cada pessoa.

O SUS disponibiliza o DIU de cobre de forma gratuita. Também é possível colocar o de Mirena se for para o tratamento de patologias como endometriose, miomatose ou doenças uterinas que precisem de controle de sangramento.

MÉTODOS QUÍMICOS OU HORMONAIS (Colquitt; Martin, 2016):

Estes métodos geralmente são uma mistura de derivados sintéticos de estrogênios e progesterona, que inibem o aumento de LH (responsável pela ovulação) impedindo a concepção por inibir a ovulação pelo bloqueio da liberação de gonadotrofinas pela hipófise. Alguns contêm apenas derivados da progesterona.

- **Pílulas anticoncepcionais:**

São comprimidos feitos com substâncias químicas semelhantes aos hormônios estrogênio ou progesterona. Este método evita a gravidez de diferentes maneiras: as pílulas impedem a ovulação, evitam a nidação e engrossam o muco fértil, atrapalhando assim a passagem dos espermatozoides.

Os de uso oral são um dos mais usados no mundo todo, pois além de serem usados para evitar gravidez, são indicados por muitos profissionais da saúde como tratamentos paliativos da síndrome dos ovários policísticos e endometriose.

Sua eficácia pode chegar a 99%, entretanto isso vai depender do modo como se é usado, não podendo ser deixado de tomar nenhum dia durante o uso da mesma cartela.

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

Importante ler a bula para utilizar a medicação de forma correta. Seu uso pode aumentar o risco de complicações vasculares como trombose venosa profunda, embolia pulmonar, infarto do miocárdio e acidente vascular cerebral.

Existe também os vaginais que deve ser introduzida diariamente na vagina para ser absorvida pelo organismo e segue os mesmos princípios das pílulas orais. Essa opção normalmente é utilizada por pessoas que em problemas estomacais ou que enjoam demais com a pílula anticoncepcional oral

- **Anticoncepcionais injetáveis:**

Os anticoncepcionais injetáveis são injeções de hormônios semelhantes àqueles que o ovário produz. Contém progesterona ou associação de estrogênios, para administração intramuscular, com doses hormonais de longa duração. Eles agem evitando a ovulação. Devem ser aplicados a cada 30 dias, ou a cada 3 meses, conforme recomendação médica.

- **Implante hormonal:**

É um bastonete de plástico, mede 4 cm de comprimento e 2 mm de diâmetro que é colocado na face interna da parte superior do braço, por baixo da pele. Que libera lentamente progesterona que evita a liberação mensal de oócitos secundários do ovário.

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

Tem uma eficácia contraceptiva de 98,5% durante três anos. A sua colocação exige o recurso a anestesia local e é aplicado, pelo médico, através de uma agulha.

- **Anel vaginal:**

O anel vaginal tem cerca de 5 centímetros, é feito de silicone flexível e é inserido na vagina, todos os meses, de forma a impedir a ovulação e a gestação, através da liberação gradual de hormônios.

Este método deve ser utilizado durante 3 semanas seguidas e, depois desse tempo, deve ser retirado, devendo-se fazer uma pausa de 1 semana, antes de voltar a colocar um novo anel. Quando utilizado corretamente, este método anticoncepcional tem uma eficácia superior a 99% de proteção de uma gravidez indesejada.

- **Adesivo anticoncepcional:**

O adesivo é uma forma recente de contraceção, com eficácia igual a dos anticoncepcionais orais e injetáveis, entre 99,3% a 99,6% e possui os hormônios (estrogênio e progestágeno) que caem diretamente na corrente sanguínea e inibem a ovulação.

Deve ser aplicado à pele, preferencialmente no primeiro dia do ciclo menstrual, ou seja, no primeiro da menstruação

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

O dia da semana deve ser memorizado, pois a cada sete dias, o adesivo deve ser retirado e substituído por um novo.

- **Contracepção de emergência (pílula do dia seguinte):**

A pílula do dia seguinte é um contraceptivo de emergência que age bloqueando a ovulação e prevenindo uma possível gravidez depois de uma relação sexual desprotegida. Trata-se de um método com alta dose hormonal e que não deve ser usado com frequência, pois usado regularmente ou com repetição pode desregular o ciclo menstrual e facilitar a gravidez.

A eficácia do tipo de pílula mais utilizada pode chegar a 95% quando iniciada nas primeiras 24 horas, de 85% entre 25 e 48 horas e de 58% entre 49 e 72 horas.

MÉTODOS CIRÚRGICOS (IRREVERSÍVEIS):

- **Laqueadura (Brasil, 2009):**

Método contraceptivo cirúrgico e definitivo, através da ligadura ou corte das tubas uterinas a tuba uterina é cortada e os pontos cortados são amarrados. Com isso, embora continue a ser produzido, o óvulo não é fecundado, uma vez que foi interrompida a ligação entre o ovário e o útero.

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

Normalmente a laqueadura é feita logo após o parto visando reduzir riscos cirúrgicos.

Hoje em dia pode ser feita a partir dos 21 anos de idade e já não é mais necessário a autorização do cônjuge. Entretanto é necessário comunicar com a antecedência de 60 dias sobre o desejo de se fazer o procedimento.

- **Vasectomia (Brasil, 2009; Sírio-Libanês, 2016):**

A vasectomia consiste na secção dos ductos deferentes através de pequeno corte na parte superior da pele da bolsa escrotal com anestesia local. Dessa forma, os espermatozoides são , mas não conseguem passar pela área obstruída.

Muitas pessoas com pênis se recusam a fazer essa cirurgia porque imaginam que ela possa provocar distúrbios de ereção, no que estão completamente enganados.

Essa operação não modifica o comportamento sexual (a testosterona continua a ser lançada no sangue), e o sêmen continua a ser produzido, embora não contenha espermatozoides. Depois da cirurgia é fundamental permanecer utilizando um método anticoncepcional por 60 dias aproximadamente, pois alguns espermatozoides

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

podem continuar vivos dentro do canal. Em poucos meses, porém, o sêmen (líquido que é ejaculado durante o ato sexual) não conterá mais espermatozoides, impossibilitando a gravidez.

Assim como a laqueadura, a idade mínima para fazer o procedimento é de 21 anos. O procedimento pode em alguns casos ser passível de reversão em até 5 anos de procedimento, com uma eficácia de 97%.

CONTRACEPÇÃO DE PESSOAS COM PÊNIS ("CONTRACEPÇÃO MASCULINA")

Segundo o documento Planejamento Familiar – Um Manual Global para Profissionais e Serviços de Saúde, publicado em 2018 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), existem 20 métodos contraceptivos catalogados pelo órgão, mas apenas dois são voltados para as pessoas com pênis: a camisinha e a vasectomia.



PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

PROPOSTA 1: Primeiramente a pessoa responsável pela aula pode realizar um diálogo sobre os métodos contraceptivos com os alunos para verificar seus conhecimentos prévios em relação ao tema.

Em sala de aula pode ser utilizada uma caixinha para depósito de perguntas ou dúvidas sobre o assunto, pois muitos sentem medo, receios ou possuem vergonha de falar ou fazer um questionamento oralmente. As questões podem ser respondidas durante uma mini palestra pela pessoa responsável pela sala ou pelos próprios estudantes em uma atividade de pesquisa.

Através das perguntas feitas em sala de aula, a turma pode desenvolver folhetos informativos com as perguntas mais comumente realizadas entre os estudantes.

PROPOSTA 2: Outra atividade interessante é dividir a turma em grupos e distribuir para cada grupo um tipo de método contraceptivo, orientando que os grupo discutam como o método funciona, como deve ser usado, qual é o custo no mercado, quais as vantagens/desvantagens e as principais dúvidas e mitos que eles conhecem a respeito do mesmo.

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

O resultado da discussão pode ser apresentado à pessoa responsável pela turma por meio de um cartaz, folha ou documento. Com base no conteúdo enviado ao docente, essa pessoa pode adicionar informações sobre métodos contraceptivos usando slides ou promovendo uma roda de conversa com a turma.

PROPOSTA 3: A aula também pode ser desenvolvida através da leitura de notícias. Por exemplo, o docente pode fazer, com a turma, a leitura de notícias sobre projetos de prevenção de gravidez na adolescência, distribuição de métodos contraceptivos, entre outros. Posteriormente, de acordo com o texto é possível desenvolver perguntas que possam gerar debates e discussões entre a turma, como:

- Qual a importância de projetos de prevenção de gravidez na adolescência nas escolas?
- É possível prevenir uma gravidez mesmo sendo sexualmente ativo?
- Cite as formas de prevenção que você conhece. Você sabe como funcionam e como utilizá-las?
- De quem é a responsabilidade de lembrar do uso do contraceptivo durante uma relação sexual?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Cada estudante deverá escolher ao menos cinco métodos contraceptivos para pesquisar mais a fundo sobre eles, bem

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

como, produzir uma ficha com informações sobre o método, com um desenho quando possível, como:

- Qual a eficácia de prevenção a gravidez?
- O método é hormonal ou não?
- Protege contra ISTs?
- É reversível?
- Precisa de acompanhamento médico para utilizar o método?
- É recomendável para adolescentes? Adultos?
- Entre outras possíveis perguntas que o profissional discente possa fazer.

Posteriormente a atividade, no quadro, o docente pode solicitar aos alunos que listem os métodos contraceptivos conhecidos. Os métodos então podem ser divididos pelos próprios estudantes de acordo com suas categorias: Métodos de barreira; Métodos comportamentais; Métodos hormonais; Dispositivos intrauterinos; Métodos cirúrgicos. Em seguida os métodos podem ser novamente grifados/divididos/organizados considerando se são: de livre uso para adolescentes, não recomendável para adolescentes ou de algumas restrições para adolescentes. Essa atividade mostra o que a turma aprendeu ao longo do conteúdo e quais os conhecimentos que tem relacionados à própria saúde e proteção contraceptiva.

REFERÊNCIAS

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

Cavallaro, Francesca L.; Benova, Lenka; Owolabi, Onikepe O.; Ali, Moazzam. A systematic review of the effectiveness of counselling strategies for modern contraceptive methods: what works and what doesn't? *BMJ Sexual & Reproductive Health*, [s.l.], v. 46, n. 4, p. 254-269, 11 dez. 2019. BMJ. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1136/bmjsexrh-2019-200377>.

Conte, Juliana. Como o estrogênio pode aumentar os riscos de câncer de mama? Portal Drauzio Varella, 2022. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/mulher/como-o-estrogenio-pode-aumentar-os-riscos-de-cancer-de-mama/>. Acesso em: 23 out. 2023.

Frankovich, Renata J.; Lebrun, Constance M. Menstrual cycle, contraception, and performance. *Clinics in Sports Medicine*, [s.l.], v. 19, n. 2, p. 251-271, abr. 2000. Elsevier BV. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1016/s0278-5919\(05\)70202-7](http://dx.doi.org/10.1016/s0278-5919(05)70202-7).

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

Graça, Maria Inês Pinho dos Santos. Análise quantitativa da proliferação celular no epitélio seminífero humano. 2009. 123 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Molecular e Celular) – Departamento de Biologia, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10773/812>. Acesso em: 4 maio 2021.

Jorge, Sandra Antunes; et al. Conhecimento e comportamento dos adolescentes de uma escola pública sobre sexualidade e métodos contraceptivos. Revista Baiana de Saúde Pública, [s.l.], v. 41, n. 1, p. 120-130, 15 dez. 2017. Secretaria da Saúde do Estado da Bahia. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22278/2318-2660.2017.v41.n1.a2408>. Acesso em: 4 maio 2021.

Paraná. Governo do Estado. Secretaria da Educação. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: produções didático-pedagógicas. 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_cien_unioeste_anapaulaferreira.pdf. Acesso em: 21 out. 2023.

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

Olquitt, Charlie W.; Martin, Tonya S. Contraceptive methods. *Journal of Pharmacy Practice*, [s.l.], v. 30, n. 1, p. 130-135, 8 jul. 2016. SAGE Publications. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/0897190015585751>.

Organização Mundial da Saúde (Estados Unidos). Departamento de Saúde Reprodutiva e Pesquisa. Planejamento familiar: um manual global para profissionais e serviços de saúde. Baltimore e Genebra: Agência para o Desenvolvimento Internacional dos Estados Unidos, 2007.

Pagliuca, Loma Marlina Freitag; Rodrigues, Jane Oliveira. Métodos contraceptivos de barreira e diurética: tecnologias para o ensino de deficientes visuais. *Scielo*, Brasília, v. 52, n. 3, p. 413-422, jul. 1999.

Pinto, Maria Amoedo Luís Amorim. Impacto da idade na fertilidade masculina. 2017. 37 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Medicina) – Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto, Porto, 2017. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/109401/2/235294.pdf>. Acesso em: 4 maio 2021.

Ray, Laurie; Michalowski, Morgan. Qual a diferença entre menstruação e ciclo? *Hello Clue*, 2022. Disponível em: <https://helloclue.com/pt/artigos/ciclo-a-z/o-ciclo-menstrual-muito-alem-da-menstruacao>. Acesso em: 23 out. 2023.

• Capítulo 8 - Métodos Contraceptivos •

Ribeiro, Mayara. Entenda as fases do ciclo menstrual. Portal Drauzio Varella, 2023. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/mulher/menstruacao/entenda-as-fases-do-ciclo-menstrual/>. Acesso em: 23 out. 2023.

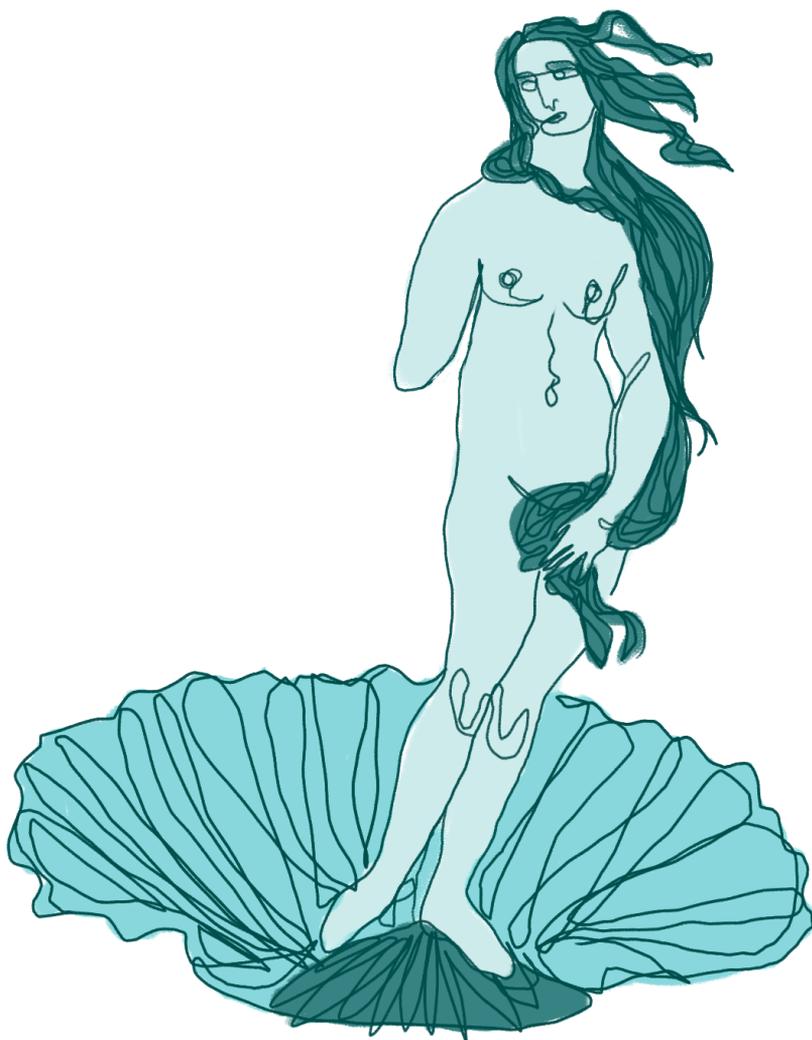
Sampaio, Helena Alves de Carvalho. Aspectos nutricionais relacionados ao ciclo menstrual. Revista de Nutrição, [s.l.], v. 15, n. 3, p. 309-317, set. 2002. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1415-52732002000300007>.

Silva, Alanna Sandrelly Ferreira da. Plano de aula: métodos contraceptivos: conhecer para se proteger. Nova Escola, 2023. Disponível em: <https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/8ano/ciencias/metodos-contraceptivos-conhecer-para-se-proteger/2475>. Acesso em: 17 out. 2023.

Sírio-Libanês, Hospital. Vasectomia: mitos e verdades 2016. Disponível em: <https://hospitalsiriolibanes.org.br/imprensa/vasectomia-mitos-e-verdades>. Acesso em: 3 out. 2023.

PADRÕES DE BELEZA

por Eneli Gomes de Lima



A necessidade de corresponder a um **padrão de corpo idealizado**, no qual processos naturais, como a velhice, tornaram-se estigmas e, corpos que antes eram sinônimo de saúde e fertilidade (como a Vênus de Willendorf), hoje são colocados às margens dos atuais “padrões” de beleza. Assim, favorecendo o aumento de transtornos psicológicos, distúrbios alimentares e de imagem, bem como a busca por cirurgias plásticas estéticas de alto risco.

A obra “O nascimento de Vênus” (The Birth of Venus) de Sandro Botticelli, de 1484, é conhecida como uma das primeiras representações do corpo “feminino” durante o Renascimento, sem relação com a religião. Inclusive, esta é a pintura na qual nos inspiramos para criar a ilustração deste capítulo! Que tal voltar na página anterior e compará-la com a original?



Use este
QRcode e
acesse a obra
original!

Entretanto, à Vênus de Botticelli foi atribuído um significado social e histórico, diferente do designado à Vênus de Willendorf (24.000 - 22.000 a.c), por exemplo. De acordo com Balzan (2011), apesar do nome não ter sido posto com o intuito de comparação entre as obras, fica evidente a ideia da representação do corpo “feminino”, atrelada às suas funções históricas, culturais e sociais.



Fotografia da Vênus de Willendorf
(Imagem de Museu de História Natural de Viena)

A necessidade de corresponder a um padrão de corpo idealizado, no qual processos naturais, como a velhice, tornaram-se estigmas e, corpos que antes eram sinônimo de saúde e fertilidade (por exemplo a Vênus de Willendorf), hoje são colocados às margens dos atuais “padrões” de beleza, favorece o aumento de transtornos **psicológicos, distúrbios alimentares** e a busca por **cirurgias plásticas estéticas de alto risco**.

A obra “O nascimento de Vênus” (The Birth of Venus) de Sandro Botticelli, de 1484, é conhecida como uma das primeiras representações do corpo “feminino” durante o Renascimento, sem relação com a religião.

Entretanto, à esta obra foi atribuído um significado social e histórico, diferente do designado à Vênus de

• Capítulo 9 - Padrões de Beleza •

Willendorf (24.000 - 22.000 a.c), por exemplo. De acordo com Balzan (2011), apesar do nome não ter sido posto com o intuito de comparação entre as obras, fica evidente a ideia da representação do corpo feminino, atrelada às suas funções históricas, culturais e sociais.

A exemplo disso, o próprio conceito de beleza, segundo o dicionário online Michaelis (2021) é descrito de diferentes maneiras, dentre elas:

- Qualidade, propriedade, natureza ou virtude do que é belo;
- Característica do ser ou daquilo que apresenta harmonia de proporções e perfeição de formas;
- Caráter do ser ou da coisa que desperta admiração ou sensações agradáveis (auditivas, gustativas, olfativas, visuais etc.);
- Qualidade de um ser ou objeto que suscita sentimentos de elevação ou simpatia por seu valor moral ou intelectual.

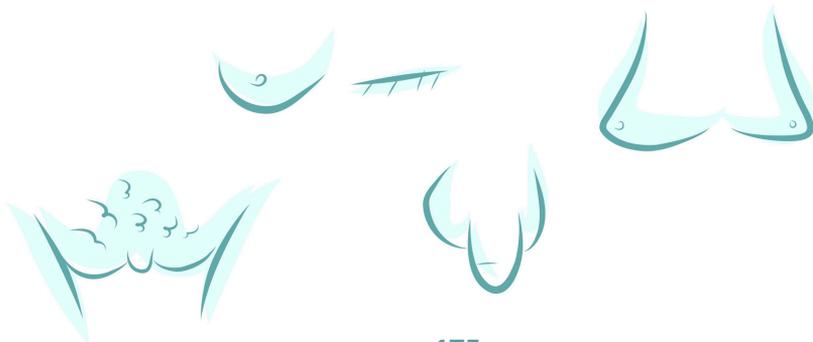
Se a perfeição e a admiração de algo é evidentemente relativas, porque a beleza humana precisa se encaixar dentro de um padrão?

• Capítulo 9 - Padrões de Beleza •

Para pessoas com deficiência visual, a beleza vai além da aparência física; para pessoas trans e não-binárias, a beleza transcende os padrões de gênero; para pessoas gordas, ultrapassa um tamanho de corpo; para pessoas negras e povos tradicionais, descoloniza os estereótipos eurocêntricos.

Sendo assim, é essencial que nós, enquanto profissionais da educação, possamos refletir sobre os cuidados que devemos ter para não colocar estudantes em padrões e estereótipos de beleza inexistentes, tampouco incentivar a continuidade destes. Isso estende-se em todas as áreas de conhecimento e saberes, e no caso da biologia, podemos ver especialmente no ensino de anatomia e sistemas fisiológicos.

Não somente refletir sobre nossas abordagens mas, também, sobre nossos materiais didáticos usados em sala de aula no ensino de anatomia humana, por exemplo.



• Capítulo 9 - Padrões de Beleza •

Isso pois, como mostra a análise “Representação de corpos humanos em livros didáticos de Ciências em perspectivas históricas” feita por Carine Valiente e Sandra Selles, livros didáticos usados entre os anos de 1970 à 2010 enfatizavam/enfatizam muito mais alguns determinados corpos - homens brancos e magros - do que outros.

Portanto, a escolha por ilustrações e representações que se atentam à pluralidade de corpos e identidade de corpos existentes e não apenas reforçam padrões de universalidade e idealização dos corpos, é fundamental enquanto educadores.

PROPOSTAS PEDAGÓGICAS:

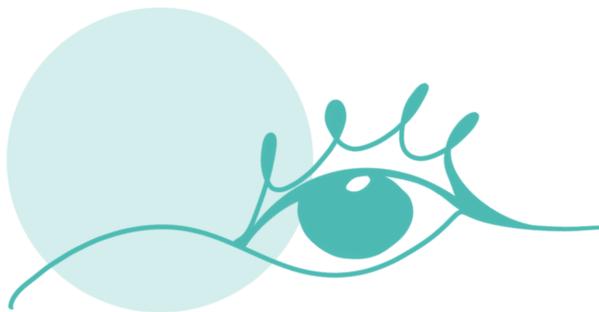
- 1) Uma atividade que pode ser interessante, é propor que pesquisem antigos padrões de beleza e se tinha algo de “científico” ou cultural que justificasse aquele ser o padrão em determinada época e/ou lugar.
- 2) Outra sugestão, é pedir para que busquem por diferentes representações, de diferentes movimentos artísticos, como pinturas, esculturas e afins para que possam compreender como a beleza é, verdadeiramente, relativa e depende dos olhos de quem a vê.

• Capítulo 9 - Padrões de Beleza •

3) Por fim, pode ser proposto que busquem por fotos antigas de familiares e parentes, e observem as roupas e acessórios, dentre outras características como cortes de cabelo e maquiagens. Com isso, é possível notar como a moda é provisória e como ela exerce influência sobre os padrões de beleza da época, por muitas vezes inalcançáveis.

INDICAÇÕES:

- 1) “Educação na Sala de Aula: relações de gênero orientação sexual, e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças” por Jimena Furlani;
- 2) “Corpo humano” da editora Ciranda Cultural;
- 3) Episódio “Beleza” série Explicando, Netflix.



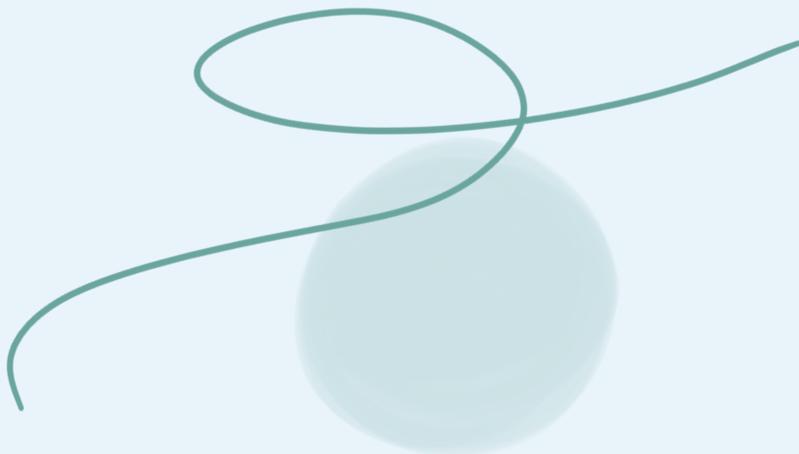
REFERÊNCIAS

BALZAN, Débora. **A imagem do feminino**: Interfaces com Vênus. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. p. 1-78.

BOTTICELLI, Sandro. **The Birth of Venus (1484)**. Google Arts and Culture.

VALIENTE, Carina; SELLES, Sandra. **Representação de corpos humanos em livros didáticos de Ciências em perspectivas históricas**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 16.

WOLF, Naomi. **“O mito da beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres”**. Rocco; Rio de Janeiro (1992).



PORNOGRAFIA

Por Theo Christini Grothe Mees, Lucca
Corrêa Da Silva e Sergio Pedro Carpeggiani



Histórico da Pornografia no Brasil

Ao falar sobre pornografia, somos capazes de imaginar produções com características específicas, reconhecendo aquilo que a pornografia é ou deixa de ser. Muitas vezes, a definição do tema pode englobar tudo que envolve sexo ou até mesmo nada que remeta a ele. Ainda que seja fácil reconhecer o que é pornografia, definir em um conceito específico é consideravelmente complicado. Um dos principais motivos para isto é que a pornografia muda e se transforma ao mesmo que a sociedade também o faz. Não é para menos que cada vez mais se inventam novos jeitos de consumir a pornografia, sobretudo nas mídias digitais. Um exemplo atual é a plataforma digital “Onlyfans”, que apesar de não ter seu uso restrito à pornografia, não está livre da mesma e majoritariamente se sustenta sobre tal. Nesse ponto surgem dois aspectos primordiais do assunto: o consumo e o papel das mídias.

Apesar de sua data de surgimento divergir na literatura, no Brasil, a pornografia enquanto gênero literário ou categoria de representação visual, surge em meados do século XIX (Hunt, 1999; Cunha, 1996; Pelletan, 1863, Mello, 1870).

• Capítulo 10 - Pornografia •

Inicialmente, a palavra se relacionava a escritos e relatos sobre prostitutas e/ou prostituição, sendo um rótulo sob o qual se agrupavam tanto obras com cenas eróticas ou alusões sexuais quanto obras de teor explícito. Além disso, caso uma publicação e/ou obra literária fosse vista como “imoral” por uma determinada classe e seus ideais (El Far, 2004; Mendes, 2016; Mendes, 2017), a mesma era categorizada como “pornografia” independente de sua linguagem.

Antes do século XIX, obras que seriam categorizadas como ‘pornografia’, quase sempre, era algo além (Hunt, 1999). Ao mesmo tempo que essas obras descreviam, em detalhes, orgias, genitálias e situações de erotismo e envolvimento sexual, havia uma preocupação e comprometimento com a filosofia, a política e a crítica social (Darnton, 1996; Goulemot, 2000). A pornografia, assim, andava junto com movimentos políticos de oposição à autoridade religiosa e do secularismo, construindo os ideias revolucionárias da época através da sátira social.

Durante este período, as reações opositoras a pornografia, encabeçadas por religiosos, são os principais contribuidores para a configuração da pornografia (Abreu, 2011, 2016; El far, 2004, 2007).

• Capítulo 10 - Pornografia •

Ao escrever a respeito, delimitando os seus limites, proibições e censuras, conservadores adotaram critérios que caracterizaram socialmente, mesmo que negativamente, a pornografia (Alter, 1883; Hunt, 1999).

Com a massificação do termo, fomentado pelos discursos de oposição e reprovação religiosa, a pornografia passa a ser uma preocupação moral, e não apenas religiosa e política, como nos séculos anteriores. A pornografia, então, só se torna possível a partir de um processo onde as descrições do sexual e do moral passam a delimitar o comportamento, tanto público, quanto privado (Hunt, 1999).

Os discursos e políticas anti-pornografia, juntamente com a popularização do livro durante 1880 e 1890, acabam por incitar não só uma rejeição moral a essas obras, mas também um interesse em seus conteúdos sexuais. As pessoas passam, então, a se interessar pela literatura pornográfica devido ao sexo, independente do seu conteúdo além do mesmo (El far, 2004; Mendes, 2016). Nesse contexto, a literatura pornográfica acaba passando por um processo que leva a sua associação e redução a somente excitação sexual.

• Capítulo 10 - Pornografia •

Outro ponto importante a se destacar, é que esse processo de categorização da pornografia, foi intimamente associado com a sua popularização via imprensa. Sem a popularização do livro e sem o acesso do grande público a tais livros, a pornografia não se realiza como tal. É justamente tal popularização que acaba por tornar as produções pornográficas uma demanda do mercado, culminando, séculos depois, num mercado bilionário.

“A pornografia, em língua portuguesa, nasce atrelada à mercadoria participando, nesse sentido, do mundo capitalista e da modernidade.”
(FERREIRA, 2011)

Além da pornografia escrita, no início do século XX, passasse a ter um aumento na circulação de fotografias, cartões postais e coleções de ilustrações sexuais. Começava-se, também, a exibição de filmes e peças de teatro com cenas mais explícitas (El far, 2004). Ao final do século XX, no cinema brasileiro um dos principais gêneros cinematográficos eram as “porno-chanchadas”, uma comédia de humor simples e popular permeada por cenas de sexo.

• Capítulo 10 - Pornografia •

A pornografia, aos poucos, ia tomando contornos mais grossos, onde com o passar do tempo se torna uma construção e produção predominantemente masculina cisgênera com o intuito de excitar outros homens cis. Nesse contexto, determinados corpos se apresentam como um objeto cuja única função é dar prazer ao homem cis.

A pornografia atualmente

A evolução histórica da pornografia, para comportar as necessidades e as demandas do mercado, transformou a categoria em um meio de fetichização e objetificação de determinados corpos.

A realidade da categoria se modificou drasticamente ao longo de sua história, onde com o avanço da tecnologia e o acesso facilitado a internet, conteúdos pornográficos passaram a ser produzidos em escalas maiores e de forma gratuita. A exposição a tais conteúdos, nos últimos anos, também acaba acontecendo cada vez mais cedo. De acordo com um estudo, realizado pela Middlesex University London, a idade média para o início da exposição à pornografia atualmente é de 12 anos.

• Capítulo 10 - Pornografia •

Esse consumo desenfreado e não crítico da pornografia levou a dificuldades, não só individuais, como sociais, de se distinguir o sexo pornográfico do sexo real. Essa dificuldade, também fez com que comportamentos e noções não saudáveis sobre sexo e relacionamentos, como sexismo e o uso da violência, fossem internalizados e naturalizados. Nesse sentido, o consumo pornográfico acaba gerando comportamentos sexuais e relacionamentos disfuncionais.

Com a explosão da produção e comercialização destes materiais, também surgiram movimentos que eram contrários à forma que esses conteúdos estavam sendo disseminados. Tanto movimentos atrelados a questões mais conservadoras e cristãs, como grupos feministas que representavam uma luta contra a objetificação dos corpos iniciaram protestos ao longo da segunda metade do século passado e que permanecem até hoje como uma forma de resistência.

"Como falar sobre pornografia em sala de aula?"

Antes de conversarmos sobre a abordagem em si, gostaríamos de ressaltar que a proposta aqui não é passar uma ideia de proibição ao acesso a conteúdos impositiva

• Capítulo 10 - Pornografia •

de proibição é vista como improdutivo para alcançar os objetivos aqui propostos.

Muito além da proibição ao acesso a esses materiais, temos que desenvolver debates a respeito dos problemas ao acessá-los, seja pelo fato deste acesso ser precoce, ou pelo fato de como a indústria pornográfica cria e manipula situações de sexualidade e sexo que não condizem com a realidade - nem da pessoa que está assistindo e muito menos da sociedade que vivemos.

Sendo assim, evidenciamos aqui que não temos o interesse de incentivar o consumo desses materiais, entretanto temos que ter consciência que o acesso é uma realidade cada vez mais presente para jovens e adolescentes. Por esse motivo, reafirmamos que ao conversarmos com estudantes pelo viés da proibição, estaremos correndo um risco de perdermos o interesse e acima de tudo a reflexão dos atos, de forma que a aula não consiga produzir um efeito satisfatório.

Por fim, antes de entrarmos de fato no momento da abordagem temos que ressaltar que qualquer intervenção ou proposta, deve levar em consideração o perfil da turma, o local onde a escola está inserida e

• Capítulo 10 - Pornografia •

se existe a possibilidade de levar pessoas especializadas no assunto, como psicólogas, enfermeiras, médicas psiquiatras e/ou cientistas.

Em relação ao momento de abordagem, o ensino fundamental é o momento mais crítico para se tratar desse assunto por diversos motivos. Dentre eles podemos citar a idade média de exposição a pornografia, 12 anos, uma idade que implica em diferentes estágios de desenvolvimento corporal e um desenvolvimento do interesse por esse assunto. Além disso, é importante que antes do acesso a pornografia, os alunos saibam identificá-la como tal e entender os maléficis do seu consumo precoce e do vício pela mesma.

O acesso a esses conteúdos da forma como a grande maioria deles são produzidos, além de ser algo precoce, pode trazer consequências negativas para a vida pessoal dos estudantes. As pessoas têm que se descobrir com base em experiências próprias e não com base num mercado que hipersexualiza certos corpos, colocando-os como objetos de obtenção do prazer.

Dentro da BNCC encontramos espaços que permitem ao docente levar o debate sobre o assunto.

• Capítulo 10 - Pornografia •

Dentre os anos iniciais de estudo, o melhor momento para abordarmos este conteúdo se encontra durante o oitavo ano, estando amparado pelas Habilidades EF08CI08 e EF08CI09 que abordam de forma mais direta as mudanças na puberdade, uso de métodos contraceptivos entre outros.



Veja aqui (habilidades citadas na proposta pedagógica).



No ensino médio, além de ser uma fase de autodescobrimento e início de relacionamentos, surgem desafios relacionados à exposição precoce a conteúdos pornográficos, que podem distorcer a visão dos jovens sobre sexo e suas consequências.

Não há uma indicação pela BNCC de em qual ano os assuntos permeiam a abordagem da saúde individual e sexualidade. Além disso, há apenas uma Habilidade (EM13CNT207) que cita de modo geral os desafios e vulnerabilidades da juventude que podem ser enfrentados. Mesmo assim, muito pode ser retirado desse trecho, que por ser abrangente permite a ação por diversas formas.

• Capítulo 10 - Pornografia •



Veja aqui (habilidade citada na proposta pedagógica).



PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

Acreditamos que a primeira coisa a se fazer é olhar para a turma que está querendo trabalhar este assunto e pensar sobre ela, levantando alguns questionamentos: qual a realidade desses estudantes (contexto político-social-econômico); qual a faixa etária; se já houve conversas ou qualquer insinuação sobre este assunto ou assuntos afins, entre outros. Além disso, é importante estar ciente da sua relação com a turma: é uma relação já estabelecida? Esses estudantes se sentem confortáveis com você?

Todas essas perguntas têm por objetivo fazer um mapeamento da situação, tendo em vista que o assunto que será abordado é delicado e poderá

• Capítulo 10 - Pornografia •

causar algum tipo de estranhamento ou objeção por parte de colegas ou até mesmo pais.

Proposta para o Ensino Fundamental

Como forma de trazer o novo para dentro da escola, recomendamos a produção de uma dinâmica aliado a um convite para outros profissionais da saúde (física e psicológica) participarem deste momento. Uma dica é entrar em contato com a Secretária de Saúde do seu município para conseguir contato de pessoas que já trabalharam com isso.

Entretanto, é importante que os estudantes já tenham sido apresentados ao conteúdo.

Para isso, pode-se usar uma dinâmica, de reflexão sobre consequências do consumo da pornografia. Desta forma é interessante que usem dados sobre o consumo e os seus malefícios, além da visão que eles apresentam às mulheres cisgênero e transgênero.

A introdução de uma caixinha de perguntas, como forma de evitar o constrangimento e o receio dos alunos em relação ao tema, é uma forma interessante tanto de introduzir o assunto,

• Capítulo 10 - Pornografia •

mapeando os conhecimentos da sala de aula, quanto tirando dúvidas pertinentes que os mesmos possam ter em relação ao tema. A ideia aqui é novamente que a conversa não seja proibitiva, mas informativa e que deixa uma brecha para a pessoa que irá conversar sobre o assunto possa abordar os temas.

Proposta para o Ensino Médio

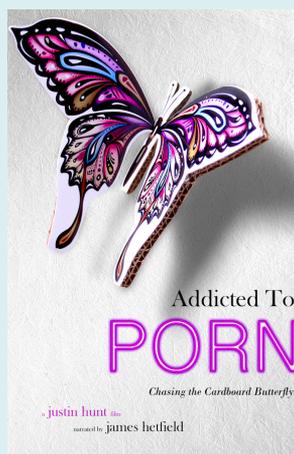
De modo geral, podemos afirmar que os adolescentes aqui já possuem um maior entendimento sobre o assunto, entretanto o que se espera é uma visão não problematizada sobre o consumo de pornografia.

Nesse sentido, para este público, pensamos em algo mais prático e visual com uma maior possibilidade de causar impactos positivos capazes de gerar reflexões.



• Capítulo 10 - Pornografia •

Para isto, selecionamos a série “Hot Girls Wanted: Turned On” e o filme “Addicted to Porn: Chasing the Cardboard Butterfly” que podem ser apresentados como forma de problematizar o assunto.



Eles poderão ser selecionados conforme a disponibilidade do horário de apresentação, deixando um tempo para a realização de reflexões ou produção de trabalhos sobre o assunto.

É importante lembrar que é sempre interessante permitir que os adolescentes possam expor suas percepções, se estão de acordo ou não com o que foi apresentado, se foi algo que chamou a atenção ou que tenham um espaço para qualquer outro comentário que possa ser feito.

• Capítulo 10 - Pornografia •

Além disso, recomendamos fazer uma introdução sobre o conteúdo de modo que desperte a curiosidade. Este momento poderá ser feito com perguntas norteadoras, leituras de textos ou até mesmo o uso de slides com frases de impacto que façam com que esses estudantes leiam e possam ser livres para ter suas reações. Sejam elas de espanto ou com piadinhas e comentários, uma vez que é perfeitamente normal que tais situações ocorram quando se trata deste assunto. O importante aqui é conquistar a atenção da turma para então apresentar os vídeos.



REFERÊNCIAS

Abreu, M. **O templo de Jatab: um romance licencioso** publicado pela Impressão Régia do Rio de Janeiro. Floema, ano VII, n. 9, p. 193-215, jan./jun. 2011.

Abreu, M. **Uma comunidade letrada transnacional: reação aos romances na Europa e no Brasil**. In: ABREU, M. Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos. Campinas: Editora Unicamp, 2016.

Alimonda, Julia Dias. **Escancarando o sexo: pornografia e feminismo em diálogo**. Monografia, UFF - Niterói, 2019.

Alter. **Livros a ler**. Revista Illustrada, Rio de Janeiro, n. 340, 28 de abril de 1883a.

Alter. **Livros a ler**. Revista Illustrada, Rio de Janeiro, n. 358, p. 6-7, 20 de outubro de 1883b

Cunha, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico** Nova Fronteira da língua portuguesa. 2. ed. 8. imp. (1997). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

• Capítulo 10 - Pornografia •

Darnton, R. **Sexo dá o que pensar**. Trad. Samuel Titan Jr. In: NOVAES, A. (Org.). *Libertinos libertários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 21-42.

El Far, A. **Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870- 1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

El Far, A. **Crítica social e idéias médicas nos excessos do desejo: uma análise dos “romances para homens” de finais do século XIX e início do XX**. *Cadernos Pagu*, São Paulo, n. 28, p. 285-312, janeiro-junho de 2007.

Fernandes, Eduardo. **Depressão, ansiedade e distanciamento social: os males da pornografia. os males da pornografia**. 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/revista-do-correio/2023/07/5106568-depressao-ansiedade-e-distanciamento-social-os-males-da-pornografia.html>. Acesso em: 25 out. 2023.

Fernandes, Sérgio Leon Oliveira; Batista, Fernanda Rúbia; Rovetta, Isabela. **Pornografia e saúde sexual masculina: uma revisão narrativa de literatura**. ANAIS DO I SIMPÓSIO DE SAÚDE SEXUAL DA PUC MINAS (FORMATO ONLINE)–I SIMSSEX, p. 15.

• Capítulo 10 - Pornografia •

Ferreira, D. W. **Pornografia: contornos sócio-históricos do vocábulo em língua portuguesa.** Revista (In)visível, edição zero, p. 46-56, set. 2011.

Goulemot, J.-M. **Esses livros que se lêem com uma mão só: leitura e leitores pornográficos no século XVIII.** Trad. Maria Aparecida Corrêa. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

Hunt, L. **Obscenidade e as origens da modernidade: 1500-1800.** In: HUNT, L. A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800. Trad. Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 1999. p. 9-46.

Mendes, L. **Biblioteca do solteirão: o livro pornográfico nas conexões Brasil-Europa no final do século XIX.** In: ABREU, M. (Ed.). Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos. Campinas: Editora Unicamp, 2016. p. 337-364.

Mendes, L. **Livros para homens: sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX.** Cadernos do IL, Porto Alegre, n. 53, p. 173-191, janeiro de 2017.

• Capítulo 10 - Pornografia •

Mendes, T. S. F. **Da lascívia seleta: uma análise das antologias brasileiras de poesia erótica.** 2017. 82 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017.

MELLO, M. de. **Publicações a pedido e o catalogo do Gabinete Portuguez de Leitura e o Sr. Paulo José Faria Brandão, doutor encyclopédico.** *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 40, n. 139, p. 2-3, 22 de maio de 1870.

Mendes, Thales Sant'Ana Ferreira. **Livros, imprensa e obscenidade: a invenção da pornografia no Brasil.** *Revista Memento*, v. 10, n. 1, 2019.

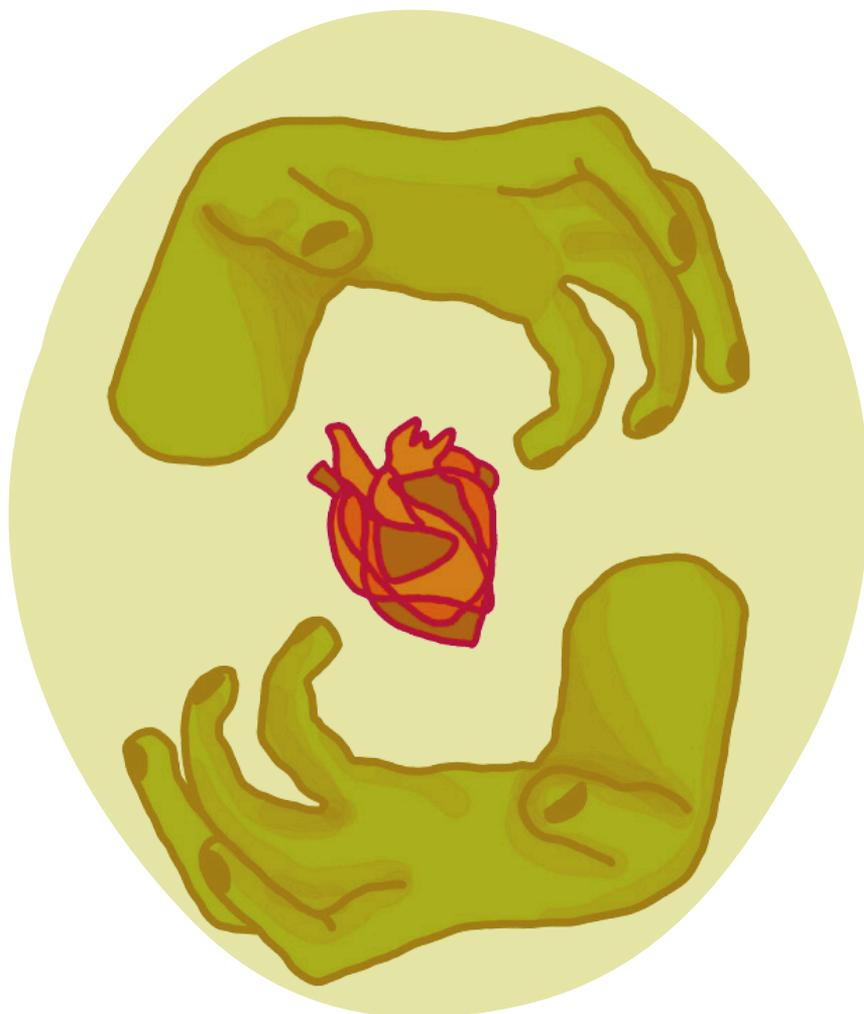
PELLETAN, E. A bolsa. *Diário de Pernambuco*, ano XXXIX, n. 292, 21 de dezembro de 1863.

Ribeiro, Raisa D.. **O que pesquisas sobre vício em pornografia revelam sobre o consumo a médio e longo prazo.** 2023.

Simões, Isabela Francisco¹ et al. **Impactos do acesso à pornografia na vivência da sexualidade humana.** ANAIS DO I SIMPÓSIO DE SAÚDE SEXUAL DA PUC MINAS (FORMATO ONLINE)–I SIMSSEX, p. 29

RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

por Leticia Lidia Voltolini, Thai Tolezani
e Juan Cesar Kochhann



• Capítulo 11 - Relacionamentos Abusivos •

Os relacionamentos abusivos são uma realidade que afeta pessoas em todo o mundo, independente de idade, gênero, raça ou orientação sexual. A compreensão desses relacionamentos é crucial para a promoção de relacionamentos saudáveis e a prevenção da violência. Uma característica importante dos relacionamentos abusivos é que, frequentemente, o abuso começa a partir de abusos psicológicos antes de progredir para abusos físicos, se for o caso.

O abuso psicológico é uma forma de violência que deixa cicatrizes invisíveis e profundas nas vítimas. Ele pode assumir muitas formas, incluindo humilhação, manipulação, “gashlighting”, controle excessivo, isolamento social e constante desvalorização. A pessoa agressora, muitas vezes, procura minar a autoestima e a confiança da vítima, criando um ambiente de medo e dependência emocional.

“Gashlighting”, segundo Liguori (2015) é uma violência emocional realizada através da manipulação psicológica, na qual a vítima e todos ao seu redor começam a desconfiarem que ela enlouqueceu ou que é incapaz. De tal forma que, a pessoa abusadora ganha poder e controle sobre a vítima. Um aspecto do abuso psicológico é que ele pode ser difícil de detectar no início do relacionamento.

• Capítulo 11 - Relacionamentos Abusivos •

A pessoa agressora pode se apresentar como charmosa, amorosa e atenciosa, mas gradualmente começa a exercer controle sobre a vida da vítima, limitando sua liberdade, monitorando suas ações e diminuindo sua autonomia. Isso cria uma dinâmica de poder desigual no relacionamento.

O abuso psicológico muitas vezes atua como uma porta de entrada para o abuso físico. À medida que a pessoa agressora percebe que pode controlar a vítima emocionalmente, ela pode se sentir mais à vontade para usar a violência física como uma ferramenta de controle adicional. Isso pode começar com empurrões, tapas, ou outros atos de agressão que podem, com o tempo, evoluir para formas mais graves de violência, como socos, estrangulamentos ou ferimentos graves.

É importante entender que o abuso físico é apenas uma manifestação mais visível de um relacionamento abusivo que já estava enraizado no controle e na manipulação psicológica. Muitas vítimas de abuso físico relatam que os abusos emocionais foram igualmente traumatizantes e dolorosos.

A conscientização é a primeira etapa essencial para romper o ciclo de abuso. É crucial que as vítimas,

• Capítulo 11 - Relacionamentos Abusivos •

bem como suas famílias e amizades, reconheçam os sinais de abuso psicológicos e físico e busquem ajuda. Existem recursos disponíveis, como linhas diretas de apoio às vítimas de abuso e organizações que oferecem suporte psicológico e jurídico.

Além disso, a educação é uma poderosa ferramenta na prevenção de relacionamentos abusivos. É fundamental ensinar jovens sobre relacionamentos saudáveis, consentimentos, respeito mútuo e como identificar sinais de abuso desde cedo. Isso pode ser feito em escolas e comunidades, para criar uma sociedade mais consciente e capaz de tomar medidas para interromper o ciclo de abuso.

Em última análise, a prevenção e a conscientização são fundamentais para combater o problema dos relacionamentos abusivos. Reconhecer os diferentes tipos de abusos psicológicos e seus danos associados são fundamentais na mitigação e prevenção.

Além disso, reconhecer que o abuso geralmente começa a partir de abusos psicológicos é um passo importante para interromper essa progressão devastadora e promover relacionamentos baseados no respeito, amor e dignidade.

Diferentes tipos de abuso

- O **abuso verbal** é uma forma de violência que envolve o uso de palavras cruéis, humilhantes, ameaçadoras ou insultantes para ferir emocionalmente a vítima. Pode incluir gritos constantes, xingamentos, menosprezo e a manipulação das palavras para controlar e dominar a outra pessoa. Esse tipo de abuso deixa cicatrizes emocionais e frequentemente precede outros tipos de abuso.
- O **abuso emocional e psicológico** é menos visível, mas igualmente prejudicial. Envolve o controle da mente da vítima, minando sua autoestima e confiança. Isso pode acontecer através da manipulação, “gashlighting”, isolamento social, desvalorização constante, chantagem emocional e ameaças. A pessoa agressora procura criar um ambiente de medo e dependência emocional, o que dificulta a saída da vítima do relacionamento.
- O **abuso físico** envolve o uso da violência física para controlar e ferir a vítima. Começa muitas vezes com atos menos graves, como empurrões, tapas ou puxões de cabelo, mas pode evoluir para formas mais graves de agressão, incluindo socos, estrangulamento e ferimentos graves. É importante destacar que o abuso físico é apenas uma manifestação mais

• Capítulo 11 - Relacionamentos Abusivos •

visível de um relacionamento abusivo que já estava enraizado no controle e na manipulação psicológica.

- O **abuso sexual** envolve o uso da coerção, força ou manipulação para obter gratificação sexual à custa da vítima. Pode incluir estupro, assédio sexual, abuso de poder e exploração sexual. O abuso sexual é uma violação grave da integridade da vítima e pode deixar traumas profundos.

“Relações abusivas não são exclusivas de homens contra mulheres, o inverso também é possível e também pode acontecer em relacionamentos LGBTQ e em relacionamentos não monogâmicos.”

Relações abusivas não estão confinadas a um único cenário ou configuração. Elas podem ocorrer em qualquer tipo de relacionamento, independentemente do gênero, orientação sexual ou estrutura de relacionamento. Tanto em relacionamentos heterossexuais quanto LGBTQIAPN+, bem como em relacionamentos monogâmicos ou não-monogâmicos, a dinâmica do abuso pode se manifestar de maneiras complexas e prejudiciais. É fundamental entender que o abuso pode afetar qualquer pessoa, independentemente da sua identidade de gênero, orientação sexual ou estilo de relacionamento.

PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

Proposta pedagógica para o Ensino Fundamental:

Nesta proposta pedagógica para o Ensino Fundamental, nosso foco será introduzir os conceitos fundamentais de respeito, empatia e comunicação saudável nas relações interpessoais. Reconhecendo que o respeito e a compreensão são pilares essenciais de relacionamentos saudáveis, esta abordagem será adaptada à idade dos estudantes para tornar o aprendizado envolvente e acessível.

Durante o semestre, os estudantes participarão de atividades variadas, incluindo leitura e discussão de contos e fábulas que abordam temas como respeito, empatia e amizade. Dramatizações e jogos de papel serão utilizados para simular situações cotidianas, permitindo que os alunos pratiquem habilidades de comunicação e resolução de conflitos.

Além disso, a arte será uma ferramenta poderosa para expressar sentimentos e promover a empatia. Os estudantes também terão a oportunidade de participar de debates abertos sobre respeito, limites pessoais e sinais

• Capítulo 11 - Relacionamentos Abusivos •

de relacionamentos prejudiciais. Palestrantes convidados, especializados em tópicos como “bullying” e prevenção de abuso, fornecerão informações valiosas.

Proposta pedagógica para o Ensino Médio:

No Ensino Médio, aprofundaremos ainda mais o entendimento dos estudantes sobre relacionamentos abusivos, incluindo os diferentes tipos de abuso (verbal, emocional, físico, sexual) e as dinâmicas subjacentes. Estudantes aprenderão a identificar sinais precoces de relacionamentos abusivos e a tomar medidas para prevenir o abuso em relacionamentos futuros.

Durante o ano letivo, os estudantes participarão de estudos de casos reais de relacionamentos abusivos, debates éticos sobre consentimento, respeito e responsabilidades nas relações.

Oficinas de comunicação ajudarão a desenvolver habilidades de comunicação eficaz, e se for possível, avaliando a condição de ensino e capacidade da instituição de convidar palestrantes especializados, que abordarão questões legais, recursos de apoio e saúde mental relacionados ao tema.

• Capítulo 11 - Relacionamentos Abusivos •

Em um nível mais aprofundado e dependendo da viabilidade da Instituição Escolar e da docência, estudantes também criarão projetos de conscientização sobre relacionamentos saudáveis para a comunidade escolar e realizarão visitas a instituições de apoio às vítimas de violência doméstica e relacionamentos abusivos.

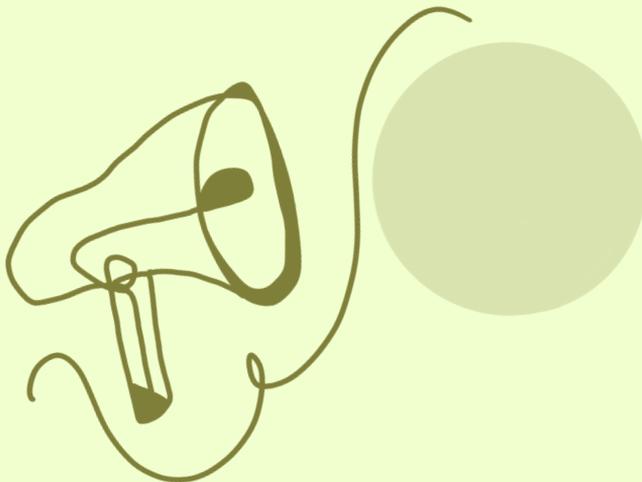
Essa proposta pedagógica visa criar uma base sólida de conhecimento e habilidades desde o Ensino Fundamental, preparando estudantes para construir relacionamentos saudáveis e reconhecer os sinais de abuso nos relacionamentos.



REFERÊNCIAS

Brasil. Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006). **Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.** Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 8 ago. 2006.

Liguori, Marina. **O machismo também mora nos detalhes.** Think Olga, 2015. Disponível em: <http://thinkolga.com/2015/04/09/o-machismo-tambem-mora-nos-detalhes/>. Acesso em: dez. 2017.



VIRGINDADE

por Gabriel Francisco Salamon



BREVE HISTÓRICO SOBRE A VIRGINDADE E A VIRGINDADE FEMININA:

A palavra virgindade é oriunda do latim, que significa força, habilidade. Essa concepção foi empregada pelos povos gregos e romanos para delimitar um referencial, através da adoração de algumas deusas de sua cultura, para os corpos femininos de suas sociedades. Das quais, Atenas, Ártemis e Héstia, eram destaques para impor, politicamente, comportamentos às mulheres, seus corpos e proles, assim seria possível conferir uma sociedade de “meninas do futuro”, ou seja, jovens que garantiriam a perpetuação de suas civilizações patriarcais (Knibiehler, Yvonne. 2016 e Sjöö, Monica, 2013).

Com a associação de religiões monoteístas às dinâmicas sociais e culturais, a virgindade recebeu novas interpretações, o judaísmo, por exemplo pregava que mulheres e homens poderiam aproveitar de relações carnavais de maneira igualitária, mas quando esta igualdade não estava presente nos lares, funções sociais e oportunidades, nas quais os homens dominavam. Com o catolicismo, a regulação da virgindade agora era espiritual e moral, portanto a igreja e seus doutrinadores normatizam a sexualidade, especialmente das mulheres.

• Capítulo 12 - Virgindade •

Ainda, alguns processos fisiológicos, como a menstruação sendo um sinal de impureza e as gravidezes sucessivas como obrigação de mulheres castas e de boa conduta.

Na Idade Média e Era Moderna, no ocidente dominado pela religião católica, a obsessão pela virgindade feminina aumentou, agora ser uma “donzela” representava mais de que um controle moral, espiritual e de corpos, agora poder e relevância social tornava as mulheres Autores: pela imagem de suas famílias perante à sociedade. Porém, quem iria articular essa responsabilidade era a figura patriarcal - pai, irmãos e outros parentes homens - e se de alguma forma essa imagem familiar fosse manchada eram os patriarcas que iriam procurar duelar por suas parentes femininas.

Com o desenvolvimento da medicina, especialmente da anatomia, essa concepção de manter as mulheres puras começou a “identificar” sinais de virgindade. O hímen recebeu papel de ser traço definitivo se uma mulher era virgem ou não, com isso, a mulher ficou mais refém de seu próprio corpo.

• Capítulo 12 - Virgindade •

No qual, cabia à ela cuidar de sua virgindade até o matrimônio e, mesmo seguindo esse processo social, seu futuro esposo poderia contestar sua “pureza” através da presença do hímen antes da cerimônia e se ele não estivesse presente a mulher poderia ser rejeitada e condenada moralmente pela sociedade, tornando-se assim seu oposto - a prostituta (Knibiehler, Yvonne. 2016 e Vasconcelos, Tânia. 2018).

Assim, essa lógica de “purificação” feminina juntou-se com a ideia de amor romântico em uma sociedade ainda regulada pela dominação masculina, o amor divino - advindo de preceitos religiosos - está misticamente no cerne do amor romântico vendido para as jovens daquela época, ou seja, estar em um relacionamento de amor romântico aproxima você do divino, não importa a infidelidade de seu cônjuge e/ou a violência na qual você é vítima, amando-o você também ama o ser divino (Knibiehler, Yvonne. 2016).

Entretanto, foi somente no século XIX com o pensamento iluminista que começou a desconstrução da santificação da virgindade, impulsionada pela laicização da sociedade, pelo conhecimento científico e pela emancipação feminina. Mesmo com essas conquistas, as mulheres ainda tinham poucas oportunidades de atuação efetiva na comunidade e nas instituições que regiam as pessoas.

• Capítulo 12 - Virgindade •

Além disso, muitas mulheres começaram a valorizar a virgindade dando espessura para a lógica de “moral higiênica” - configurada por uma vertente científica -, na qual uma “moça” é pura se ainda é virgem, submissa e fiel às suas figuras masculinas.

Esses impasses só foram perdendo importância a partir do século XIX através de eventos e/ou movimentos socioculturais, tais como:

- Declínio das vocações religiosas;
- Mudanças nas representações do feminino;
- Valorização da instrução secular e o feminismo;
- Bandeiras de educação sexual e igualdade entre os sexos.

Ademais, os momentos pós-guerras mundiais amplificaram a desimportância da virgindade feminina, pois com eles surgiram discussões sobre sexualidade e sobre as formas de desejo com intersecção da psicanálise. E a aceleração dessas discussões só foi possível pela presença de mulheres dentro das instituições de importância social, como médicas, enfermeiras, pesquisadoras, ativistas, artistas, entre muitas outras.



• Capítulo 12 - Virgindade •

Justamente a medicina e a arte colocaram destaque neste movimentos de libertação feminina, com a dissipação de métodos anticoncepcionais e a representação midiática e no cinema sobre temas como: sexo, prazer, gravidez e outros temas que mantiveram a desconstrução da virgindade. É fundamental destacar também que nos de 1990, especialmente em 1960, a Revolução Sexual proporcionou reflexões importantes sobre os papéis das mulheres na sociedade e de suas carreiras, tornando possível que houvesse planejamento familiar, desprestígio do hímen e da vergonha associada ao corpo e, finalmente, a condenação do estupro como uma forma brutal de violência (Knibiehler, Yvonne. 2016).

Por fim, Knibiehler (2016), comenta sobre se é possível afirmar que superamos a superestimação da virgindade, será que praticamos essa superação em nosso cotidiano? Mesmo com a desqualificação do patriarcado, conquista de direitos das mulheres, leis de proteção contra a violência de gênero, entre outros fatores que demonstram a fundamental importância das lutas femininas no passado, como nos comportamos sobre a virgindade? Estamos preparados para deixar esse termo no passado?

HÍMEN: “O VÉU DA VIRGEM”

O hímen é uma membrana que percorre parcialmente o canal vaginal e permite que as secreções escurram para toda a região da vagina. Esta membrana é formada no embrião e possui camadas de tecido conjuntivo e epitelial, podendo apresentar diferentes conformação, tamanhos e estratificação de tecidos.

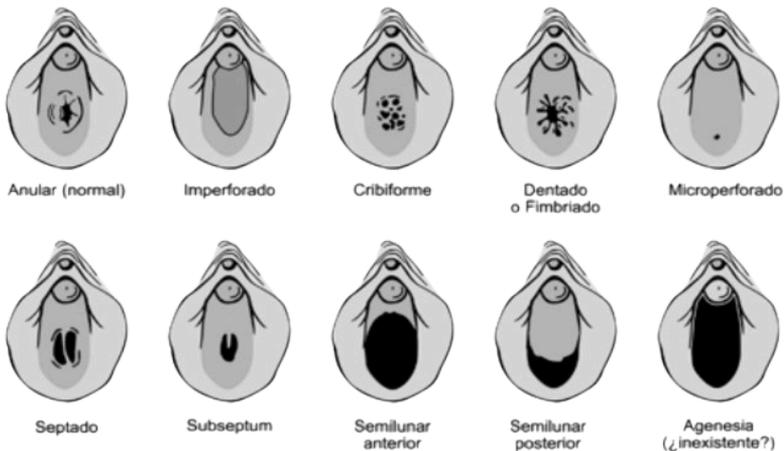


Ilustração da diversidade anatômica dos tipos de hímens

Fonte: Velásquez, 2012

Mesmo que historicamente foi atribuída uma função sociocultural ao hímen, biologicamente essa membrana não apresenta nenhuma função relevante. Mas, a desvalorização do hímen como um “símbolo” de virgindade teve um percurso complexo e opressivo para os corpos femininos.

• Capítulo 12 - Virgindade •

Assim, somente com a libertação feminina e com o feminismo que o desprestígio do hímem foi amplamente dissipado (Knibiehler, Yvonne. 2016 e Velásquez, Nelson. 2012).

VIRGINDADES: CONCEPÇÃO DE VIRGINDADE EM OUTRAS CULTURAS

Há muitas culturas que abordaram a virgindade de maneiras diferentes na construção de suas sociedades. Por exemplo, no continente africano:

"Em algumas regiões é praticada infibulação para meninas entre 2-8 anos - colocação de um anel ou outro obstáculo nos genitais para prevenir o coito, como forma de preservar a virgindade. A Clitoroidectomia e o fechamento definitivo da vagina, é realizado sem anestesia, curandeiras e parteiras, deixando-lhes uma pequena abertura para a produção de sangue e urina menstrual. Assim a vagina será seccionada com faca após o casamento ou antes da entrega para seu parceiro".

(Velásquez, Nelson. 2012).

• Capítulo 12 - Virgindade •

Já na região do iraniana pode ser observada:

Uma mistura de tradição e modernidade, mas sua cultura dominante ainda é tradicional e se orgulha da virgindade feminina. De acordo com a cultura tradicional e conservadora iraniana, as relações sexuais antes do casamento são proibidas, a virgindade feminina é uma honra, e é valioso e necessário para uma menina manter e cuidar de sua virgindade. Qualquer dano ao hímen de uma menina antes do casamento significaria uma grande catástrofe e pode ter consequências terríveis para ela e sua família (Naghizadeh, Somayyeh et.al. 2022).

Uma visão eurocêntrica a respeito da virgindade já foi apresentada em Breve histórico sobre a virgindade e virgindade feminina neste tópico. Mas é importante abordar a estruturação da virgindade brasileira, iniciando no período do Brasil Colônia, no qual o processo de colonização europeu foi fundamental para estabelecer concepções europeia sobre os povos tradicionais existentes no país e sobre os povos trazidos para este continente.

• Capítulo 12 - Virgindade •

Mas especialmente, a historiadora Priore, recupera registros históricos dos colonizadores a imponência em demonstrar espanto e indignação pois os povos indígenas “andavam mostrando suas virgindades” e não se portavam de maneira correta. Além disso, com a consolidação do cristianismo neste mesmo período, as regras de comportamento sexual e moral tornaram-se imposições epistemicidas para muitos desses povos, acarretando consequências socioculturais estruturantes, as quais podemos perceber reflexões nas dinâmicas em que estamos inseridos atualmente.

VIRGINDADE MASCULINA E LGBTQIAPN+ EXISTEM?

A virgindade masculina começou a ser estudada recentemente e apresenta características diferentes da virgindade feminina. Em um estudo realizado com adolescentes de sexo biológicos diferentes, concluiu-se que os adolescentes do sexo masculino iniciam suas práticas sociais mais precoces em comparação as mulheres. Além disso, é comum que estudos destacam que “as necessidades sexuais masculinas são percebidas como mais fortes e menos passíveis de controle”, assim homens precisam estar prontos para “perderem” sua virgindade o mais cedo possível.

• Capítulo 12 - Virgindade •

Quando esses aspectos transpassam dentro da comunidade LGBTQIA+ conseguimos observar fatores importantes referentes a virgindade e relações sexuais. Um estudo pioneiro no tema de “perda” da segunda virgindade em pessoas LGB - Lésbicas, Gays e Bissexuais - apresentou importantes informações sobre como esse tema merece mais visibilidade e estudos posteriores sobre mais essa maneira divergente de experienciar a virgindade.

Tal pesquisa foi realizada com LGBs que tiveram relações sexuais com ambos os gêneros - binários - e como esses momentos foram vivenciados através dos aspectos socioculturais da virgindade. Então, foi evidenciado que pessoas gays e bissexuais possuem menos estigmas relacionados a virgindade com parceiros do mesmo sexo do que quando comparado com parceiros do sexo oposto, já as mulheres lésbicas não houve uma diferença significativa entre as duas experiências de “perda” da virgindade. (Babin, Coady. 2021).

Essas indagações corroboram com a ideia de Silva (2017) em que o homoerotismo sofreu muitos impactos maléficos na estruturação do patriarcado e do machismo no Brasil, especificamente para os homens que se relacionam com outros homens, visto que a figura do

• Capítulo 12 - Virgindade •

“passivo” em uma relação homoerótica está conectada com esteriótipos de submissão e fragilidade.

O autor ainda explica que mesmo depois de 1973, quando a homossexualidade deixou de ser uma doença reconhecida pela ONU (Organização das Nações Unidas) mesmo que...

...“a questão da virgindade anal associada à masculinidade seja um tabu mundial. No entanto, parece mais acentuado nos países de cultura machista, a exemplo do Brasil.”

Por fim, com as pesquisas que este trabalho é possível indagar que a virgindade dentro da comunidade LGBTQIA+ está relacionada com estereótipos de gênero e sexualidade da sociedade que essas pessoas estão envolvidas e, ainda que o processo de compreensão da virgindade estava enredado com uma maior exploração e eventual validação da identidade sexual. Porém, é necessário mais pesquisas neste âmbito, pois não existem muitos trabalhos científicos relatando experiências sexuais e/ou de virgindade para pessoas transexuais e transgênero, pessoas não-binárias, agênero entre muitas outras. (Babin, Coady. 2021 e Silva, Valdeci, 2007).

PROPOSTA PEDAGÓGICA

- Sugestão de atividade: Cine-Debate: VIRGINDADE (Brasil, 2015). Classificação Etária: 14 anos,
- Sinopse: Se pudesse, eu voltaria a ser uma criança, só pra poder fazer mais do que eu já fiz quando era pequena!

A atividade de problematização sobre a virgindade pode ser iniciada como documentário autobiográfico VIRGINDADE (Brasil, 2015). Este curta-metragem pernambucano, foi escrito, produzido e dirigido por Chico Lacerda. No filme de aproximadamente 15 minutos, Chico Lacerda, narra suas lembranças sexuais.



**Use este
QRcode e
acesse a obra
original!**

Além disso, é importante trazer mídias relacionadas à virgindade de um modo geral, como notícias, episódios de séries, post, reels, entre outros. Logo após dividir as pessoas participantes em pequenos grupos e distribuir essas mídias para eles.

• Capítulo 12 - Virgindade •

Dado um momento de análise das mídias e de discussão interna do pequeno grupo é possível então iniciar o debate sobre o tema:

Sugestão de perguntas-chaves:

1. Pessoas LGBTQIA+ experienciam a virgindade da mesma maneira que pessoas heterocisnormativas?
2. Existe diferença entre virgindade masculina e virgindade feminina? Se sim, quais são as principais diferenças?
3. Qual a sua opinião sobre procedimentos cirúrgicos relacionados com a virgindade? Sobre a Clitoroidectomia ou a Himenoplastia - reconstituição do hímem.



Fonte: Lacerda, C.; 2015.

4. Como o hímem serviu como ferramenta de controle do corpo feminino no passado?

5. Será que superamos mesmo a virgindade? Ou será que ela é importante nos dias atuais?

6. Será que a virgindade é universal?

• Capítulo 12 - Virgindade •

Por fim, será necessário conduzir um fechamento com as principais ideias compartilhadas no debate realizando uma associação com o curta e com as mídias distribuídas.



REFERÊNCIAS

BABIN, Coady; HUMPHREYS, Terry. **Virginity beliefs in lesbian, gay, and bisexual individuals experiencing same- and different-sex “first” times.** The Canadian Journal Of Human Sexuality, [S.L.], v. 30, n. 3, p. 397-409, 1 dez. 2021. University of Toronto Press Inc. (UTPress). <http://dx.doi.org/10.3138/cjhs.2021-0029>. Disponível em: <https://www.utpjournals.press/doi/abs/10.3138/cjhs.2021-0029role=tab>. Acesso em: 22 out. 2022;

BORGES, Ana Luiza Vilela. **NORMAS SOCIAIS DE INICIAÇÃO SEXUAL ENTRE ADOLESCENTES E RELAÇÕES DE GÊNERO.** 2008. 8 f. Tese (Doutorado) - Curso de Enfermagem, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/5P7W446p7QbTfBYzyGWxcFb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 out. 2022;

NAGHIZADEH, S., Maasoumi, R., Khalajabadi-Farahani, F. et al. **Development of strategies to promote healthy sexuality based on Iranian girls perspective about the role of virginity in the construction of their sexuality: an explanatory sequential mixed method study protocol.** Reprod Health 19, 51 (2022). <https://doi.org/10.1186/s12978-021-01299-1>;

• Capítulo 12 - Virgindade •

PRIORE, Mary del. **Histórias da gente brasileira: colônia.** Rio de Janeiro: Leya, 2016. 432 p. 1 v;

SILVA, Valdeci., (2007), "**A visibilidade do suposto passivo: uma atitude revolucionária do homossexual masculino.**" Revista Mal-estar E Subjetividade, Vol. VII, núm.1, pp.71-88 [Consultado: 30 de Agosto de 2023]. ISSN: 1518-6148. Disponível em : <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27170106>;

SJOO, Monica. **The Great Cosmic Mother: rediscovering the religion of the earth.** Bristol: Harpecollins, 2013. 867 p.





**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**



PET UFSC
biologia

ISBN 978-85-8328-257-0